



MENSÁRIO DO NORTE
DO DISTRITO DE LEIRIA

JORNAL de FIGUEIRÓ DOS VINHOS

ANO XV • 169 • MARÇO DE 1996

DIRECTOR — ANTÓNIO MENDES ANTUNES

DIRECTOR-ADJUNTO — CARLOS MARTINHO SIMÕES

PREÇO 100\$00

VISEU
TAXA PAGA

JORGE SAMPAIO É O NOVO CHEFE DE ESTADO



Cumprindo data e hora marcadas, o dr. Jorge Sampaio tomou posse do cargo de Chefe do Estado português.

Compareceram à cerimónia as mais distinguidas individualidades nacionais e estrangeiras, tendo o novo Presidente da Repúbli-

ca outorgado, ao Presidente cessante, o Grande Colar da Ordem da Liberdade, a primeira do género a ser recebida por um português.

"Nada me poderia ser mais grato do que receber esta condecoração, precisamente neste dia que marca uma transição democrática normal em democracia" — comentou Mário Soares.

Também Maria Barroso foi homenageada pelo seu contributo como primeira-dama, mãe e mulher exemplar. Homenagem prestada pela Federação de Mulheres Empresárias e Profissionais de Portugal, que, por coincidência, se realizou no Dia Mundial da Mulher. Maria José Ritta, Esposa de Jorge Sampaio, salientou "a sua capacidade de perceber a sociedade numa associação, por vezes difícil de conseguir, que reúne a inteligência e a sensibilidade. E, sem dúvida, um exemplo e um património para quem tem a honra de lhe suceder".



XADREZ

ASSOCIAÇÃO DESPORTIVA
DE FIG. VINHOS



FOI CAMPEÁ DISTRITAL

A Associação Desportiva sagrou-se uma vez mais, Campeã Distrital de Xadrez, a nível federado. (Época 95/96).

Na verdade, nesta prova disputada no sistema de Poule, a uma volta (isto é todos contra todos) a equipa da A. Desportiva esteve ao seu melhor nível, vencendo categoricamente todos os seus adversários.

A A. Desportiva vai agora disputar a nível da zona centro do País o Zonal, prova esta disputada entre os campeonatos distritais de Leiria, Aveiro, Viseu, Guarda, Castelo Branco, Coimbra e Santarém.

Sob a orientação do Delegado Técnico João Rocha, a A. Desportiva obteve os seguintes resultados:

Cont. na Pág. 8

UMA REFLEXÃO NECESSÁRIA

Pág. 3

CREDIBILIDADE E FACILITISMO...

Pelo
Coronel Manuel Bernardo

Pág. 7

DIVULGANDO O XADREZ

Pelo
Dr. Álvaro Gonçalves

Pág. 9



A DUPLA RUI MADEIRA / NUNO SILVA FORAM OS GRANDES VENCEDORES

Texto e Imagem
de
António Nunes e Miguel Rovinho

A equipa Rui Madeira/Nuno Silva venceu a edição de 1966 do Rally Tap Portugal.

Um rally do qual pouco se esperava em termos competitivos, mas quem não pôde assistir ao desenrolar da prova, uma vez que o vencedor, apesar da sua liderança logo a partir do 4º troço da 1ª etapa, nunca esteve certo do resultado final. Saliente-se o facto de Rui Madeira e o seu Toyota terem arrebatado 2 segundos ao recorde da 34ª prova de classificação, a última a ser disputada, precisamente no troço de Figueiró dos Vinhos, e que pertencia a Carlos Sainz, desde o ano passado, quando esse piloto disputava o primeiro lugar a Juha Kankunen.

Mas se, como em outros anos, o rally não arrastou multidões, os verdadeiros entusiastas da modalidade não faltaram à chamada, constituindo moldura suficientemente entusiástica e responsável, pronta a aplaudir os seus ídolos e principalmente o campeão mundial de grupo produção 1995, que é português, vive em Almada, que pela primeira vez conduzia um carro de grupo A e necessitava de mais do que sorte para vencer esta prova, onde figuravam grandes nomes do automobilismo nacional e internacional.

Primeira nota explicativa:

GRUPO A

Também designados por "TURISMO", os automóveis deste tipo caracterizam-se por um nível de preparação bastante elevado, quer ao nível mecânico, quer ao nível da estrutura.

Deste grupo fazem parte todos os primeiros classificados do rally TAP, tais como os Toyota Celica GT Four, o Ford Escort cosworth ou o Subaru Impreza. Todos eles derivam de modelos comercializados para o público, em geral, possuindo como características básicas, a tracção permanente às quatro rodas motrizes, o motor com um máximo de 2000cc turbo alimentado e uma potência máxima da ordem dos 300cv.

Ao nível da F2, o único campeonato mundial para o qual o rally contava este ano, a Seat seria a grande vencedora, embora só depois

Cont. na Pág 10

ONDA DE ASSALTOS ÀS CAPELAS DA NOSSA REGIÃO

Desde algum tempo até esta data, tem-se verificado na nossa região uma onda de assaltos a capelas.

A primeira de uma lista é a capela do Bom Jesus da Sobreira, que anteriormente foi notícia neste Jornal, o seu assalto na noite de 5 para 6 de Fevereiro, onde roubaram parte da talha dourada destruindo outra parte, havia sido restaurada há pouco tempo, pensa-se que por ser situada em sítio ermo seria fácil de roubar.

Pois bem desta vez não foi por estar isolada que a capela de S. Pedro foi sacada na noite de 10 para 11 de Março. Os larápios

apenas roubaram um cofre de madeira ao que parece com pouco dinheiro.

A maneira de entrar para roubar quase sempre é a mesma, descobrindo algumas telhas do telhado, está a porta feita, e assim entram sem dar muito nas vistas.

Também foi assaltada a capela da localidade de Cabeças.

Pois é parece que os larápios vêm a telenovela da noite onde também alguns episódios atrás assaltaram uma capela, daí pegou moda e desde então os nossos Santos não tem tido descanso, denotando assim uma total falta de respeito aos princípios da religião Cristã.

Quando até eles dizem que estão na lama...

QUE GOVERNO TERIA O DESPLANTE DE TIRAR AO POVO PARA DAR AO FUTEBOL?

...onde há jogadores, especialmente importados do estrangeiro, que ganham o equivalente a 100 salários mínimos nacionais!

por Alfredo Farinha

Para os leitores que, eventualmente, possam ter estranhado o tom azedo e pessimista das minhas crónicas anteriores, relativamente ao presente e ao futuro do arquiprofissional futebol português, repito as palavras de Gaspar Ramos, vice-presidente do Benfica, em resposta a uma pergunta do jornalista, em recente programa de televisão: "Sim, é verdade que o futebol está uma lama".

Imagina-se o esforço que um homem da sua posição na hierarquia do futebol de clubes profissionais e, por isso mesmo, enterrado até às orelhas nas responsabilidades do descaminho que pode levá-lo à insolvência financeira, ao desprezo do público e até ao aniquilamento total, terá tido de fazer, para admitir uma coisa que, sendo óbvia e já nada recente, nenhum dirigente da sua estatura hierárquica tivera, antes, a coragem de reconhecer. A verdade, todavia, é que a referida expressão de Gaspar Ramos fica, ainda, muito aquém da triste realidade dos factos. A verdade é que, "na lama", está o futebol profissional — não aquele que se joga dentro das quatro linhas, mas o outro, o periférico, o que se disputa nos gabinetes dos dirigentes que mandam de facto em tudo — há vários anos, tantos como os que têm de vida essa criminosa utopia de querer que os clubes de um dos países mais pobres e atrasados da Europa possuam equipas tão bem apetrechadas e tão principescamente pagas, pelo menos, como os maiores de Itália, França, Alemanha e, mesmo da nossa fortíssima e riquíssima mana de aqui ao lado, a Espanha.

Que "o futebol está uma lama" já não constitui, pois, novidade e, muito menos ainda, uma imagem fidedigna e actual do que se passa nos bastidores da bola. Lama era ele, há quatro ou cinco anos, quando o autor destas linhas não se cansou de o denunciar, perante a oposição, ou o silêncio e a indiferença cúmplices daqueles que, hoje, fingem ter feito essa descoberta. Lama era o futebol profissional há cinco anos, sem que, de então para cá, ele tenha deixado de continuar a apodrecer nessa "coisa" viscosa e nauseabunda, a que só com muito boa vontade poderá continuar a chamar-se lama. Com efeito, o Povo tem uma palavra muito mais expressiva e adequada para caracterizar essa "coisa". Precisar-se-á o leitor que alguém lhe diga qual é?...

Enzoneiros, hipócritas, inquietos por dentro, sabendo muito bem os danos irreparáveis que provocaram no futebol, que gerações de homens bons e dedicados levaram cem anos a transformar na mais aliciante e sadia distração do Povo, os dirigentes de cúpula da organização tentam, agora, pôr em acção duas formas de fugir às suas responsabilidades. Consiste a primeira em espalhar, através dos órgãos de comunicação que lhes aparam o jogo — e que são quase todos os de expansão nacional, por terem sido eles também coniventes na desenfreada propagação do erro — que são outros os responsáveis, endossando a culpa para cima dos ombros dos árbitros e dos dirigentes das associações distritais, mas acrescentando que tudo está a entrar nos eixos, agora, desde que o Estado, pela mão inepta dos

ministros e secretários tutelares do desporto português, lhes entregaram a eles — "liguistas", "autonomistas" e outros "flautistas" de pouco carácter — o comando absoluto do futebol de alta roda. Cegos e obcecados como estão, todavia, pela sua própria presunção e arrogância, parecem nem se dar conta de que, todos os dias, os jornais, a rádio e a televisão, compelidos pela natureza pública dos acontecimentos, põem a nu, perante o País inteiro, o desassossegado, a indisciplina, a violência (dentro e fora dos rectângulos), a desconfiança mútua e generalizada, o descrédito que paira sobre tudo e sobre todos (com a FIFA a ter de intervir, para puxar as orelhas a dois dos maiores clubes nacionais, exercendo uma autoridade paternalista apenas adequada a países do terceiro mundo), o clima de bancarrota a alastrar pela maior parte das colectividades que tiveram a desdita de se empenhar, até aos limites da mais pura e inevitável responsabilização criminal de quem, por estupidez ou por falta de seriedade, aceitou honrar com a sua assinatura a assunção das dívidas colossais.

E poderia ser de outro modo? Como é que as coisas poderiam mudar para melhor, desde que o Estado, abusiva e inconstitucionalmente, aliás, cedeu o poder ao grupo de dirigentes que o reclamava, se, depois, os árbitros (acusados ou suspeitos de venalidades várias) continuaram a ser os mesmos; se os dirigentes dos clubes e das associações (acusados ou suspeitos de serem os autores morais dos presumidos delitos daqueles e das recíprocas e sazonais confrontações na "família") continuaram a ser os mesmos; se os métodos de acção (tanto os desenvolvidos à luz do dia, como também e sobretudo os adoptados na sombra) continuaram a ser os mesmos; se os excessos cometidos na contratação de jogadores estrangeiros (tudo do melhor que haja na Europa, sejam os preços quais forem) continuaram a ser os mesmos?...

Francamente, meus senhores! Como é que tudo, a partir do momento em que vos foi entregue o poder, havia de ser diferente, se... nem as moscas mudaram?...

A segunda forma escolhida pelos culpados do descalabro para tentarem fugir às suas responsabilidades, particularmente no que respeita ao criminoso endividamento dos clubes, consistiu em ajoelharem-se à porta do Governo, ora implorando, ora praguejando, para que este tirasse do que falta ao Povo, em educação e cultura, em pão e habitação, em estrada e ginásio, em garantia de trabalho e de reforma, o suficiente para lhes pagar as dívidas e garantir a satisfação dos megalómanos caprichos.

Com o Governo anterior, cul-

pado de inúmeros erros (pelos quais pagou), mesmo na área do futebol, a chantagem não deu resultado. Dá-lo-á com o actual?

Infelizmente, tanto as vagas e obscuras declarações do Primeiro-Ministro, das raras vezes em que publicamente se referiu ao assunto, como as mais recentes (e não menos imprecisas e titubeantes) afirmações do Ministro das Finanças, parecem dar a entender que se prepara, na sombra, como quem antecipadamente se confessa de um delito, um tortuoso processo de ir buscar aos cofres do Estado os milhões de contos necessários para limpar as finanças dos clubes. De todos os clubes? Evidentemente que não. Apenas para limpar as finanças daqueles que, cedendo à megalomania dos seus dirigentes e ao fanatismo dos seus associados e simpatizantes, se estiveram marimbando para o dia de amanhã. E aqui está o primeiro e gravíssimo erro de tal medida, se ela viesse a ser adoptada: todo o benefício para o infractor; todos os prejuízos para o cumpridor, que limitou os gastos à medida do que tinha, que desceu ou não subiu de divisão por não ter querido contrair dívidas, que teve a preocupação de estar sempre em dia com os pagamentos dos ordenados e das contribuições para a Segurança Social. Quem os poderá ressarcir desses prejuízos, indirectos e honrosos, sem dúvida, mas reais?

A segunda e não menos deplorável consequência de tão desassizada decisão seria, inevitavelmente, a revolta, pelo menos espiritual, dos muitos milhares de portugueses que estão sem trabalho, por não querer ou não poder o Governo adiantar algumas dezenas de milhares de contos para manter as fábricas em laboração; dos muitos milhares de portugueses que yiram as casas e as colheitas destruídas pelas intempéries e não receberam, até agora, a devida ou prometida compensação financeira; dos muitos milhares de portugueses que não têm estradas, nem pontes, nem centros de saúde, e que, por isso, para tentarem fazer-se ouvir no Terreiro do Paço e em S. Bento, não têm medo de enfrentar a Polícia nas ruas, ou a Guarda Republicana nos campos; dos milhões de portugueses, em suma, que não seriam capazes de compreender como é que este Governo, tão zelosamente dado às coisas do social, incluindo o mínimo rendimento mínimo para o mínimo possível da população, teria o inqualificável desplante de tirar ao Povo para o dar ao futebol profissional, que é como quem diz, para pagar a jogadores de futebol, especialmente os estrangeiros, o equivalente, em muitos casos, a mais de cem salários mínimos nacionais.

E fiquemos por aqui. Fique o resto — que muito é — para outra oportunidade.

AS TEIAS... DO FUTEBOL

Meus amigos,

Venho hoje falar-vos de futebol e da forma como determinados elementos a este fenómeno ligados, agem e se afirmam neste complexo jogo que outrora conhecemos melhores momentos e que se vem degradando dia a dia.

Como jogador, fui alvo de injustiças e de menores considerações, mas como treinador tenho tido frustrações de igual ou maior valia do que como componente dos onze escalados para o "derby".

Além de constatar que o futebol está cada vez mais adulterado, tenho a certeza de que o mesmo não tem, nos tempos mais próximos, a Glória que conheceu em tempos passados.

Se nos Nacionais se verificam grandes lacunas, injustiças e um NEGÓCIO deveras vantajoso para os intervenientes, fora do rectângulo de jogo é claro, temos que admitir que nos campeonatos de divisões inferiores esta situação se verifica de igual forma, embora diferente, pois os valores, também eles são inferiores.

Perante este quadro, que esperanças podemos nós ter, se existem SOMBRAS, que originam este andar de cá para lá? — Somos demasiadamente pequenos para tentar alterar esta TEIA, pois as ARANHAS só conhecem os CASULOS que lhes dão o sustento para as crises socio-económicas.

Quanto mais longe a "CIVILIZAÇÃO" se encontrar de nós, maiores serão as nossas dificuldades, quer no âmbito económico quer no social, pois os "CAPATAZES" deste negócio é lá que se encontram.

Não é minha intenção pôr em causa a Idoneidade das pessoas, no entanto tenho que admitir que

existem algumas que pretendem mais o bem-estar de umas do que das outras, daí que AFIRME a incoerência de certos elementos ligados ao futebol, perante determinadas situações, nomeadamente nos jogos.

Figueiró dos Vinhos é uma Vila pacata, situada na serra e que alberga nas suas 5 Freguesias pouco mais de Cinco Milhares de Habitantes, tendo na agricultura, construção e indústria de madeira as suas principais fontes de rendimentos, nada comparado com a industrialização da zona da cidade de Leiria e arredores, curiosamente o Centro do desporto, Associação de Futebol de Leiria, ali sediada.

Quero com isto dizer, que somos económica e socialmente frágeis em relação a estes problemas e que não antevejo melhorias se não fizermos ouvir a nossa voz, o nosso descontentamento na cidade que é a capital do nosso Distrito, pois não somos inferiores em nada, somente estamos longe para nos podermos expressar e fazer-nos ouvir.

Amigos, temos que dizer BASTA, deixemo-nos de preconceitos e de pensamentos negativos perante assuntos que nos dizem respeito e que são urgentes a sua resolução, façamos ouvir a voz do nosso descontentamento, exigirmos os nossos direitos, pois as nossas obrigações, essas já nós as cumprimos, somos um povo, uma raça, um clube, uma Vila a respeitar.

Desportista amigo, por hoje é tudo, na próxima oportunidade outros assuntos serão abordados, assim Deus queira. Bem Hajam todos e até uma próxima vez.

Um Abraço Amigo
António Rodrigues

BOLETIM DE ASSINATURA

Desejo assinar o Jornal de Figueiró dos Vinhos, durante um ano, para o qual envio a importância de mil escudos.

Nome _____

Morada _____

Localidade _____

N.B. — Ao receber o Jornal de Figueiró dos Vinhos, sem o pedir e não quiser ser assinante, devolva-o, entregando-o ao carteiro da sua zona. Se o não fizer até ao terceiro número, considerá-lo-emos assinante, tornando-se, no entanto, indispensável o preenchimento do Boletim e a remessa da importância indicada.

Jornal de

FIGUEIRÓ DOS VINHOS

MENSÁRIO DO NORTE DO DISTRITO DE LEIRIA

Fundado em Janeiro de 1982



Associação de Imprensa de Inspiração Cristã

Redacção e Administração:
Travessa do Jasmineiro, 14
3260 Figueiró dos Vinhos
Telef. 52461

Propriedade:
da Fábrica da Igreja Paroquial de Figueiró dos Vinhos

Director:
P. António Mendes Antunes
Director Adjunto:
Carlos Martinho Simões

Colaboradores:
Adelaide Leitão
Alfredo Farinha
Alípio Alves Rodrigues
Dr. Álvaro Gonçalves
Ana Paula Abreu Mendes
Ana Paula Pinto
António Lopes dos Santos
Carlos M. S. Silva; Cecília Tojal
Dr. F. Carvalho Araújo
Dr. Fernando Calazans
Gustavo M.J. Medeiros
Isabel Vaz Belchior
José C. Leitão; José Lopes
José Lopes dos Santos
José M. F. Abreu Avelar
Dr. José Matos de Carvalho
Luís de Matos
Dr. Manuel Alves da Piedade
Coronel Manuel Amaro Bernardo
Mária de Lurdes Machado
Coronel Nívio Herdade
Engº Rui Manuel Almeida e Silva
Sílvia Rosa Santos

Correspondentes:
Aguda — Mário Mendes
Campelo — Pe. A. Antunes
Castanheira de Pera — SADESIL
Pedrógão Grande — Ângelo Teixeira
Agência para Publicidade e Pagamentos:
Biblioteca Municipal (junto ao Jardim de Cima) a cargo de Gustavo Manuel J. Medeiros.

Assinatura anual - 1996 - 1.000\$00

Avulso 100\$00

Tiragem 3.500 exemplares

Fotocomposição e Impressão
NOVELgráfica, Lda
Rua Capitão Salomão, 121/123
Telefs. 411299/414592
Fax 414592 — 3510 Viseu

DESPORTOS NA PÁGINA 8

Uma Reflexão Necessária

Estou a escrever estas linhas precisamente no dia mundial da mulher. Vou dedicar-lhe, por isso, este local.

Tenho sempre a sensação de que este dia não devia existir com esta finalidade. E que quando se sente a necessidade de destinar um dia em cada ano à mulher, é porque nem tudo corre bem a seu respeito. Seria certamente esta a sensação se houvesse um dia destinado ao homem.

Foi, de facto, por muitas coisas irem mal, muito mal mesmo, em bastantes partes do mundo, em relação à mulher, que se sentiu a necessidade de chamar para ela a atenção de todos, a fim de ultrapassar esses problemas.

Havemos de reconhecer que esta intenção foi, em parte, alcançada, mas não tanto quanto era de desejar.

Infelizmente, também aqui, a retórica e a superficialidade tomaram, muitas vezes, conta da efemeridade. Fazem-se lindos discursos, com alguma frequência, simples manifestações de vaidade, dão-se a algumas mulheres enaltecimentos galardões e fica no silêncio, quantas vezes, o mundo imenso dos problemas das mulheres.

E esses são problemas que, não raro, atingem a sua dignidade e desrespeito a seus direitos mais elementares; são problemas que inutilizam o seu pleno desenvolvimento, físico, psicológico, social, cultural e religioso; são problemas que obstam à integração necessária de muitas mulheres na comunidade humana em que se encontram; são problemas que a escravizam, para bem de alguns que, sem boa consciência, a exploram, aproveitando-se da sua natural compreensão e bondade.

É oportuno transcrever aqui dois pequenos trechos da carta que o Papa dirigiu em 1995 às mulheres.

Escreve o Santo Padre:

"Infelizmente somos herdeiros de uma história com imensos condicionamentos que, em todos os tempos e latitudes, tornam difícil o caminho da mulher, ignorada na sua dignidade, deturpada nas suas prerrogativas, não raro marginalizada e, até mesmo, reduzida à escravidão. E mais adiante:



"Que dizer também dos obstáculos que, em tantas partes do mundo, impedem ainda às mulheres a sua plena inserção na vida social, política e económica".

Acerca disto, muitos "oradores oficiais" nada dizem, o que vicia imediatamente a visão da realidade.

Apesar de tudo, a consciência desses problemas vai-se desenvolvendo em nossos dias, mas urge que os esforços redobrem para que a mulher seja mais respeitada na sua dignidade e nos seus legítimos direitos.

E não pensemos que estes problemas terão lugar apenas noutros continentes menos desenvolvidos do que o nosso. Estes problemas têm lugar também nesta nossa Europa evoluída e, por vezes, tão orgulhosa, e mesmo no nosso País de forte tradição humanista e cristã.

Certamente todos temos conhecimento do que se passa nos degradados bairros das nossas grandes cidades em relação à mulher, pela falta de digna habitação, de condições de higiene, de espaços verdes, de condições de saúde e de educação.

Todos temos algum conhecimento dos grandes sofrimentos que padecem tantas mulheres pelo alcoolismo, num País tão atingido por este flagelo. E não vou sublinhar, agora as graves e ruinosas consequências da prostituição...

Nem se fique a pensar que os problemas das mulheres existem somente entre os pobres e marginalizados, eles descobrem-se mesmo entre mulheres cujo estatuto social e

não faria supor.

Apesar de todos os esforços feitos e meritosos, em muitos lados, a mulher continua a ser julgada um ser menor no mundo dos humanos. É uma questão de estar atento à realidade, para o descobrir.

Também neste campo a Igreja - na pessoa dos seus sacerdotes, religiosos e leigos mais responsabilizados - deve estar mais presente no terreno, com determinação, lucidez e com muito mais agilidade para transmitir a sua proposta, a do Evangelho, enobrecedora da mulher.

Por vezes, ao ouvir certas maneiras de falar de gente da Igreja acerca da mulher, fica-se com a sensação de que se não conhece a realidade toda. Não restam dúvidas, há problemas, quanto ao abuso das capacidades de trabalho das mulheres, quanto ao seu acesso à cultura, ao descanso, ao dinheiro, à convivência, à sua legítima autonomia, etc, etc.

Em muitos casos isto não pesa suficientemente na palavra e conselho de todas as pessoas da Igreja.

Já em tempos escrevi: Em boa parte há que reformar o discurso de bastante gente da Igreja. Repito-o agora com a mesma convicção.

Vou concluir estas reflexões com a palavra da mensagem do Concílio às mulheres do mundo inteiro:

"Vós, mulheres, tendes sempre, em partilha, a guarda do lar, o amor das fontes, o sentido dos berços. Vós estais presentes ao mistério da vida que começa. Vós consolais na partida da morte. A nossa técnica corre o risco de se tornar desumana. Reconciliai os homens com a vida e sobretudo velai, nós vos suplicamos, sobre o futuro da nossa espécie. Tendes que deter a mão do homem que, em momento de loucura, tentasse destruir a civilização humana".

Neste dia, em nome da humanidade, saudemos e agradeçamos, como diz o Papa na sua carta, o "génio da mulher".

† Dom João Alves,
Bispo de Coimbra

LEMBRANDO O PASSADO

Por M. Ventura

VALORES ARTÍSTICOS DE FIGUEIRÓ DOS VINHOS

Já falámos em números anteriores de valiosas obras de arte desta Vila de Figueiró.

Aproveitamos agora para nos debruçarmos sobre outros valores artísticos que se encontram na nossa Vila.

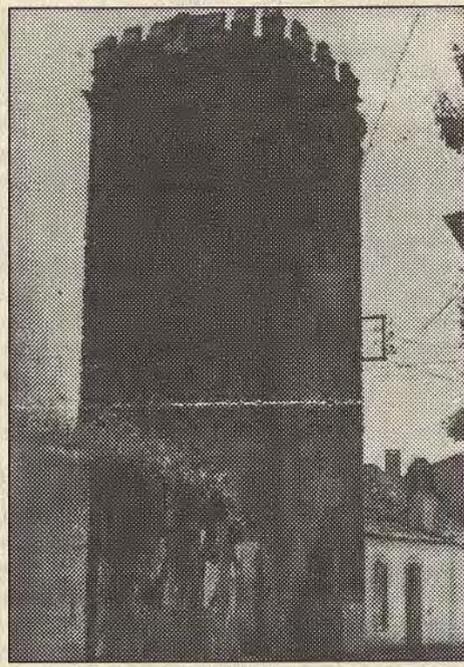
CAPELA DO BOM JESUS

Fica nos arredores da Vila, ao lado da estrada que vai para Cernache do Bonjardim. Parece ser obra dos Carmelitas. Na verdade o frontal do Altar tem o escudo carmelitano ao centro. Toda a Capela está revestida de azulejos setecentistas de ornato largo, pintados a azul sobre esmalte branco, com imagens pintadas no azulejo. O retábulo do Altar-mor é de talha dourada e policromada da mesma época, e o frontal a que já fizemos referência é também de azulejos azuis e brancos. O tecto é de madeira de três planos e o púlpito são vulgares. Não tem imagens de valor.

É provável que seja uma restauração do século XVIII de uma primitiva capela.

CAPELA DE S. SEBASTIÃO

Tem uma fachada vulgar com um arco sineiro. É uma Capela gran-



TORRE DA CADEIA

de mas sem valor artístico. Guarda, entretanto, três imagens de pedra quinhentistas, mal pintadas mas com interesse artístico. No Altar-Mor está a do Padroeiro, São Sebastião, e nos colaterais a de S. Brás com a altura de 66 cm e a de S. Roque que mede 75 cm. O púlpito e o coro são vulgares.

CAPELA DE NOSSA SENHORA DOS REMÉDIOS

Fica nos arredores da Vila, num alto, entre pinhais.

Tem um prospecto vulgar, com um arco sineiro e um alpendre lateral. O Altar-mor de talha dourada e

policromada alberga em edículas algumas imagens de pedra dos fins do quinhentismo (século XVI): ao centro, a imagem de N.ª Senhora dos Remédios (grande) e nos nichos laterais Santa Maria Madalena e São Lourenço.

Nos altares colaterais, além das imagens de S. José e de N.ª Sr.ª da Piedade, estão algumas pinturas em madeira, do século XVII. Os tectos são em madeira.

CAPELA DE MADRE DE DEUS

Situada perto da Fonte das Feiras, é uma ermida vulgar, de corpo muito alongado. Tem um só altar com uma imagem de pouco valor.

CAPELA DE SANTO ANTÓNIO

Fica no Cabeço do Pião. Foi construída há uns noventa anos. Encontra-se em mau estado de conservação e não tem nada de interesse artístico ou antiguidades de valor.

TORRE DA CADEIA

É uma torre de pedra, coroada de merlões à maneira de castelo, com uma porta de volta-redonda, sobre a qual está uma inscrição em letras góticas rudes que diz: "Na era de 1506 anos se fez esta obra sendo juizes Bento de Aguiar e Gracia Rodrigues e vereadores Gonçalo Moniz e Afonso Estevães, e procurador Gonçalo Rodrigues, valendo o pão e vinho a setenta reis".

Esta Torre fica na Rua da Cadeia, junto da antiga Cadeia Comarca e foi restaurada há poucos anos.

(Continua no próximo número)

CASOS PARA REFLECTIR

A MODA DO LAICISMO

Dizia-me alguém um dia destes: - "Um mundo sem Deus é um mundo cão".

Falávamos sobre assaltos a casas, que cada vez são mais, mesmo nos meios mais pacatos e remotos. E acrescentava: - "Se os pais mandassem os filhos à Missa e os educassem na religião não haveria estas coisas".

E eu então lembrei-me de um artigo lido há uns anos e sobre uma figura grada da nossa história deste século.

O ministro Afonso Costa, que na 1.ª República teve o desprazimento de vaticinar a destruição da Religião Católica, soube que a Suíça gozava da justa fama de possuir bons colégios, pelo que resolveu internar ali os seus dois filhos, ao tempo ainda as crianças.

Puseram-se estes a caminho, acompanhados da mãe e, uma vez chegados ao seu destino, apresentaram-se no colégio indigido. Começou-se pelo habitual preenchimento das fichas: nome, filiação, naturalidade... Mas surgiu uma aílnea com que não contavam. Foi quando o encarregado lhes perguntou em que religião desejavam ser educados.

— "Nós? - exclamaram em uníssono os dois pequenos. Em nenhuma!..."

— "Perdão, nós aqui não educamos animais, educamos pessoas. A não escolherem qual religião, nem este colégio nem qualquer outro da Suíça os receberá!"

Os pequenos retiraram-se com a mãe. Iam pensar... Então informaram imediatamente o pai sobre o desagradável percalço e ficaram aguardando, num hotel, a resposta.

E a resposta não se fez esperar:

— "Peçam que os eduquem na religião da mamã..."

Um comentário aflui inevitavelmente ao nosso espírito. Para o estadista, a Religião Católica tinha necessariamente de ser uma coisa boa ou uma coisa má. Se boa, porque alardeava querer extingui-la em duas gerações? Se má, como se compreende que quisesse os seus filhos educados nela?

Estranha incongruência a de certos homens tidos como superiores! Que esta humana fraqueza não foi exclusiva do ministro português; tem proliferado desde longa data, por várias latitudes. Um dos casos mais típicos é, sem dúvida, que teve como protagonista Littré, conhecido literato francês.

No dia em que lhe nasceu uma filha, dirigiu-se à mulher nestes termos:

— "Visto seres católica, permito que eduques a nossa menina na tua religião. Ponho uma condição, porém: quando ela fizer quinze anos, eu exponho-lhe as minhas ideias; e então ela escolherá entre as minhas ideias e as tuas."

Pode imaginar-se o que foi, durante todo esse tempo, a inquietação daquela pobre mãe, à medida que se aproximava a data fatídica: ela com uma cultura pouco acima da rudimentar, ele tido como um sábio.

Exactamente no 15.º aniversário da menina, mãe e filha, depois de comungarem e de implorarem mais fervorosamente do que nunca, o auxílio divino, apresentaram-se ao super-homem.

— "Venho cumprir as tuas ordens. Está ali a nossa filha; faz hoje 15 anos; digo-lhe que entre?"

— "Espera. Entrar para quê? Para eu lhe expor as minhas ideias? Tu fizeste da nossa filha uma criatura boa, pura e feliz. E hei-de ser eu a perturbar a sua Fé, a sua pureza, e a destruir a sua felicidade? As minhas ideias... Deixa-me com as minhas ideias, que são boas para mim. Diz-lhe que entre sim, mas para lhe fazer uma recomendação: que seja sempre o que tu dela fizeste!"

M. Ventura

MEDITAÇÃO DA QUARESMA

Simão Cireneu, como a Mãe de Jesus, a Verónica, as santas mulheres e os dois ladrões, são figuras que tomaram parte, de certa forma se integraram no drama da paixão de Cristo. É pois oportuno nesta quadra quaresmal determo-nos um pouco sobre esta figura lendária e carismática.

Quem era SIMÃO CIRENEU ou SIMÃO DE CIRENE?!

Ele chamava-se SIMÃO e era forasteiro em Jerusalém. Chegara de Cirene, na distante costa da África, para celebrar os dias santos na cidade sagrada de seus antepassados. E de repente foi apanhado na teia do destino.

Certa manhã, andando sem rumo pelas ruas, Simão encontrou-se no meio de uma grande multidão penalizada, uma multidão que seguia Um condenado — Um sobre cuja fronte sangrenta estava enterrada uma coroa de espinhos. Soldados romanos impelião o condenado e faziam recuar a multidão entristecida. Seus capacetes polidos e suas couraças reluziam à luz da manhã. O ruído das pesadas sandálias sobre a rua, o tinir das espadas curtas, o estalar dos chicotes e os gritos de "abram caminho!" enchiam o ar.

Dominado pelo terror e cheio de repulsa pelo acto que iria dentro em pouco ser praticado, Simão tentou afastar-se da multidão e voltar às ruas abertas.

Subitamente a trágica procissão parou. O condenado havia caído. E os soldados puseram as mãos em Simão. Erguendo a cruz de pesadas travessas, colocaram-na obre as suas costas. A ordem dos romanos não podia ser desobedecida.

Foi então que o condenado olhou para Simão, com aquele olhar que só um Deus podia possuir. E Simão viu a sua face pálida e torturada. E aquele olhar fê-lo estremecer, tocou bem fundo a sua alma, porque nesse olhar bondoso e cheio de com-

paixão, não havia reprovação nem censura. Então Simão compreendeu que algo se estava a passar que transcendia a sua compreensão, mas do que ele tinha a certeza era que ele e o condenado, estavam ligados para sempre, ligados por um laço tão forte quanto a morte.

Os soldados impeliram-nos para a frente. Seus chicotes estalaram, suas vozes gritaram. "abram caminho! abram caminho!" E Simão que era forasteiro em Jerusalém, pensou: "Quem será o condenado?"

Seguindo os passos do condenado, Simão carregava a cruz. E a multidão magoada acompanhava-os. E afinal chegaram àquele monte fora dos muros da cidade, aquele monte que seria o último lugar, o fim. Mas, ao alcançarem o seu cume pareceu a Simão que se tratava de um lugar sem limites. Pareceu-lhe que daquele monte se estendia um horizonte tão largo quanto o mundo. Era um lugar de começo, não de fim. E tentando compreender esse mistério Simão perguntou: "porquê?" e novamente: "quem será este condenado?"

Os soldados romanos retiraram a cruz das costas de Simão e, tão logo se viu livre ele voltou a fugir. Para esquecer a lembrança escura do seu involuntário feito, voltou correndo à cidade, esperando perder-se nas ruas populosas e nos basares alegres. Mas continuou repetindo para si mesmo "Quem será o condenado?" E porque é que o calvário se estende até aos confins do mundo? Não é um condenado como outro qualquer, isso tenho a certeza!

E então, como que impellido por um poder invisível, Simão foi arrastado através das estranhas ruas de Jerusalém, procurando resposta para essas perguntas. Caminhava sempre absorvido nos seus pensamentos. O tempo fluía sem medida. A tarde tornou-se noite. Ele continua a cami-

nhar, procurando, interrogando-se.

Tarde feita noite, como se o próprio céu o houvesse conduzido, chegou a uma casa que se erguia à sombra do muro da cidade. Não havia passado por ela antes e contudo reconheceu-a. Parou. E vendo uma luz acesa no aposento superior, subiu a escada. Batendo suavemente na porta entrou. Olhou ao redor. Onze pessoas estavam sentadas numa comprida mesa. E vendo aqueles onze, Simão compreendeu logo, por uma súbita luz interior, que a sua procura terminara. Sabia que eles entenderiam suas palavras, teriam respostas para as suas perguntas.

Então contou a estranha história e os onze ouviram tudo, atentamente, quanto Simão disse. Depois, sentando-se entre eles, à mesa, ouviu-os, a eles, por sua vez, contar a história de Jesus. Explicaram a Boanovoa que Ele Jesus havia trazido ao mundo, falaram dos milagres que Ele realizara e repetiram as lições de fé que Ele lhes havia ensinado. E então, cada um por sua vez, falaram dos últimos dias, da entrada triunfal em Jerusalém, da traição de Pedro, dos julgamentos, da condenação. Falaram da última Ceia, que apenas na noite anterior - e numa outra tinham partilhado com Ele. Ali, naquela mesma mesa, Ele lhes dera pão e vinho. Ali se havia despedido. Agora a mesa estava nua. Vazio-estava o seu lugar.

Uma vez mais Simão disse: — "Eu sabia que aquele condenado não era como outro qualquer. Disse-mo o coração quando carreguei a sua cruz. Sentio no seu olhar quando levantando o rosto desfigurado me fitou. Carreguei a cruz para Ele. Agora carregarei a sua fé, Serei seu discípulo e seu apóstolo. Nossas vidas estão entrelaçadas para todo o sempre! Um dia estarei com Ele no paraíso."

Cecília Tojal

COLUNA DE SAÚDE

Pergunta: Tive a minha filha com varicela mas gostava de saber mais alguma coisa acerca desta doença.

(Paulo Fernandes - Lisboa)

A varicela é uma das doenças mais contagiosas da infância, mas também é uma das mais ligeiras, embora por vezes possa ser perigosa.

A doença é causada por um herpesvirus chamado vírus da varicela-zoster ou vírus V-Z, agente, também, do herpes zoster ou zona.

Esta doença está distribuída por todo o Mundo, é endémica nas grandes cidades não tendo qualquer predileção por nenhum dos sexos (tanto dá nos homens como nas mulheres), nem por nenhuma raça. Há uma maior incidência desta doença no final do Outono, Inverno e Primavera. A varicela adquire-se principalmente na infância, com maior incidência entre os 2 e os 8 anos. É rara nos adultos que vivem nas cidades, mas não naqueles que vivem em meios rurais isolados. Geralmente confere imunidade permanente, sendo extremamente raro um segundo ataque (quando ocorre trata-se quase sempre de um erro diagnóstico anterior). A doença é muito rara abaixo dos três meses, visto o bebé adquirir imunidade através da placenta da mãe.

A varicela é uma das doenças mais contagiosas. A infecção

dissemina-se principalmente por contacto directo com um doente. O contágio por terceira pessoa é muito raro, bem como a transmissão por via aérea, que embora possível, não é importante. Um doente de varicela é contagioso desde um dia antes do início da erupção até que todas as vesículas tenham secado (5 a 10 dias). As crostas presentes na parte final da doença, não contêm vírus vivos.

A incubação desta doença varia entre 14 a 16 dias, podendo variar de 10 a 20 dias. Na criança a erupção cutânea começa com a doença. Nos mais crescidos (adolescentes e adultos) pode haver um período prodromico de 1 ou 2 dias com febre, mal-estar, dores de cabeça e cansaço.

A nível da pele, a doença evolui rapidamente de mácula para pápula e de pápula para vesícula e, posteriormente, é que se dá início à secagem da vesícula. Raramente a doença é vista apenas na fase de mácula ou pápula, sendo em geral as vesículas as primeiras lesões a ser detectadas. As vesículas são lesões da pele, superficiais, frágeis, que se rompem facilmente. As vesículas parecem gotas de água sobre a pele; têm um

aspecto semelhante a uma pérola. Na evolução da doença, estas vesículas secam, raramente deixando cicatriz (a menos que haja infecção secundária da vesícula ou se remove prematuramente a sua crosta).

O exantema da varicela é muito intenso no tronco e menos intenso no couro cabeludo, face e extremidades, podendo haver também vesículas a nível do palato, bem visíveis se mandarmos abrir a boca a algum doente.

Se a erupção cutânea da varicela é importante, a doença é acompanhada de febre, que pode atingir os 39-40 graus, bem como dores de cabeça, mal-estar e cansaço. O prurido é por vezes intenso e muito desagradável, levando ao rebentar das vesículas (que têm o vírus). Daqui resulta um possível contágio de outra pessoa, bem como surgem as cicatrizes, que ficam para toda a vida.

A complicação mais frequente da varicela é a infecção bacteriana secundária das lesões cutâneas, o que muito raramente constitui um problema de relevo. Tal infecção resulta em geral da coceira.

Outras das complicações da varicela e que pode ocorrer é a pneumonia bacteriana secundária como em qualquer doença infecciosa, mas também, embora raramente, uma pneumonia viral causada pelo próprio vírus V-Z.

Na grande maioria dos casos é uma doença benigna, mais desagradável quando surge na idade adulta, sendo somente de prognóstico reservado quando ocorrem complicações (o que, como dissemos, é muito raro).

O tratamento é sintomático. Podem dar-se medicamentos para diminuir a febre, se esta for elevada; podemos usar pomadas antipruriginosas se a coceira for muito intensa. As unhas devem ser cortadas rentes e mantidas limpas, tendo como objectivo evitar infecções secundárias com a coceira, bem como se deve dar diariamente um banho com água tépida e sabão, sendo preferível o duche.

Para finalizar quero dizer que não são necessárias medidas preventivas especiais para uma criança normal exposta à varicela, dada a benignidade da própria varicela. Ter a doença em idade pediátrica protege das contingências da varicela apanhada na idade adulta.

NOTA: Caso queira ver tratado algum tema nesta coluna de saúde escreva para: COLUNA DE SAÚDE — Dr. F. Carvalho Araújo — Av. Heróis do Ultramar - s/n - 1º andar — Zereiro - 3260 FIGUEIRÓ DOS VINHOS

Por falha da Redacção, não demos imagens do carro e seus acompanhantes do Centro da Vila, que se incorporaram no Cortejo do Carnaval.

Damo-las agora, com o nosso pedido de Desculpas.



DIA MUNDIAL DOS DIREITOS DOS CONSUMIDORES (15 de MARÇO)

Primeiro Ministro Presidiu à cerimónia no Centro Cultural de Belém

Comemorou-se, no dia 15 de Março, mais um Dia Mundial dos Direitos dos Consumidores, data evocativa do dia em que o então presidente dos EUA, John Fitzgerald Kennedy, se dirigiu ao Congresso enunciando os direitos dos consumidores e que se comemora em quase todo o Mundo desde 1979.

O Instituto do Consumidor promoveu, com esse propósito, uma sessão pública, no Centro Cultural de Belém (sala Calemply), presidida pelo Primeiro-Ministro, que, na abertura, fez uma alocução sobre a política dos consumidores, nomeadamente no que respeita à proposta de Lei do Governo sobre a protecção dos consumidores e às iniciativas legislativas no campo dos serviços públicos.

Sobre o tema específico das celebrações do corrente ano — "O Consumidor face aos serviços públicos essenciais" — os Profs. doutores Manuel Villaverde Cabral e João Ferrão e a dr.ª Luísa Schmidt fizeram a análise dos resultados do Inquérito Nacional sobre Serviços Públicos Essenciais promovido pelo Instituto do Consumidor.

Encerrou a sessão a ministra do Ambiente, prof. doutora Elisa Ferreira.

Foi em 15 de Março de 1962 que o então Presidente dos Estados Unidos, John Fitzgerald Kennedy, se dirigiu ao Congresso, afirmando que os consumidores constituíam o maior grupo económico "que afecta e é afectado por quase todas as decisões económicas... mas cujas opiniões não são normalmente escutadas". Na altura, o Presidente americano enunciou quatro direitos básicos dos consumidores: o direito à segurança, o direito à livre escolha, o direito a ser informado e o direito a ser ouvido. Posteriormente, a IOCU (Organização Internacional das Organizações de Consumidores) hoje

em dia denominada Consumers International (CI), acrescentou outros quatro direitos: o direito à satisfação das necessidades básicas, o direito à reparação de danos, o direito à educação e o direito a um ambiente saudável, mas é só em 1985 que a Assembleia Geral das Nações Unidas adopta as directrizes para a Protecção dos consumidores definidas por aquela organização.

Com a adopção destas directrizes, os direitos dos consumidores foram finalmente reconhecidos e legitimados internacionalmente, tanto pelos países desenvolvidos, como pelos países em desenvolvimento.

Em Portugal, os direitos dos consumidores estão formalmente consagrados no art.º 60.º da Constituição da República, (onde também se faz referência aos direitos das associações de consumidores e das cooperativas de consumo e à necessidade de a publicidade ser disciplinada por lei) e na Lei de Defesa do Consumidor (Lei 29/81 de 22 de Agosto).

Todavia, nem sempre estes direitos são exercidos e, quando assim acontece, é como se não existissem... pelo que o IC aconselha todos os consumidores a CONHECER E FAZER VALER OS SEUS DIREITOS e a recorrer aos CIAC, que funcionam junto de diversas Câmaras Municipais, ou ao Instituto do Consumidor, para se informar ou apresentar reclamação sempre que sinta que os seus direitos foram violados.

OIC lembra, ainda, que sendo a acção individual limitada, os consumidores têm todas as vantagens em associar-se para melhor defenderem os seus direitos. Em Portugal, existem várias organizações de consumidores, de âmbito regional e nacional. Por isso, os consumidores terão todas as vantagens em as contactar.

VIDA DO JORNAL

Para pagamento de assinaturas recebemos as seguintes importâncias, que agradecemos:

6500\$00 — José Paiva Vitorino - França.

5330\$00 — Julio Silva Barata Salgueiro - Amadora; Liberto Silveiro Alvaro - Almofala de Cima.

5030\$00 — Abílio M. Faria Assunção - Figueiró dos Vinhos; José Carmo Rodrigues - Enchecamas; José Martins Santos - Lisboa.

5000\$00 — José Santos Simões

4880\$00 — Alexandrino Almeida Coelho - França

4280\$00 — Alberto Assunção Lopes - Santarém; Manuel Conceição Luís - Vale da Pousada; Manuel Neves Conceição - Santarém.

4000\$00 — Estrela Serra M.F. Valente - Barreiro.

3000\$00 — Fernando Abreu Martins - Canadá; José Simões Santos - Lisboa; Lucio Santos Simões Arinto - Figueiró dos Vinhos.

2200\$00 — Luciano Abreu - Canadá

2000\$00 — Alvaro Silva Mendes - Aldeia Ana de Aviz; António Freire de Oliveira - Espinhal; Costa & Alfaca, Lda. - Lisboa; Francisco Fernandes Santos - Lavandeira; Jaime Nunes Henriques - Figueiró dos Vinhos; Manuel José Silva - Lourinhã; Maria Leonarda Araujo Lacerda - Fig. Vinhos; Maviel Jesus Gomes - Lisboa; Paulo Nunes - França; Pedro Manuel Silva Santos - Ribeira de S. Pedro.

1.500\$00 — Aurelindo Neto Lopes - Miranda do Corvo; Edite Valentim Marques Ferreira - Fig. dos Vinhos.

1400\$00 — Armando Simões Cascas - Lisboa.

1250\$00 — Isidro Conceição Carvalho - Entroncamento; Luis Raúl Mano Lopes - Cascais; Maria de Lurdes Jerónimo - Cascais.

1200\$00 — Jorge Manuel Domin-

gos Godinho - Figueiró dos Vinhos.

1000\$00 — Adelaide Conceição Agria - Aldeia Ana de Aviz; Adérito Ladeira Silva - Sacavém; Alberto Jorge Marques - Aguda; Albino Joaquim Simões Henriques - Cabeças; Almerindo Martins Nunes - Lisboa; Amandino Pontes David (Prof.) - Fig. Vinhos; Amaro Quevedo - Pedrogão Grande; Anacleto Martins Nunes - Lisboa; António Armando Carvas - Santo André; António Conceição Dias - Lavandeira; António Graça Inácio - Tomar; Armando Henriques Assunção - Moninhos; Armando Pais Costa - Tomar; Armando Rosa Lopes - Cabeças; Artur Conceição Fonseca - Bairão; Augusto Mendes - Lisboa; Augusto Rodrigues - Almofala de Cima; Carmen Godinho Paquete - Lisboa; Clarinda Conceição Borges - Olival; Claudio Jorge Jesus Nicolau - Setúbal; David Mendes - Lisboa; Deonísio Mendes Mortinho - Casal do Castanheiro; Diamantino Simões Silveiro - Tomar; Edmundo Eduardo Reis Neves - Mem Martins; Eurico Farinha Medeiros - Figueiró dos Vinhos; Fastina Conceição Leitão - Lisboa; Franklim Alves Nicolau - Ribeira Velha; Hermínio São José Duarte - Aldeia Ana de Aviz; Horácio Godinho Ventura - Chávelho; Ilo Silva Antunes - Figueiró dos Vinhos; Isabel Maria Sousa Rocha Figueiredo; João Godinho Paquete - Lisboa; João Henriques Silva - Fig. Vinhos; Joaquim Coelho Godinho - Chávelho; Joaquim Glória Nunes Ribeira de S. Pedro; Joaquim Jesus Miranda - Aldeia Ana de Aviz; Joaquim Martins Simões - Chávelho; Joaquim Santos Mendes - Campelo; José Conceição Canoa - Fig. Vinhos; José Conceição Simões - Castanheira de Pera; José Correia Rocha - Chão de Cima; José Emídio Godinho Oliveira - Coimbra; José Francisco - Vale Vicente; José Lucas Santos -

Coruche; José Luís Ventura Godinho - Apelação; José Marques Alvaro - Vilas de Pedro; José Simões - Lisboa; José Conceição Gomes - Arega; Juvenal Alves Domingues - Fig. Vinhos; Juvenal Anjos Alves - Fig. dos Vinhos; Laurentino Francisco Santos - Fig. Vinhos; Lucio Lopes Santos - Fig. Vinhos; Luís Gonçalves Medeiros - Loures; Manuel Alves Martins Silva - Lisboa; Manuel Coelho Paiva - Bairradas; Manuel Dias Martins - Enchecamas; Manuel Ferreira Dias - Amadora; Manuel Francisco Antunes - Campelo; Manuel Lucas Prior - Bobadela; Manuel Luis Conceição - Arega; Manuel Rodrigues Santos - Tomar; Manuel Santos Martins - Campelo; Manuel Silva

Oliveira - Sintra; Marcolino Pais Costa - Alenquer; Maria Alina Semedo Firmino - Castelo Branco; Maria Amélia G.D. Sincer - Fig. Vinhos; Maria Céu Jesus Almeida - Fig. Vinhos; Maria Céu Rosa Arinto Vicente - Vieira de Leiria; Maria das Dores Ribas Sousa - Aguda; Maria Helena Conceição Farinha Santos - Amadora; Maria Helena Conceição Gomes Teixeira - Fig. Vinhos; Maria Helena Pais Costa - Carapinhal; Maria Isabel Antunes Pereira - Fig. Vinhos; Mário Jesus Jorge Aguda; Virgílio Abreu Henriques - Cernache Bonjardim; Vitor Crisostomo Godinho Silva - Aldeia da Cruz; Vitorino Santos Simões - Apelação.

CALENDÁRIO FISCAL

Mês de ABRIL

- Até 15 — Pagamentos à Caixa de Previdência
- 20 — Pagamentos do I.R.S. (trabalhos dependentes e independentes, prediais e capitais)
- Pagamento do Imposto do Selo
- 30 — Entrega do mod. 2 do IRS
- Entrega da declaração do I.V.A. de Fevereiro.

Informações:

Sabemos que as Finanças vão informatizar todo o sistema fiscal, que permitirá cruzar toda a informação além de aumentar os meios humanos. Pretende, a todo o custo, evitar fuga aos impostos. Com esta ideia implementou os "mapas recapitulativos" que vieram aumentar, extraordinariamente, as possibilidades de fiscalização trazendo um aumento brutal de serviço e despesa aos guarda-livros.

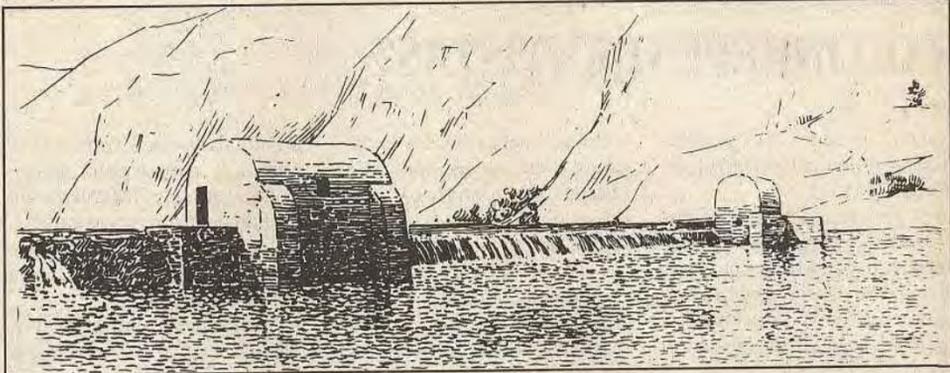
Convém atender a que "é quase matemática a fiscalização a firmas que apresentem prejuízos em três anos consecutivos ou quando o rendimento declarado não atinja a média nacional da actividade".

A aplicação de LUCROS em seguros de POUPANÇA/HABITAÇÃO e/ou POUPANÇA REFORMA, permitem duas vantagens: Evita o pagamento de impostos e creditam-lhe juros.

FALANDO DE MOINHOS - V

Pelo Coronel Nívio Herdade

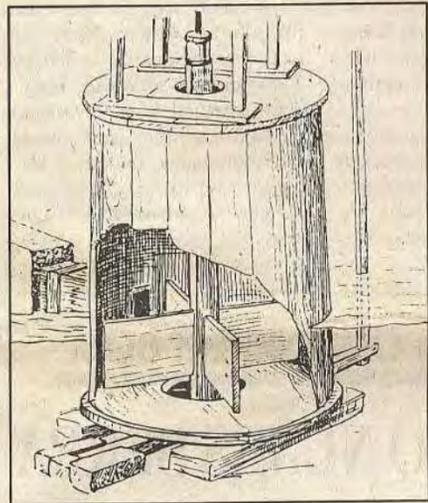
B — MOINHOS DE SUBMERSÃO



Um moinho de submersão do Guadiana (1)

Os "moinhos de submersão" são típicos dos cursos de água sujeitos a grandes variações da corrente. Não funcionam em geral durante as cheias ou enxurradas. Durante esses períodos são-lhes retiradas as peças mais frágeis, quase sempre de madeira. Ficam apenas as mós que não são danificadas pela água.

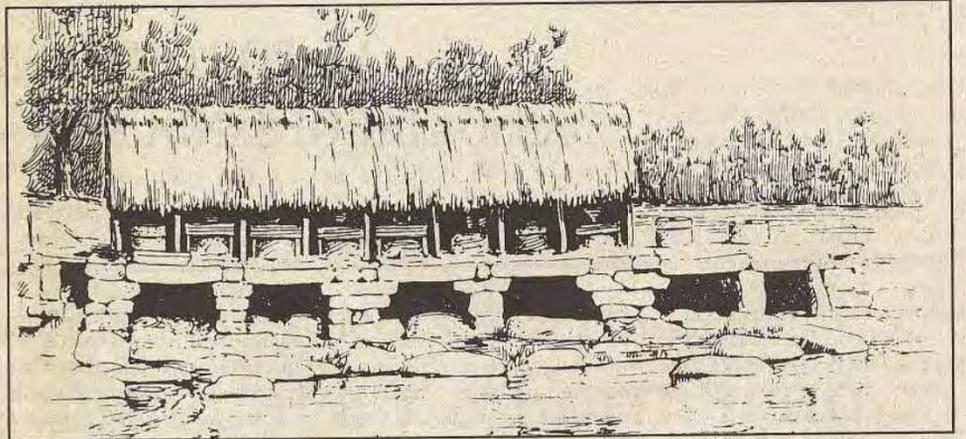
Destacam-se entre estes moinhos dois tipos principais: um em que a construção muito robusta, de pedra, está preparada para resistir à força das enxurradas; o outro, apenas com uma infra-estrutura resistente em pedra, está organizado de modo a deixar passar-lhe a água por cima. A parte superior destes "moinhos temporários", construída em materiais ligeiros, todas as épocas tem que ser refeita, instalando-se



← "Dorna" dum moinho de submersão (1)

de novo as peças retiradas.

Nestes moinhos o "rodízio" conhecido também por "rodete" gira dentro de água numa caixa cilíndrica espécie de "dorna" de madeira com uma abertura lateral por onde a água entra. Impelindo as pás do "rodete", a água escoar-se por uma abertura inferior junto da "pela".

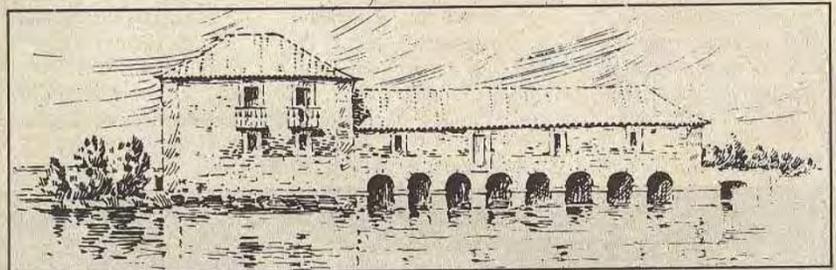


Moinho temporário (1)

C — MOINHOS DE MARÉ

Os "moinhos de maré" são moinhos de rodízio que utilizam a força de correntes de água produzidas a partir do desnível das marés.

Grandes reservatórios construídos em terra são alimentados durante a maré alta, para começarem a esvaziar logo que o desnível da água exterior proporcione uma corrente



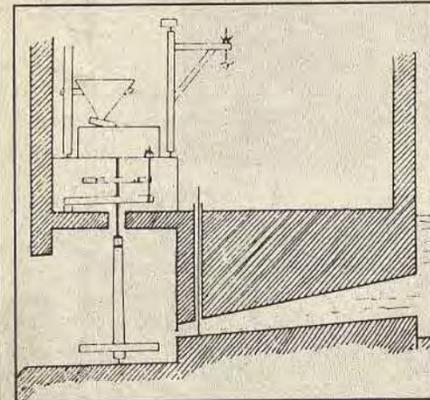
Moinho de maré do Seixal (1)

suficientemente forte para mover os moinhos.

Estes moinhos alojados em grandes edifícios são alimentados por várias condutas que movimentam diversos "casais de mós".

Em alguns destes moinhos, a acção da água é exercida sobre "rodetes" em vez de rodízios para mover as mós. Estes, funcionando no sistema dos moinhos de submersão beneficiam de muito maior tempo de aproveitamento da força motriz do que os moinhos convencionais.

Na época das descobertas, os moinhos de maré do estuário do Tejo, desempenharam importante papel, quando foi necessário moer



← Corte esquemático dum moinho de maré (1)

grandes quantidades de grão para fornecer farinha para o fabrico do "biscoito". O biscoito era distribuído como base da alimentação do pessoal a bordo das caravelas.

(a continuar)

(1) Extraído de "Moinhos e Azenhas de Portugal" de Fernando Galhano

Planos da intervenção cultural

Por Fernando Calazans *

O pensamento teórico vê de ângulos de algum modo divergentes a forma como se relacionam a produção e a recepção cultural, nas sociedades contemporâneas.

Para uns, há uma evidente separação entre o trabalho, *grasso modo*, e a actividade cultural. Neste caso, a cultura pode ser colocada num plano *ideal* ("reino da alma"), demarcada. Para outros, as coisas podem passar-se num processo multiplemente dinâmico (J.T. Lopes. Cadernos de Ciências Sociais, nº 15. Porto: Jan. 1996, p. 121-131).

Vem isto a propósito de uma série de artigos, entre eles uma entrevista ao Ministro da Cultura (*Jornal de Letras*, 14/2/96). Carrilho dá indicadores políticos da sua acção: livros, artes, institutos, mecenato. Nomeadamente, reserva ao Instituto Português do Livro um papel de relevo; aliás, não podia deixar de ser, pois na área das publicações os lançamentos sucedem-se em catadupa, e o livro, é de crer, dificilmente será suplantado pelos seus concorrentes cibernéticos. Levantam-se, por conseguinte, problemas de ordem diversa. Entre eles: como seleccionar o que se lê; como fomentar

a edição de determinadas obras necessárias; como alargar o número dos leitores; como aumentar a oferta descentralizada de leitura; como ampliar os campos de intervenção?

O poder central parece querer dimanar energias que terão de reflectir-se em vastos sectores nacionais e locais. Levará o seu tempo.

Em 1921, Almada Negreiros escrevia na "Invenção do Dia Claro": "Entre numa livraria. Pus-me a contar os livros que há para ler e os anos que terei de vida. Não chegam, não duro nem para metade da livraria" (Poesia. I.N.C.M., 1985, p. 153). É uma metáfora que de algum modo pode retratar o ânimo de certos leitores, hoje. Porém, em geral, a realidade ríspida dos números, entre nós, alerta para uma percentagem baixa de consumidores de livros (e também de jornais, revistas, cinema, de música, de teatro). Nunca será de mais, então, incitar a hábitos de leitura, que podem revelar-se uma insubstituível forma de obter inovação e esclarecimento, de angariar meios de preservação de valores, ou de participação cívica e criativa amplas. E as acções nos

vários planos sociais, económicos, culturais redimensionam-se — por um lado podendo aferir filtragens sobre o que merece ou não ser preservado, e, por outro, contrabalançando influências *massificantes* de cariz indiscriminado e depreciador.

O Estado não enjeita a sua função informadora e formadora, daí que a procura de diálogo seja estimulante. E a seguir?

Hoje em dia a luta é de gigantes: entre os que querem vender a qualquer preço, como que encantados por um liberalismo ascendente — as ideologias estarão agora em saldo? —, e aqueles que procuram salvaguarda e critérios para optar.

Nesse sentido, pode esperar-se que o apetrechamento conceptual arme adequadamente os intervenientes, num campo crescentemente menos unívoco. Mas este é só um dos lados do problema, que passa por informação, formação, reconhecimento, direitos, deveres...

Espera-se cada vez mais da Escola — em boa verdade, exige-se —, e resultam não poucos paradoxos. Confiam-se ao sistema educativo, hoje, "mais responsabilidades em termos de cuidados e socialização, funções

que em tempos eram assumidas pelos pais, família, colectividade ou igreja" (*L'Enseignant Aujourd'hui*. Paris: OCDE, 1990, p. 109), sem que seja possível, muitas vezes, identificar os meios de responder. Daí que vários esforços se encaminhem para a sistematização de componentes de **Afecto** (o que se sente), de **Comportamento** (o que se faz) e do **Saber** (como se faz), não mais compartimentados, antes reunidos e interagindo.

Neste jogo, algo ambíguo, elementos essenciais poderão vir a tornar-se as bibliotecas públicas. Há quem pense — e o diga — que tenderão para centros de actividades, com, por exemplo, vídeos, discos, intervenções de autores ao vivo, exposições documentais, artes plásticas, conjugando os seus objectivos

também com as bibliotecas escolares. Será esta uma das vertentes aceleradas para a "ludização" da cultura — que tanto atrai os jovens?

Não pode o legislador esquecer, naturalmente, que para além da obtenção material dos equipamentos, há que estimular as condições sócio-culturais que tornem decorrente o recurso a esses meios. Caminho longo.

O espírito democrático implica uma capacidade de participação grande — não pode passar-se sem exercê-la. Mas, já agora, se se aceita que "a afirmação do capitalismo... como sistema que pauta a organização das economias e das sociedades de forma quase exclusiva..." (J.B. de Brito. *Expresso*, 24/2/96) é um momento de viragem da actualidade,

tentem-se encontrar plataformas que favoreçam uma assunção cultural mais aberta, sem hesitações, desde logo ressaltando patrimónios insubstituíveis. Com mais esclarecimento mútuo — que é como quem diz, maior capacidade mobilizadora —, poder-se-ão conciliar vários matizes vivenciais, e estar-se atento para a *ideia* de progresso, que constantemente vai também, ela própria, sofrendo as suas adaptações.

Nesse e noutros sentidos, não se pode ser apenas espectador. Quer no trabalho, quer no lazer: no ensinar ou no aprender; no ensinar a aprender, no aprender a ensinar...

PARA CÁ DO CABRIL

por Alípio A. Rodrigues

A.I. PORTUGUESA & A.I. PORTUENSE ASSOCIAÇÕES INDUSTRIAIS OU INDEPENDENTISTAS?

Para cá do Tejo, decorreu na FIL, em Lisboa, a CERAXEX-96, de 29 de Fevereiro a 3 de Março, organizada pela Associação Industrial Portuguesa.

Para lá do Douro, decorreu na EXPONOR, a EXPORT HOME 96, de 28 de Fevereiro a 3 de Março, promovida pela Associação Industrial Portuense.

Em ambas as Feiras se pretendia mostrar a compradores nacionais e estrangeiros (profissionais e comerciantes) o que de bom se fabrica nos sectores de MOBILIÁRIO, ILUMINAÇÃO E DECORAÇÃO.

Seria obviamente desejável que em ambas as Feiras se apossasse forte na presença das muitas pequenas e médias empresas portuguesas com representatividade qualitativa, face à esperada participação dos fabricantes

uma tal defesa de interesse, aglutinando vontades e conjugando esforços.

A união faz a força e seria correcto incentivar a presença de maior número possível de expositores nacionais em cada um dos certames, para que a atenção dos potenciais compradores pudesse incidir sobre mais significativa parcela de marcas e produtos que, em tais sectores, a nossa indústria pode oferecer.

Por outras palavras: deveria ser dado a todos os fabricantes nacionais tempo para exporem nas Feiras de Lisboa e do Porto, por via de calendarização adequada.

Mas assim não o entendem a A.I. Portuguesa e a A.I. Portuense, que parece cultivarem a confusão das siglas e viverem de costas voltadas, decidindo (só

Falta de coordenação? Falta de entendimento mútuo? Irresponsabilidade quanto aos interesses do País Global?

É sobretudo lamentável nenhum organismo responsável aparentemente intervenha ou superintenda na organização e calendarização das Feiras e Exposições a nível nacional.

Quando são as próprias Associações Industriais a dissociarem interesses e actividades supostamente comuns, nada há que valha no pé em que as coisas estão!

A não ser que os senhores directores ou Presidentes das Associações que (des) coordenam as Feiras, venham alegar que os potenciais interessados podem estar ao mesmo tempo a expor na FIL e na EXPONOR... e que os visitantes-compradores podem andar de lá para cá e de

poucos, mesmo) têm possibilidade de marcar presença em ambas.

Com efeito, para além dos elevados custos de aluguer de espaço, transporte dos produtos e do pessoal, alojamentos, etc., seria preciso que os pequenos e médios empresários tivessem o dom da ubiquidade...

As empresas estrangeiras que se deslocam para exporem os seus produtos em Portugal, fazem-no com maior disponibilidade de meios e aproveitam a dupla promoção, daí resultante, naturalmente, acrescentado prejuízo para a indústria nacional, nomeadamente para as muitas empresas portuguesas que trabalham ainda num sistema de semi-artisanato.

É por isso urgente que alguém encare com a devida aten-

o conhecimento dos novos produtos e das novas técnicas às cidades do interior, cada um desses novos certames regionais querendo louvavelmente ganhar jus aos galões da universidade.

Por exemplo, à revelia da antiga e mui credenciada Feira Nacional da Agricultura (ou Feira do Ribatejo); nasceu em Santarém um megalómano projecto designado Centro Nacional de Exposições; Vila da Feira, Batalha, Caldas da Rainha, etc., justificam a construção de modernos pavilhões, não apenas como meio de promoção e divulgação dos produtos locais e/ou regionais, mas como ponto de geral exposição; Silves e Torres Vedras já tiveram a Larmostra e a Torreslar... Ainda no sector do Mobiliário Iluminação e Decoração, a FIL tem mais a Intercasa; e a Exponer tem mais a Expocasa.

Felizmente que, do ponto de vista da tradição das nossas Feiras, perduram a Feira das Cebolas, a Feira do Queijo da Serra, a Feira do Queijo Rabaçal,

a Feira da Fruta, a Feira do Fumeiro, etc, a merecerem, quanto a nós, todos os incentivos no sentido de manterem as características originais, regionais e temporais que lhes conferem inteira legitimidade.

Tudo deve ter um peso e uma medida, e é por isso urgente que "quem de direito" legítimo, racionalize e coordene a calendarização das várias Feiras que, avulso, vão surgindo (ou se vão mantendo), por este País fora.

É que a dimensão de Portugal e as limitadas capacidades, talvez justifiquem alguma ponderação e exijam (indubitavelmente exigem) adequada coordenação...

A menos que se aposte no fuscamento dos verdadeiros interesses regionais e na divisão dos interesses nacionais, impedindo o natural desenvolvimento de indústrias que, devidamente promocionadas, poderiam tornar-se competitivas e afirmar-se perante a concorrência estrangeira.

MORREU UM HOMEM BOM

ADELINO NUNES SERRA

Na Sertã, em 9 de Março, faleceu o Sr. Adelino Nunes Serra, que ia completar 90 anos de idade, em 11 de Junho próximo.

Com verdadeira propriedade se pode dizer que deixou, aos filhos e aos netos (e bisnetos), exemplos de trabalho e honradez. Ele esteve na origem da Auto-Santo-Amaro e da decorrente firma "Adelino Nunes Serra & Filhos, Lda".

Não é exagero afirmar que mais de metade da população do Concelho conhecia e estimava o Sr. Adelino Serra, que, no Outeiro da Sertã nasceu e à Sertã voltou aos 33 anos de idade, para estabelecer uma vida comercial multifacetada, orgulho e progresso da sua terra, fonte de trabalho contínuo para muitos conterrâneos, ao lado dos quais o "patrão Adelino" trabalhou e viveu até ao último dia.

Os empregados e amigos o ajudaram também a ultrapassar, ao longo de mais de meio século de convívio, alguns momentos menos agradáveis, com a prematura morte do genro ou o trágico acidente em que o seu Linito (o filho mais novo) quase perdeu a vida ao serviço da empresa, tendo embora recuperado, com algumas sequelas a marcarem-no para o resto da vida.

Com o avanço da idade, avançaram alguns males, para os quais contou, naturalmente, com o apoio dos familiares, especialmente do seu filho Adelino, acompanhante indispensável nas necessárias deslocações a Lisboa ou a Coimbra. E o Sr. Adelino Serra, sempre que a saúde lhe consentia, lá estava a marcar presença nas bombas da gasolina, com uma lucidez e uma convicção que causavam admiração. Ainda no último Natal ilustrou e animou pessoalmente o convívio que habitualmente realizava com todos os colaboradores da empresa, que cresceu mas nunca perdeu o cariz local, nem o cunho pessoal do fundador.

E a sua presença, que dimanava amizade, respeito e disciplina, foi ainda uma realidade durante a manhã do seu último dia de vida.

De facto no Sábado, dia 9 deste mês, após ter estado nas "suas" bombas durante a manhã foi encontrado agonizante.

Imediatamente o conduziram ao hospital, mas já nada podia ser feito para salvá-lo.

No Domingo, ao fim da tarde (conduzido o caixão em mãos de amigos, como foi também seu desejo) ele teria, desde a Capela de Santo Amaro (que ajudara a recompor), o maior acompanhamento que alguma vez foi dado ver-se na Sertã.

Lá fomos nós também, desde Lisboa, para dar-lhe o último adeus e acompanhá-lo até à mesma campa em que o genro o antecederá.

Que descanse em paz.

Alípio Rodrigues



Esta imagem, obtida na "CERAMEX", confirma a contribuição qualitativa que as pequenas empresas representam para a afirmação da indústria portuguesa nos sectores do mobiliário, decoração e iluminação

europeus de além-fronteiras, ávidos de novos mercados para os seus produtos.

Com efeito, a concorrência que, naturalmente, decorre da abertura de fronteiras, tornaria elementar e indispensável a possível defesa dos interesses da indústria portuguesa.

Suposta seria, portanto, a ideia de que as entidades promotoras de feiras e exposições nacionais, responsabilmente, buscassem forma de promoverem

elas saberão porquê?) estabelecer DATAS IGUAIS para PRODUTOS IGUAIS.

Já anteriormente tinham cometido a "façanha" de marcarem datas sucessivamente próximas, com escassa possibilidade de participação, em ambas, da maioria dos expositores e visitantes.

Mas, a absoluta sobreposição de datas na calendarização de 1996 raia os limites do inconcebível.

cá para lá... Esquecem-se, todavia, de que a prática das necessidades de cada um (expositor e profissionais/comerciantes) coordenar os seus tempos de produção/comércio e os seus gastos, em função dos proveitos, não se coadunam com tais orientações.

Assim, os potenciais compradores têm de optar por ver ou não ver uma das duas Feiras e sentem-se prejudicados, porque só alguns fabricantes (muitos

ção esta questão das Feiras em Portugal-Democracia exige respeito pela vontade e pelos interesses alheios. Não pode servir de pretexto para dividir ou afrontar interesses comuns.

É certo que, ultimamente, se tem assistido a um entusiasmo extraordinário das autarquias e das entidades comerciais e industriais ao longo do País, construindo pavilhões de exposição polivalentes e recriando ou lançando novas exposições, levando

Credibilidade e Facilitismo...

Solidariedade e credibilidade são, assim, os elementos-chave para se compreender a presença militar portuguesa na IFOR (Bósnia)
António Vitorino, Ministro da Defesa Nacional
In Diário de Notícias de 16/2/96

Numa altura em que as juventudes partidárias dos dois maiores partidos, dominadas pelo "facilitismo", já conseguiram fazer vencer os seus projectos civilistas para a próxima revisão da Constituição da República, com vista a acabar com o serviço militar obrigatório, e perante a crise existencial do ex-partido do Governo, apareceu uma voz "a clamar no deserto" (Pacheco Pereira), no DN de 22/2/96, contra tal atitude.

Este *free-lancer* da política, analista turculento da TSF/SIC, mas também um estudioso dos movimentos sociais e políticos deste século (depois de ter passado pela esquerda revolucionária), desancou a opção eleitoralista, de há anos atrás, do seu companheiro "cabo" Nogueira, dizendo:

(...) É aliás, este mesmo facilitismo, com o apoio da opinião pública, que tem destruído por dentro o serviço militar obrigatório, não só impedindo o esforço de modernização das Forças Armadas — o que implica mais dinheiro para uma causa pouco popular — como a diminuição progressiva do serviço militar obrigatório para uma duração completamente incompatível com uma preparação militar meramente adequada, cada vez mais exigida pelo manuseamento do armamento actual.

Afirmou, ainda, na mesma coluna de opinião, este "homem forte" do PSD nos "media" portugueses:

(...) A proposta hoje avançada pelo PSD de desconstitucionalização do serviço militar obrigatório — e que é um passo para a profissionalização das nossas Forças Armadas, mudando-lhe decisivamente o seu carácter e a relação qualitativa que tem com o poder político e a nação — parece-me demasiado motivada pela cedência a um facilitismo existente na opinião pública. Há hoje uma crescente dificuldade em justificar, pela ausência de um pensamento de Estado e sobre a Nação, sólido e coerente, a própria existência das Forças Armadas permanentes.

E acrescenta mais à frente:
(...) É uma tendência das sociedades democráticas ocidentais que se tem pago cada vez mais caro, em termos de impotência política, como se viu com a lentíssima complacência face ao conflito jugoslavo e ao seu progressivo agravamento. É também uma tendência que se pode revelar perigosíssima, se, como penso, os conflitos a leste, até agora em grande parte civis e intramuros, escalarem para conflitos nacionais e internacionais. Ou seja: se a prazo, como também penso que irá acontecer, a política externa russa retomar os objectivos geopolíticos da antiga URSS.

Os "esclarecimentos" do Ministro da Defesa

A propósito recordemos a coluna de opinião da véspera (21/2/96), do Ministro da Defesa Nacional, António

Vitorino (que tem sido vestido pelo "inimigo" quando aparece fardado em "actividades militares") onde pretende explicar as razões da nossa intervenção na Bósnia.

É que, face aos interesses nacionais e à natureza intrínseca das Forças Armadas, a credibilidade desta Instituição não será conseguida apenas e simplesmente por que é afirmada pelo Ministro. E muito menos quando se pretende justificar, perante a opinião pública, que unidades completas, treinadas durante vários meses, apenas sejam integradas por **militares voluntários para a Bósnia** (não chegava estes elementos terem sido voluntários para as forças especiais...), isto, em termos de organização militar, é um autêntico disparate: juntar entre todos os militares da Brigada Aerotransportada, os que querem embarcar para aquele país. Se se vier a concretizar uma missão em Angola e, dentro do mesmo critério, serão os que gostarem de temperaturas mais elevadas.

Na minha opinião, a necessária credibilidade será conseguida através de dois vectores essenciais.

O primeiro de natureza ético-histórica, pelo assumir, sem preconceitos, a Guerra travada em África, nas décadas de 60 e 70, por imposição nacional, ou dos políticos da altura, conforme a versão da direita/esquerda actuais.

Julgo que Portugal, independentemente das questionáveis posições dos políticos do regime então vigente, poderá orgulhar-se desse combate em três frentes, onde, durante 13 Anos, se envolveram milhares e milhares de portugueses, que actualmente, por todo o País, em almoços de confraternização recordam, muitas vezes acompanhados dos seus filhos e netos, a camaradagem vivida, os sacrifícios feitos e os camaradas infelizmente caídos em defesa de outros portugueses (também houve excepções, como no rescaldo do 7 de Setembro de 1974, em Lourenço Marques), que muitas vezes não deram o devido valor à nossa acção nessas terras africanas.

Mário Soares, apesar das suas responsabilidades partilhadas com os militares do PREC, em 1974-75, na maneira apressada como foi realizada a descolonização africana (e não só...) de acordo com os interesses soviéticos da altura, conseguiu assumir-se como Comandante-Chefe das FAs ao inaugurar, no Restelo, ao lado da Torre de Belém, há dois anos atrás, o Monumento aos Combatentes do Ultramar, com a presença das mais altas figuras do Estado Português. Isto, apesar dos apupos de que foi alvo por alguns grupos mais exaltados.

Será que os actuais líderes socialistas (PR a 1º Ministro) conseguirão assumir as suas responsabilidades históricas, incluindo as contemporâneas?

Face aos seus antecedentes políticos, (um militava no MES, onde, no pós 25 de Abril, se exigia a independência imediata das "colónias") e, até prova em contrário, mantenho as minhas dúvidas.

O "eterno" problema financeiro

O segundo vector será, com certeza e com importância idêntica, ou infelizmente maior, nos tempos actuais, de natureza financeira. Será que o Ministro da Defesa Nacional conseguirá convencer o seu Governo da necessidade de investir no apetrechamento das FAs, com vista, se necessário, à indispensável intervenção em áreas conflituais africanas, onde existam interesses estratégicos de Portugal?

Se tal já se verificasse, não seria alvo da recente contestação pública pelo Chefe do EMGFA, devido aos cortes no orçamento do estado, em relação à Defesa Nacional.

O património museológico

Toda esta minha argumentação vem a propósito de uma notícia, que me chegou através do *Jornal de Notícias* de 16/2/96, sobre a prevista inauguração, em Julho próximo, de uma "extensão do Museu do Chiado", na gare marítima de Alcântara. As suas paredes embelezadas com oito magníficos frescos de Almada Negreiros viram desfilar, durante muitos anos, milhares e milhares de portugueses, que ali embarcaram para combater em África.

Assim, em termos comparativos, considero uma afronta à memória colectiva portuguesa, que Simonetta (nome português?; recordo que, há 27 anos, numa conservatória do Registo Civil, na então designada província ultramarina de Moçambique, não me foi permitido registar o nome que eu pretendia para a minha filha, por não estar de acordo com as normas da época) Luz Afonso, Presidente do Instituto Português de Museus, apoie e patrocine, no referido local, esta actividade cultural e não tenha, segundo se constata, dado o seu aval à montagem do Museu do Combatente, no Forte do Bom Sucesso, numa iniciativa da Liga dos Combatentes. Neste caso nem teria o trabalho de negociar com a Administração do Porto de Lisboa para a cedência das instalações, já que aquele Forte é propriedade do Exército e que estaria na disposição de o ceder àquela Liga para tal efeito, se já não o fez.

A questão levantada seria a falta de rentabilidade ou o problema das despesas de conservação (!?).

Significativamente, a colaborar e a tomar parte da sessão de apresentação pública daquele projecto da extensão do Museu do Chiado, lá apareceu a representação do "amigo americano", através da Fundação Luso-Americana, dirigida por Rui Machete. O mesmo "amigo" que, em 1961, apoiou a FNLA de Holden Roberto, nas suas violentas acções e de que resultou uma onda avassa-

ladora de massacres de portugueses e autoctones, no Norte de Angola.

Se o Governo, nesta área do património museológico, não conseguir estabelecer prioridades

mais de acordo com os interesses históricos dos portugueses (incluindo os mais recentes), poderemos dizer que a CREDIBILIDADE cada vez mais se desvanecerá e o FACILITISMO e o consumismo (existente

também no âmbito cultural), se implantarão definitivamente.

Assim, como é que a juventude conseguirá ficar mais esclarecida e poderá transformar-se nos Homens de amanhã?

Escola Aberta Educação e Formação

Pela segunda vez consecutiva, e na sequência do PEC (Projecto Educativo Concelhio), as Escolas dos vários graus de ensino do Concelho vão organizar, entre os dias 10 e 12 de Abril, mais uma Semana da Educação do Concelho.

As actividades prolongar-se-ão ainda pelo dia 14, domingo, com um colóquio e espectáculo no Pavilhão Gimnodesportivo dos Bombeiros Voluntários organizado por professores e tendo como principais destinatários os Pais e Encarregados de Educação dos alunos que frequentam todas as Escolas do Concelho.

De salientar que é o 2º ano em que as Escolas Pré-primárias e do 1º, 2º, 3º Ciclo e Secundário se reúnem para dinamizar uma acção colectiva de intercâmbio de actividades. A educação não pode funcionar por ilhas, sendo esta realização conjunta uma demonstração inequívoca da vontade de abrir a Escola de a tornar, realmente, um espaço de Formação e não apenas de Instrução.

O programa das actividades a desenvolver será divulgado, oportunamente, pelas Escolas.

A anteceder as reuniões, realizar-se-á, no dia 9, o II Encontro dos Educadores e Professores, de iniciativa do Centro de Formação do Zêzere, com os apoios do Governo Civil de Leiria; das Câmaras Municipais de Figueiró dos Vinhos, de Castanheira de Pêra e de Pedrogão Grande; da Caixa Geral de Depósitos; da Porto Editora; da Texto Editora; e dos Cafés Camelo.

O Encontro, na Escola Secundária de Figueiró dos Vinhos, foi candidatado aos Sistemas de Incentivos à Qualidade da Educação. Da sua importância relevamos

COMISSÃO DE HONRA CONVIDADA

- Secretária de Estado da Educação e Inovação; Governador Civil do Distrito de Leiria; Presidente da Câmara Municipal de Figueiró dos Vinhos; Presidente da Câmara Municipal de Castanheira de Pêra; Presidente da Câmara Municipal de Pedrogão Grande; Director Regional de Educação do Centro; Coordenador Regional do Centro do Programa FOCO

PROMOTORES

Todas as escolas associadas do CenFICaPe — Centro de Formação do Zêzere (Escolas do 1º, 2º e 3º C.E.B., Secundárias e Técnico-Profissionais dos Concelhos de Figueiró dos Vinhos, Castanheira de Pêra e Pedrogão Grande).

COMISSÃO ORGANIZADORA

Comissão Pedagógica do CenFICaPe:

- **António da Conceição Henriques David** - Director do Centro de Formação; **Avelino Ferreira dos Santos** - Presidente do Concelho Directivo da Escola C+S Dr. Bissaya Barreto de Castanheira de Pêra; **Carlos Alberto Clemente** - Professor do 1º C.E.B. e representante do Pré-Escolar e 1º C.E.B. do concelho de Castanheira de Pêra; **Carlos Artur da Silva Gonçalves** - Director Executivo da Escola Secundária de Figueiró dos Vinhos; **Graça Maria**

Jegundo Simões - Presidente do Conselho Directivo da Escola Preparatória de Figueiró dos Vinhos; **Helder Licínio da Silva Soares** - Presidente do Conselho Directivo da Escola E.B.I. 2/3 Miguel Leitão de Andrada de Pedrogão Grande; **Idalina da Cunha Pires** - Presidente do Conselho Administrativo da Escola E.B.I. 2/3 Miguel Leitão de Andrada de Pedrogão Grande; **João Manuel Gomes Marques** - Director da Escola Tecnológica e Profissional da Zona do Pinhal - Pedrogão Grande; **Maria da Conceição Pinto Costa** - Professora do 1º C.E.B. e representante do Pré-Escolar e 1º C.E.B. do concelho de Pedrogão Grande; **Maria de Fátima Mendes Campos** - Professora do 1º C.E.B. e representante do Pré-Escolar e 1º C.E.B. do concelho de Figueiró dos Vinhos.

OBJECTIVOS

— Promover maior ligação dos Educadores e Professores das Escolas associadas e o Centro de Formação; Divulgação as actividades desenvolvidas e a desenvolver pelo Centro de Formação; Promover a reflexão sobre a importância de ser professor no limiar do século XXI, tendo como linhas de força o contexto da Reforma Educativa e a melhoria da qualidade da educação; Divulgação e permuta de Projectos Educativos; Divulgação e permuta de novos recursos didácticos; Promover o aperfeiçoamento e a

actualização de competências profissionais dos Educadores de Infância e dos Professores dos Ensinos Básico e Secundário nos vários domínios da actividade educativa, quer a nível do estabelecimento de educação e ensino, quer a nível da sala de aula; Estabelecer uma maior ligação entre, os profissionais da educação, com inerentes trocas de opiniões e experiências pedagógicas; Responder às necessidades e propostas de formação apresentadas nos Planos de Actividades das escolas, no sentido de melhor viabilizar os seus Projectos Educativos.

PROGRAMA

09.00h — Recepção aos participantes/Distribuição das pastas.

09.30h — Sessão de Abertura - COMISSÃO DE HONRA

10.00h — Tema A "SER PROFESSOR" - Drª Inês Reis

12.00h — Almoço.

14.00h — Tema B - SESSÕES SIMULTÂNEAS

TEMA / ORIENTADOR

Matemática - Materiais Manipuláveis

• Drª Manuela Oliveira e Drª Doroteia Pimparel

Matemática - Os problemas

• Dr. Rui Gomes e Dr. João Rino A Cor

• Dr. Fernando Raposo

Educação Sexual

• Drª Isabel Cristina Pires

Os audio-visuais na sala de aula

• Drª Célia Simões

O papel do Director de Turma

• Drª Engrácia Castro

Orientação

• Dr. Armando Riscado

Literacia - Aprendizagem da Leitura e Escrita

• Drª Lucília Salgado

Como ajudar a estudar

• Drª Isabel Quintas, Drª Adília Lopes, Drª Cristiane Botelho e Drª Piedade Silva

• Dr. Júlio Pires

17.40h — Sessão de Encerramento - Secretária de Estado da Educação e Inovação - Drª ANA BENAVENTE

ACTIVIDADES PARALELAS

- EXPOSIÇÃO DE PROJECTOS EDUCATIVOS DAS ESCOLAS

- FEIRA DO LIVRO

- ACTUAÇÃO DO GRUPO DE MÚSICA DA ESCOLA SECUNDÁRIA DE FIG. VINHOS

DESPORTOS

DISTRITAIS DA ASSOCIAÇÃO DE FUTEBOL DE LEIRIA

DIVISÃO DE HONRA

RESULTADOS DE JORNADAS ANTERIORES

Gaieirense-Fig. Vinhos	3-1
Fig. Vinhos-Estrada	1-1
União da Serra-Fig. Vinhos	3-1
22/Junho/Amor-Fig. Vinhos	0-1
Fig. Vinhos-Alvaiázere	2-0

CLASSIFICAÇÃO

	J	V	E	D	F-C	P
Alcobaça	20	14	4	2	39-15	46
Bidoeirense	20	13	6	1	45-15	45
Alq. Serra	20	13	1	6	36-21	40
União Serra	20	9	7	4	26-13	34
Mirense	20	9	6	5	32-16	33
Caranguej.	20	9	5	6	29-22	32
Bombarralen	20	9	4	7	24-21	31
Batalha	20	7	7	6	21-23	28
Estrada	20	6	7	7	21-27	25
Fig. Vinhos	20	6	7	7	19-28	25
Alvaiázere	20	5	6	9	24-29	31
Gaieirense	20	5	6	9	19-27	21
L. Marinha	20	4	6	10	21-23	18
Vieirense	20	5	3	12	15-34	18
P. Vieira	20	4	2	14	20-38	14
22/Jun/Amor	20	2	3	15	14-53	9

PRÓXIMOS JOGOS DA DESPORTIVA

Mirense - Fig. Vinhos (31/03/96)
Fig. Vinhos - Praia da Vieira (14/04/96)
Caranguejeira - Fig. Vinhos (21/04/96)
Fig. Vinhos - Marinha (28/04/96)

1ª DIVISÃO — ZONA NORTE

RESULTADOS DE JORNADAS ANTERIORES

Pedrogense-Ansião	1-4
Arcuda-Avelarens	3-1
Chão de Couce-Motor Clube	1-1
Ansião-Milagres	1-2
Chão de Couce-Pelariga	2-4
Várzeas-Avelarens	3-1
Guiense-Pedrogense	4-0

Avelarens-Chão de Couce	0-2
Pedrogense-Várzeas	3-1
Reg. Pontes - Ansião	1-6
Ansião-Ilha	4-2
Motor Clube-Avelarens	5-1
Chão de Couce-Pedrogense	2-0

Avelarens-Ramalhão	1-4
Pedrogense-Motor Clube	0-1
Arcuda-Chão de Couce	3-0
Barracão-Ansião	3-0

CLASSIFICAÇÃO

	J	V	E	D	F-C	P
Ansião	20	13	5	2	48-19	44
Motor Clube	20	13	4	3	57-18	43
Barracão	20	12	4	4	48-20	40
Ramalhais	20	12	3	5	42-20	39
Arcuda	20	12	3	5	40-20	39
Chás	20	9	6	5	36-24	33
Moita Boi	20	10	3	7	45-35	33
Pelariga	20	10	2	8	38-25	32
C. Couce	20	9	5	6	31-27	32
Guiense	20	7	7	6	28-23	28
Ilha	20	7	3	10	28-42	24
Pedrogense	20	5	5	10	17-43	20
Avelarens	20	4	5	11	21-30	17
Várzeas	20	3	3	14	21-53	12
Milagres	20	3	1	16	18-62	10
Reg. Pontes	20	1	1	18	12-69	4

PRÓXIMAS JORNADAS

— 24/3/96 —
Ansião - Moita do Boi
Milagres - Avelarens
Ramalhais - Pedrogense
Chão de Couce - Chás

— 31/3/96 —

Avelarens - Ilha
Pedrogense - Milagres
Reg. Pontes - Chão de Couce
Guiense - Ansião

— 14/4/96 —

Ansião - Pelariga
Moita Boi - Avelarens
Ilha - Pedrogense
Chão de Couce - Barracão

— 21/4/96 —

Avelarens - Pelariga
Pedrogense - Moita Boi
Guiense - Chão de Couce
Várzeas - Ansião

2ª DIVISÃO — SÉRIE A

RESULTADOS ÚLTIMAS JORNADAS

Casal da Quinta-Cast. Pêra	4-1
Cast. Pêra-A. Unido	5-0
Cast. Pêra-Vermoil	3-2
Santo Amaro-Cast. Pêra	2-3
Meirinhas-Cast. Pêra	0-0

CLASSIFICAÇÃO

	J	V	E	D	F-C	P
Carreirense	18	16	1	1	69-18	49
Cast. Pêra	18	13	3	2	62-17	42
Ranha	18	12	2	4	33-17	38
Redinha	18	10	6	2	50-25	36
Casal Quinta	18	10	3	5	47-34	33
Outeirense	18	10	2	6	42-32	32
Águias	18	8	3	7	55-36	27
M. Mourisca	18	8	3	7	34-31	27
Meirinhas	18	7	5	6	26-36	26
Almagreira	18	8	1	9	25-27	25
Santo Amaro	18	7	1	10	37-45	22
Vermoil	18	5	4	9	40-47	19
A. Unido	18	5	2	11	27-36	17
Moita Roda	18	4	1	13	22-55	13
Pousafloures	18	0	3	15	15-87	3
Simonenses	18	0	2	16	15-56	2

PRÓXIMAS JORNADAS

Cast. Pêra-Almagreira (24/3/96)
Moita Roda-Cast. Pêra (31/3/96)
Cast. Pêra-Pousafloures (14-4-96)
Águias-Cast. Pêra (21/4/96)
Cast. Pêra-Outeirense (28/4/96)

TAÇA DISTRITAL JUNIORES 3ª ELIMINATÓRIA

RESULTADOS

S. Guilherme-Marinhense	4-5
(após grandes penalidades)	
G. Alcobaça-Sp. Pombal	7-6
Sp. Estrada-Portomossense	1-2
Pedrogense-Fig. Vinhos	6-7
Biblioteca-L. e Marrazes	0-2
GD Peniche-Beneditense	1-0
ID Vieirense-SL Marinha	0-3
U. Mirense-Alvaiázere	5-0

ANDEBOL

Chegou ao final o campeonato Distrital de Juvenis. Honras para a Associação Desportiva de Figueiró dos Vinhos que se classificou com mérito no 1º lugar e coincidência na sua primeira participação na prova.

Uma prova que a Secção de Andebol disputou com brilhantismo e em alguns casos com dificuldade como o foi o encontro fora com o Mira de Aire que não chegou ao fim. Queixas da arbitragem num jogo que colocou em risco a integridade física dos atletas Figueirense e que levou os responsáveis da Desportiva a recorrer à Associação de Andebol de Leiria. Cenas lamentáveis. Ainda mais lamentáveis em Escalões Jovens que deveriam ter o bom exemplo dos mais velhos.

RESULTADOS DA EQUIPA B

Desportiva-Juv. C	4-2
Desportiva-1º Maio	2-1
Desportiva-Cal	6-0
Desportiva-União Leiria	1-0

A Associação Desportiva integrou mais uma movimentação de Bambis em Leiria. Uma organização do A.C. Sismarias que teve lugar no passado dia 17. A Desportiva fez-se representar por duas equipas que alinharam da seguinte maneira.

Equipa A — Tiago Barreiros, Eduardo Cardoso, Ricardo Silva, Dagmar Quintaneiro e Bruno.

Equipa B — João Campos, Cláudio Silva, Tiago Pires, David Araújo, Diogo Leal e Luís Batista.

RESULTADOS DA EQUIPA A

Desportiva-A.C. Sismarias	5-5
Desportiva-Juv. B	6-1
Desportiva-Juv. A	4-7
Desportiva-União Leiria	9-3

XADREZ

ASSOCIAÇÃO DESPORTIVA DE FIG. VINHOS FOI CAMPEÃ DISTRITAL

Cont. da 1ª Pág.

A. Desportiva, 3
Instituto D. João V do Lourçal, 1
Jogaram pela A. Desportiva: 1 - Esmeraldo Lourenço (1-0); 2 - Rui Silva (1-0); 3 - José Fidalgo (1-0); 4 - Pedro Portela (0-1).

A. Desportiva, 3 e 1/2
Clube Jovem Marinha Grande, 1/2
Jogaram pela A. Desportiva: 1 - Esmeraldo Lourenço (1-0); 2 - Rui Silva (1/2-1/2); 3 - Carlos Gonçalves (1-0); 4 - Álvaro Gonçalves (1-0).

A. Desportiva, 3
Externato Benedita, 1
Jogaram pela A. Desportiva: 1 - Esmeraldo (1/2-1/2); 2 - Carlos Gonçalves (1/2-1/2); 3 - Álvaro Gonçalves (1-0); 4 - João Rocha (1-0).

Classificação Final do Campeonato Distrital
1º A. Desportiva 9, 5 pontos; 2º Lourçal 8,0 pontos; 3º Benedita 5,0 pontos; 4º Marinha Grande 1,5 pontos.
De parabéns a Secção de Xadrez da A. Desportiva e o Desporto Figueirense em geral.

Rui Silva

CLUBE CENTRO AVENTURA UMA MÃO CHEIA DE INICIATIVAS



Centro Aventura Todo-o-Terreno

O Dinâmico Clube Centro Aventura de Figueiró dos Vinhos não deixa de nos surpreender pela positiva. Desta feita lança de uma acentada uma mão cheia de iniciativas.

1ª FEIRA T.T. e DESPORTOS RADICAIS (Norte Distrito Leiria)

III RONDA T.T.

1ª CONCENTRAÇÃO UMM

1ª MOSTRA DE 4X4 DE BOMBEIROS

EXPOSIÇÃO DE 4X4 DE COMPETIÇÃO

— PROGRAMA —

Dia 19/4 — Colóquio Tema: O.T.T. e Desenvolvimento Turístico da Região.

Dia 20/4 — 9 H. - Partida III Ronda T.T.; 11 H. - Abertura Feira T.T. e Desportos Radicais; 17 H. - Chegada III Ronda T.T.; 20 H. - Jantar III Ronda T.T., Fecho Feira T.T. e Desportos Radicais, com Música ao Vivo e Teatro, P. Luís Vieira e Grupo de Jograis e Trovadores; Distribuição de Prémios.

Dia 21/4 — 10 H. - Abertura da Feira T.T. e Desportos Radicais, Concentração UMM; 11 H. - Desfile UMM Perante Júri; 13 H. - Almoço Convívio UMM, Distribuição de Prémios; 17 H. - Encerramento Feira T.T. e Desportos Radicais.

EXPOSITORES: (confirmados a 10/03/96)

NISSAN, SUZUKI, LADA, MITSUBISHI, YAMAHA, KAWASAKY (Motas de Água), POLARIS (Motas de Água + Quad's), 4X4 Usados + Pneus T.T., 4X4 Viagens e Turismo.

FIGUEIRÓ DOS VINHOS

Parque Desportivo — 19, 20 e 21 de Abril 1996

Para o Público: Demonstrações, Feira e Circuitos Livres

AVENTURA SOBRE RODAS

Sou, desde há muito tempo, um amante do desporto automóvel, tendo mesmo realizado, em tempos idos, algumas provas incluídas no calendário automobilístico português. Com a falta de tempo, com a idade, com os custos cada vez maiores do desporto automóvel, passei a ser mais um espectador, não deixando, contudo, de participar num ou outro evento automobilístico.

Com o advento das provas de todo-o-terreno, passei a interessar-me por descobrir o meu País, a sua cultura, os seus costumes, a sua gastronomia, tendo feito bastantes passeios de jeep por montes e vales, por estradas de terra e caminhos florestais.

A nossa região de Figueiró dos Vinhos, para os amantes desta prática de passeios de jeep, é uma das zonas mais ricas do nosso País, em virtude de termos na nossa região muitas opções a passeios de todo-terreno.

Mas as actividades todo-terreno querem-se enquadradas num espírito de equilíbrio e tolerância com a natureza, não a destruindo, e de respeito para com as populações das aldeias e lugares por onde passamos, não enveredando por corridas malucas por esses montes e vales. Devemos, isso sim, tentar respeitar o meio ambiente por onde passamos, protegê-lo, denunciar situações de agressão ao património natural das regiões que visitamos. Devemos ten-

tar não incomodar os habitantes desses lugares remotos, que todos nós — amantes do todo-terreno — gostamos de conhecer. Devemos, isso sim, é tentar conhecer os seus costumes, as suas raízes ou mesmo tentar ajudá-los nalguma tarefa ou necessidade. Esta é a verdadeira alma do todo-terreno.

Isto vem a propósito de um pequeno artigo publicado no órgão oficial da EXPO-98, JORNAL DO GIL, assinado por um dos responsáveis do Clube Centro Aventura de Figueiró dos Vinhos, Sr. Carlos Jorge M., que diz "...gosto de atravessar povoações, espantar populações e regressar a casa com uma semente de riso que dura...dura...". O todo-terreno não é assustar populações e rir, rir, rir. O todo-terreno é o prazer de descobrir locais desconhecidos, é o prazer do convívio, é o gosto pela aventura, mas é também o respeito por quem nos recebe (população e ambiente). E então sim, o prazer dura...dura... Quem gosta de andar a fundo, tem os ralis e as corridas de todo-terreno, essas sim, as ideais para pôr o pé na tábua.

Só, espero que cada vez mais pessoas descubram a região de Figueiró dos Vinhos, que mais não seja ao volante de um todo-terreno. Vão ver que o prazer de descobrir este paraíso é espectacular.

F. Carvalho Araújo

TAÇA DISTRITO DE LEIRIA

— 3ª ELIMINATÓRIA —

	Visitado	Visitante	Data	Hora	Local de Realização
NORTE	Ansião	Vieirense	06/04/96	16:00	Campo da Mata/Ansião
	Motor Clube	Casal da Quinta	06/04/96	16:00	Parque Jogos Monte Redondo
	Pelariga	Caranguejeira	06/04/96	16:00	Campo Dinis Pinheiros/Pelariga
	Chão Couce	Ranha	06/04/96	16:00	Campo Dr. Alberto Rego/C. Couce
	Ilha	Moita Boi	06/04/96	16:00	Campo das Lagoas/Ilha
	Barracão	Fig. Vinhos	06/04/96	16:00	Campo dos Barreiros/Barracão
	Bidoeirense	Arcuda	06/04/96	16:00	Campo Outeiro Agudo/Bidoeira
Outeirense	Guiense	06/04/96	16:00	Campo Camarneiras/Out. Fonte	
SUL	Vidreiros	Golpilheira	06/04/96	16:00	Campo do Tojal/Picassinos
	Pinheirense	Vauense	06/04/96	16:00	Campo Moitas Altas/Pinheiros
	Turquel	São Bernardino	06/04/96	16:00	Campo Relva da Lagoa/Turquel
	Alcobaça	Bombarralense	06/04/96	16:00	Estádio Municipal de Alcobaça
	Gaieirense	Pernelhas	06/04/96	16:00	Campo Luís Filipe Gama/Gaieiras
	Cortes	Alq. Serra	06/04/96	16:00	Parque Jogos J. Luciano/Cortes
	Batalha	Relvense	06/04/96	16:00	Campo Mun. Antº G. Olivº/Batalha
Campo	Ataijense	06/04/96	16:00	Parque Desp. A.C.R. Campo	

— Os jogos realizam-se nos campos indicados, salvo se os mesmos estiverem interditos na data da sua realização, neste caso efectuar-se-ão no campo do clube indicado em segundo lugar.

CASOS DE DESEMPATE

— Se no final dos jogos de cada eliminatória, se verificar uma igualdade, proceder-se-á ao desempate da seguinte forma:

a) Serão os jogos interrompidos durante cinco minutos e depois prorrogados por trinta minutos, divididos em duas partes de quinze minutos cada, sem intervalo, mas com mudança de campo.

b) Se findo este prolongamento ainda se mantiver o empate, apurar-se-á o vencedor por marcação de grandes penalidades, segundo as Leis do Jogo.

4ª ELIMINATÓRIA

— O sorteio da 4ª eliminatória realizar-se-á pelas 21H30 do próximo dia 11/Abril/96 na Sede da A.F. Leiria.

— Os jogos da 4ª eliminatória realizar-se-ão no dia 25/Abril/96 (5ª Feira/Feriado).

DIVULGANDO O XADREZ

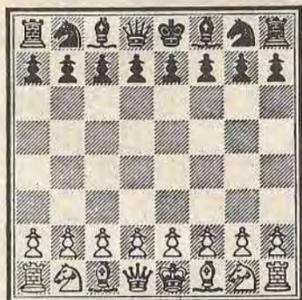
Pelo Dr. Álvaro Gonçalves

Após termos na nossa última edição inserido um texto que relata a conhecida História do xadrez, a qual esperamos ter contribuído para acicatar o seu interesse e gosto por este desporto, é nossa intenção, a partir deste número passarmos à fase de ensino. De resto, aprender a jogar xadrez é tido como uma tarefa muito fácil, estando ao alcance de qualquer criança em idade escolar, variando apenas a rapidez com que se evolui no saber jogar.

Constituindo, o grande objectivo destas colunas conseguir que mais alguns leitores aprendam a jogar, não vamos esquecer por outro lado, os já aficionados, com os quais pretendemos manter um contacto "vivo" com o jogo. Parajá, contentem-se com mais um problema, e ficamos à espera das vossas respostas.

E agora vamos à lição!

1. Posição inicial



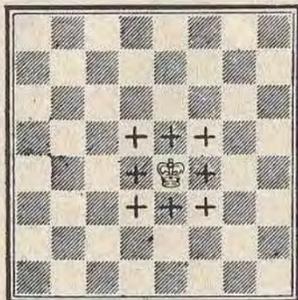
Este diagrama representa um tabuleiro e a posição obrigatória das peças no princípio de uma partida. O tabuleiro deve ser colocado de tal forma que cada jogador tenha a casa angular branca à sua direita. Como se pode depreender, cada jogador conduz um exército constituído por duas Torres, dois Bispos, dois Cavalos, uma Dama, um Rei, e oito peões (a infantaria). Vamos ver como se deslocam.

2. O movimento das peças

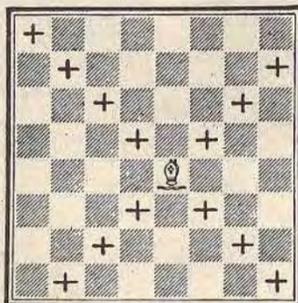
Nos diagramas iremos assinalar as casas que as peças poderão ocupar nos seus movimentos.

O Rei

O Rei pode ir a todas as casas contíguas àquelas em que se encontra.

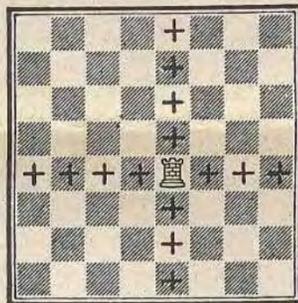


Bispo



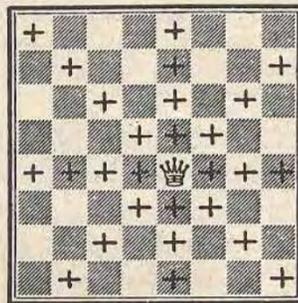
O Bispo tem um movimento ilimitado em diagonal, tal como se apresenta no diagrama.

Torre



A Torre movimenta-se ilimitadamente pelas linhas e colunas, isto é, desloca-se na horizontal e vertical.

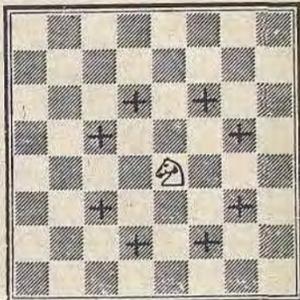
Dama



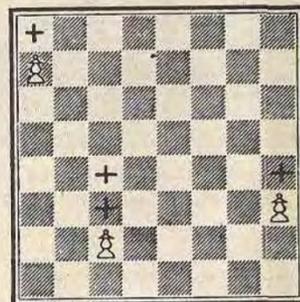
A Dama reúne o movimento da torre e do bispo, deslocando-se em diagonal e pelas linhas e colunas. É considerada a peça com maior valor, justamente por ser aquela com mais liberdade de acção.

Cavalo

É a única peça que pode saltar por cima das outras, mesmo por cima das do adversário. Movimenta-se descrevendo um "L", ou dito de outra forma, percorre a diagonal de um rectângulo de seis casas.



Peão

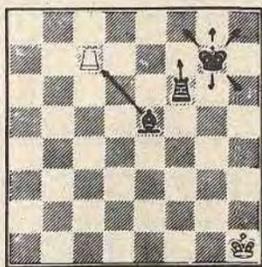


Ao contrário de todas as outras peças, que podem avançar ou recuar, os peões não podem recuar. Deslocam-se avançando uma casa de cada vez, podendo quando ainda estão na casa de partida avançar duas casas.

3. Condução da partida

Após termos tomado conhecimento do movimento das diferentes peças, passamos à fase de condução da partida. Cada jogador joga uma peça de cada vez, começando o jogador das brancas, não esquecendo que a regra de ouro do xadrez é "peça tocada, peça jogada", e qualquer peça que esteja a ocupar uma casa também dominada por uma peça adversária pode ser tomada por esta (comida). Neste caso a peça que tomou irá ocupar a casa onde estava a peça capturada.

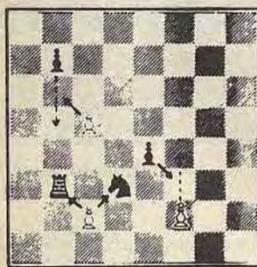
A excepção a esta regra é precisamente o rei. Este quando está ameaçado por uma peça adversária diz-se que está "em xeque", e é obrigado a defender-se.



Como se pode ver no diagrama, o rei preto está ameaçado pela torre. Pode desviar-se, fugindo ao xeque, pode interpor a sua

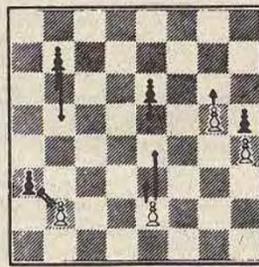
torre, ou pode comer a torre com o seu bispo.

Quando o rei estando em xeque e não tem qualquer forma de escapar, estando todas as casas dominadas por peças adversárias diz-se que está xeque-mate, ganhando o jogo o jogador por conseguir chegar a esta posição.



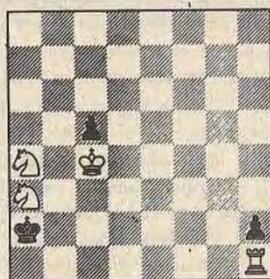
Os peões são as únicas peças que "comem" de maneira diferente. Não

podem avançar quando está uma peça a ocupar a casa da frente, e tomam em diagonal. Uma vez que o peão não pode recuar, quando atinge a última linha, é promovido a outra peça, normalmente a uma dama.



Por hoje terminamos concluindo no próximo número a apresentação das regras básicas para podermos iniciar e jogar um jogo de xadrez.

Agora para os leitores já identificados com as regras do jogo, cá vai mais um aliciante problema. De referir que no concurso, será constituído por uma série de 10 problemas, em que as brancas dão mate em dois lances mas com diferentes pontuações, de acordo com o grau de dificuldade. Este vamos pontuá-lo com 5 pontos. Boa sorte!



O Homem que venceu a Máquina

Chama-se GARRY KASPAROV. Pelo nome muitos de vós não o conhecem, mas este arménio é o campeão do Mundo de xadrez. Colocado perante o desafio de realizar 6 partidas de xadrez contra um super-computador, Garry Kasparov aceitou tal convite e iniciou o match em Filadélfia, E.U.A..

O "DEEP BLUE II" assim se chamava o supercomputador da IBM, calculava 200 milhões de movimentos por segundo. Kasparov apenas 500. Mas mesmo perdendo a primeira partida o campeão do mundo deu a volta ao desafio e venceu o computador por 4-2.

Esta vitória do grande mestre de xadrez sobre o supercomputador "DEEP BLUE II" enaltece a virtude do ser humano sobre a tecnologia informática. Há quem defenda que o Homem será sempre superior à máquina.

Ao avaliar o "DEEP BLUE II" — avaliado entre 2200 e 3000 pontos Elo (ranking dos jogadores de xadrez) — há quem o acuse de ser somente "força bruta". Isto porque o computador faz deduções devido à enorme quantidade de dados processados, na busca da finalização de um qualquer problema ou no desenvolvimento de um "raciocínio". Só que o computador ainda não consegue direccionar essa sua "força bruta" no sentido que realmente interessa. Não se consegue, ainda, direccionar o "pensamento" dos computadores, ou seja fazer com que da quantidade se passe à qualidade.

Para os amantes do xadrez transcrevemos, na íntegra, a 6ª e última partida.

Antes de terminar estas linhas, como amante do xadrez e amador desta arte, quero dar os meus parabéns ao Jornal de Figueiró dos Vinhos e ao Sr. Dr. Álvaro Gonçalves, em particular, por terem dado início a uma página de divulgação do xadrez. Que o vosso esforço perdure.

F. Carvalho Araújo

LANCE	KASPAROV	DEEP BLUE
1	Cf3	d5
2	d4	c6
3	c4	e6
4	Cbd2	Cf6
5	e3	c5
6	b3	Cc6
7	Bb2	Cd4
8	ed4	Be7
9	Tc1	0 - 0
10	Bd3	Bd7
11	0 - 0	Ch5
12	Tel	Cf4
13	Bdl	Bd6
14	g3	Cg6
15	Ce5	Tc8
16	Cd7	Dd7
17	Cf3	Bd4
18	Te3	Tfd8
19	h4	Cge7
20	a3	Ba5
21	b4	Bc7
22	c5	Tde8
23	Dd3	g6
24	Te2	Cf5
25	Bc3	h5
26	b5	Cce7
27	Bd2	Rg7
28	a4	Ta8
29	a5	a6
30	b6	Bb8
31	Bc2	Cc6
32	Ba4	Te7
33	Bc3	Ce5
34	De5	Da4
35	Cd4	Cd4
36	Dd4	Dd7
37	Bd2	Te8
38	Bg5	Tc8
39	Bf6+	Rh7
40	c6	Bc6
41	Dc5	Rh6
42	Tb2	Db7
43	Tb4	—

A DUPLA RUI MADEIRA / NUNO SILVA FORAM OS GRANDES VENCEDORES

Cont. da 1ª Pág.
da desistência dos seus principais opositores (portugueses) conseguissem, efectivamente, evidenciar-se.

Dentro deste grupo, merecem uma palavra de muito louvor os pilotos da Skoda, que, com os pequenos mas resistentes Felícia, conseguiram verdadeiros milagres, quase ameaçando a 1ª posição Seat.

Segunda nota explicativa:

F2 KIT CAR

Os Kit car ou F2 como também são designados derivam dos carros de grupo A. Mas, devido à alimentação do motor ser efectuada sem o recurso ao turbo compressor, obtêm uma potência específica bastante inferior.

Ao nível do andamento evidenciado a diferença também é elevada, uma vez que a tração se efectua em apenas duas rodas, o que, aliado à menor potência do motor, causa grandes diferenças de andamento, principalmente em pisos de terra.

Só ao nível da aerodinâmica é que estes automóveis mostram uma preparação superior, relativamente aos do grupo A. São exemplos deste grupo o Peugeot 309 maxi, o Renault clio maxi, o Seat Ibiza KIT CAR ou o Skoda Felícia.

Relativamente ao grupo N, António Jorge e o seu Renault Clio Williams não poderiam ter feito melhor, vencendo sem margem para dúvidas, frente a tantos adversários muito melhor equipados, inclusivamente com carros de quatro rodas motrizes, mas aos quais faltou, no mínimo, mérito para sequer tentarem ameaçar a posição do líder.

Terceira nota explicativa:

GRUPO N

Os automóveis de grupo N são aqueles que, por assim dizer, mais se aproximam dos automóveis que nós utilizamos todos os dias. Em termos de preparação, quase nada é permitido mudar, bastando apenas algumas afinações na mecânica de base e a instalação do equipamento de segurança para levar um automóvel de qualquer marca para uma prova.

Seriam 79 concorrentes à partida da Figueira da Foz dos 84 inscritos, sendo que apenas 37 chegaram ao final depois das 34 provas de classificação, que atesta a grande dificuldade e a dureza dos pisos, que caracteriza este certame do campeonato do mundo.

Foi com extrema determinação que Rui Madeira partiu, apesar da parca concorrência provocada pela regra da alternância do mundial: um bom resultado poderia reservar-lhe uma porta aberta para a próxima disputa do mundial de rallies. Não se previa, contudo, fácil a vitória, uma vez que, na sua própria equipa, a Grifone, encontraria os principais adversários, Freddy Loix e o grego Jigger, todos em Toyota Celica GT Four. Mas se este último não chegaria a partir para o rally, devido a problemas pessoais, já o belga Loix arrancava de modo a vencer, desde logo, as 3 primeiras classificativas da 1ª secção, somando uma vantagem de 12s. sobre o Ford Escort do finlandês Ari Mikkonen e 25s. sobre o Toyota de Rui Madeira, que, logo na 1ª prova de classificação, efectuou um "pião", devido à má escolha de pneus. Fernando Peres, em Ford Escort Cosworth ficava a 32s. e José Miguel, em carro idêntico, ocupava a 5ª posição. No entanto, após este pequeno azar de Madeira, seria a vez do seu mais directo opositor furar e perder 3m 10s., o que o relegou para a 10ª posição da geral e deixando já o piloto português do Toyota na 1ª posição, depois de mais adequada escolha de pneus e de também ter ganho 16s. ao finlandês Mikkonen.

À chegada à Póvoa do Varzim, no final da 1ª etapa, Madeira mantinha a liderança, com 36s de vantagem sobre Fernando Peres, 42s. sobre Mikkonen, 1m 34s. sobre J. Miguel, enquanto Loix recuperara até à 5ª posição, a 2m 27s. do líder. M. Kamioka e Jorge Bica, ambos em Subaru, fechavam o rol dos



António Nunes e Miguel Rosinha acompanharam a prova em representação do Jornal de Figueiró dos Vinhos

mais directos opositores aos primeiros classificados.

Em relação ao campeonato F2 ou 2L como também pode ser designado, houve uma luta bastante animada, com três principais intervenientes, Erwin Weber em Seat, José Carlos Macedo em Renault Clio Maxi e Aduzilho Lopes em Peugeot 309 Maxi, sendo este o primeiro a chegar à Póvoa, depois do espectacular despiste de Macedo, que desistiu, e da penalização de Weber em 1m30s., que o levaria para a 5ª posição entre os F2, que antes liderava.

O grupo N praticamente não teve história, a não ser o facto de António Jorge liderar a prova do princípio ao fim.

Infelizmente, apesar do melhor comportamento geral do público, esta 1ª etapa ficaria marcada por alguns acidentes, que só por mero acaso não tiveram consequências muito mais graves, desde o caso do espectador que se encontrava no meio da pista a ver um helicóptero e foi colhido pelo Renault de Pedro Azeredo, até um elemento da GNR, que sofreria um "toque" dado por um concorrente; passando por outro pequeno acidente com espectadores, no final de Fafo-Lameirinha e o troço de Ponte de Lima ter de ser anulado, por causa da má colocação do público. De tudo um pouco se passou desta 1ª etapa, mostrando que, infelizmente, há ainda uma extrema falta de maturidade e um total desconhecimento do perigo que é a má colocação para assistir a uma prova de estrada.



1º português — F2

filandês Mikkonen, por ter capotado logo na primeira prova de classificação, com a consequente desistência; igual sorte caberia ao 2º classificado, após a segunda passagem por Arganil-Côja, com a corria do seu Ford partida. Loix subiu para a segunda posição, a 2m8s. de Madeira, que, na mesma classificativa, não evitaria dois "piões", que o fariam perder 19s.

Para a 2ª etapa partiriam apenas 58 equipas da Póvoa do Varzim, cumprindo a 1ª prova de classificação, o espectacular circuito de Louzada, onde Rui Madeira e Freddy Loix realizaram o melhor tempo empatados, ficando claro que o belga tudo faria para chegar ao 1º lugar até à Figueira da Foz. Rui Madeira conseguiu, apesar de tudo, manter Loix a uma distância segura, para fazer a 3ª etapa com algum à-vontade. Entretanto, Loix ganhara um lugar e estava na 4ª posição, a 2m30s. do português, no final da 2ª etapa. Mas a ameaça vinha também de Fernando Peres, agora no 2º posto, a 59s. Ari Mikkonen mantinha a 3ª posição, à frente de Loix, 1m 16s. de Madeira. Esta 2ª etapa também seria fértil em desistências entre os primeiros, sendo as principais a de Jorge Bica, por despiste; e de Aduzilho Lopes, em Peugeot 306 Maxi, por a suspensão dianteira ter cedido, deixando o Seat de Jesus Puras à frente dos F2,

secundado pelos dois Skoda.

À chegada a Viseu só restavam 42 equipas prontas a disputar a 3ª e última etapa. O dia de sexta-feira começaria muito mal para o 3º classificado, o



1º F2

Até ao final da prova, a 1ª posição não viria mais a ser ameaçada e Rui Madeira seria o grande vencedor da edição de 1996 do Rally Tap Portugal.

Todavia, se Madeira foi o grande vencedor, Loix mostrou-se extraordinariamente espectacular; vencendo 22 classificativas contra 7 de Madeira, 4 de Peres e outras tantas de Mikkonen, sem conseguir, pese o seu esforço, chegar ao desejado lugar mais alto do pódio. José Miguel acabaria

por herdar o 3º lugar, fruto de uma regularidade de andamento muito calculista, ficando à frente do japonês Kamioka. O 5º lugar coube a Jesus Puras, o primeiro dos Kit Cars, beneficiando dos azares de outros, mas colhendo os pontos necessários para levar a Seat à liderança do campeonato F2. Por último, A. Jorge levou à vitória o Clio no grupo produção, com um excelente andamento, mostrando que é possível fazer boas provas frente a pilotos mais bem preparados.



3º Classificado

Para finalizar, deixamos aqui um agradecimento muito grande às forças da GNR, Brigada de Trânsito e PSP, pelo ótimo serviço prestado ao rally e pelo excelente apoio que sempre prestaram à Comunicação Social.

Seria imperdoável deixar de referir a impecável organização do rally, igual às que o Automóvel Clube de Portugal nos tem oferecido.



2º Classificado

CLASSIFICAÇÃO FINAL

P	EQUIPA	N	PILOTOS	NAVEGADOR	MARCA	MODELO	G	GERAL	DIFER.
1	GRIFONE	1	R. MADEIRA	N. SILVA	TOYOTA	CELICA GT FOUR	A	5.13.28	
2	GRIFONE	3	F. LOIX	S. SWEETS	TOYOTA	CELICA GT FOUR	A	5.15.15	00.01.47
3		14	J. MIGUEL	C. MAGALHÃES	FORD	ESCORT COSWORTH	A	5.23.22	00.09.54
4	IMPRESA RECARO	23	M. KAMIOKA	K. GORMLEY	SUBARU	IMPRESA 555	A	5.27.44	00.14.16
5	SEAT SPORT	9	J. PURAS	C. BARRIO	SEAT	IBIZA	F2	5.39.30	00.26.02*
6	SKODA	7	P. SIBERA	P. GROSS	SKODA	FELICIA	F2	5.42.01	00.28.33
7	SEAT SPORT	6	E. WEBER	M. HIEMER	SEAT	IBIZA	F2	5.48.57	00.35.29
8	RENAULT GEST	17	P. AZEREDO	F. PRATA	RENAULT	CLIO MAXI	F2	5.52.23	00.38.55
9	REMUS RACING	24	K. ROSENBERGER	H. DIETER STOCK	OPEL	ASTRA GSI	F2	5.55.01	00.41.33
10	SKODA MOTORSPOR	10	E. TRINER	P. STANC	SKODA	FELICIA	F2	5.56.03	00.42.35
13		20	A. JORGE	P. MENDES	RENAULT	CLIO WILLIAMS	N	6.07.09	00.53.41**

* VENCEDOR DA F2

** VENCEDOR DA CLASSE PRODUÇÃO

TEMPOS DA CLASSIFICATIVA DE FIGUEIRÓ DOS VINHOS

C	EQUIPA	N	PILOTOS	NAVEGADOR	MARCA	MODELO	G	TEMPO
1	GRIFONE	1	R. MADEIRA	N. SILVA	TOYOTA	CELICA GT FOUR	A	9.02S.
2	GRIFONE	3	F. LOIX	S. SWEETS	TOYOTA	CELICA GT FOUR	A	+10S.
3		14	J. MIGUEL	C. MAGALHÃES	FORD	ESCORT COSWORTH	A	+17S.
4	IMPRESA RECARO	23	M. KAMIOKA	K. GORMLEY	SUBARU	IMPRESA	A	+26S.
5	SEAT SPORT	9	J. PURAS	C. BARRIO	SEAT	IBIZA	F2	+58S.
6	SKODA	7	P. SIBERA	P. GROSS	SKODA	FELICIA	F2	+1m19s.
7	SEAT SPORT	6	E. WEBER	M. HIEMER	SEAT	IBIZA	F2	+1m20s.

Recorde deste troço em 1995 - Carlos Sainz em Subaru Impreza, com 9m04s

LISTA DE CONCORRENTES

Nº	CONCORRENTE	NAC	1º CONDUTOR	NAC	2º CONDUTOR	NAC	CARRO	GR	CL	FZ
1	HF GRIFONE	I	RUI MADEIRA	P	NUNO SILVA	P	Toyota Celica GT-Four	TU	08	
2	TOTTA PERES COMPETIÇÕES	P	FERNANDO PERES	P	RICARDO CALDEIRA	P	Ford Escort RS Cosworth	TU	08	
3	HF GRIFONE	I	FREDDY LOIX	B	SVEN SMEETS	B	Toyota Celica GT-Four	TU	08	
4	FORD MOTORSPORT	GB	ARI MOKKONEN	SF	VOITTO SILANDER	SF	Ford Escort RS Cosworth	TU	08	
5	RENAULT GET GALP	P	JOSÉ CARLOS MACEDO	P	MIGUEL BORGES	P	Renault Clio Maxi	TU	07	2L
6	SEAT SPORT	E	ERWIN EWBER	D	MANFRED HIEMER	D	Seat Ibiza GTI 16V	TU	07	2L
7	SKODA MOTORSPORT	CZ	PAVEL SIBERA	CZ	PETRA GROSS	CZ	Skoda Felícia Kit	TU	05	2L
8	GAZPROM RALLY TEAM	RUS	EVGENY VASINE	RUS	ALEXEI SHCHUKIN	RUS	Opel Astra GSI 2.0	TU	07	2L
9	SEAT SPORT	E	JESUS PURAS	E	CARLOS DEL BARRIO	E	Seat Ibiza GTI 16V	TU	07	2L
10	SKODA MOTORSPORT	CZ	EMIL TRINER	CZ	PAVEL STANC	CZ	Skoda Felícia Kit	TU	05	2L
11	DURIFORTE CONSTRUÇÕES	P	JORGE BICA	P	JOÃO SENA	P	Subaru Legacy 4WD Tur	TU	08	
12	HF GRIFONE	I	JIGGER	GR	KOSTAS STEFANIS	GR	Toyota Celica GT-Four	TU	08	
14	JOSÉ MIGUEL	P	JOSÉ MIGUEL	P	CARLOS MAGALHÃES	P	Ford Escort RS Cosworth	TU	08	
15	CARLOS CARVALHO	P	CARLOS CARVALHO	P	JOSÉ ALVES	P	Mitsubishi Galant VR-4	TU	08	
16	REMUS RACING	A	SPP HAIDER	A	STEFAN EICHHORNER	A	Opel Astra GSI 16V	TU	07	2L
17	RENAULT GESTY GALP	P	PEDRO AZEREDO	P	FERNANDO PRATA	P	Renault Clio Maxi	TU	07	2L
18	LUIS PIMENTEL	P	FILIUPE FERNANDES	P	LUIS LISBOA	P	Mitsubishi Galant VR4	TU	08	
19	PEUGEOT ESSO-COMPETIÇÃO	P	ADRUZILHO LOPES	P	LUIS LISBOA	P	Peugeot 306 16S Maxi	TU	07	2L
20	ANTÓNIO JORGE	P	ANTÓNIO JORGE	P	PAULO MENDES	P	Renault Clio Williams	PR	03	2L
21	CITROEN SPORT	P	VITOR LOPES	P	SÉRGIO PAIVA	P	Citroen ZX 16V	TU	07	2L
22	TOTTA PERES COMPETIÇÕES	P	PARCÍDIO SUMMAYVILLE	P	F. JORGE OLIVEIRA	P	Ford Escort RS Cosworth	TU	08	
23	TEAM IMPRESA RECARO FUJITSUBO	J	MASAO KAMIOKA	J	KEVIN GORMLEY	GB	Subaru Impreza 555	TU	08	
24	REMUS RACING	A	KRIS ROSENBERGER	A	HNS-DIETER STOCK	A	Opel Astra GSI 16 V	TU	07	2L
25	JOSÉ FARIA	P	JOSÉ FARIA	P	VITOR QUINTÃO	P	Opel Astra GSI 16V	TU	07	2L

PRINCIPAIS DESISTÊNCIAS DE UM TOTAL DE 42

N	PILOTOS	NAVEGADOR	MARCA	MODELO	G	MOTIVO
2	F. PERES	R. CALDEIRA	FORD	ESCORT COSWORTH	A	AVARIA
4	A. MOKKONEN	V. SILANDER	FORD	ESCORT COSWORTH	A	DESPISTE
5	J. C. MACEDO	M. BORGES	RENAULT	CLIO MAXI	F2	DESPISTE
8	E. VASINE	A. SHCHUKIN	OPEL	ASTRA GSI	F2	AVARIA
11	J. BICA	J. SENA	SUBARU	LEGACY	A	DESPISTE
15	C. CARVALHO	J. ALVES	MITSUBISHI	GALANT VR4	A	AVARIA

MOTORES

DAMON HILL, em Williams/Renault ganhou a primeira prova do Mundial de Fórmula 1 de 1996, realizada no circuito cittadino de Melbourne. Em 2º lugar ficou o outro Williams/Renault do estreante JACQUES VILLENEUVE (que fez uma corrida espectacular) em no último lugar do pódio ficou o Ferrari de EDDIE IR VINE.

PEDRO LAMY, em Minard/Ford, teve um fim de semana na Austrália para esquecer. Maus treinos, muitos problemas, má corrida, com múltiplas paragens nas boxes para apertar o cinto de segurança do carro de reserva. Esperam-se melhores performances.

24 HORAS DE LE MANS. Esta clássica prova de automobilismo mundial, contará este ano, com a presença de uma equipa portuguesa, formada pelos irmãos MELLO BREYNER, que irão estar ao volante de um Porsche 911 GT2 da equipa Seikel Motorsport.

São vários os PILOTOS PORTUGUESES a preparar a época automobilística. PEDRO COUCEIRO, MANUEL GHAO, ANDRE COUTO, JOÃO BARBOSA, RUI ÁGUAS são os nossos mosqueteiros nas corridas por essa Europa fora. A todos desejamos os maiores sucessos e nesta coluna esperamos fazer eco das suas brilhantes performances.

O pequeno NISSAN MICRA, será o veículo que vai dar corpo a um troféu destinado aos concorrentes do Campeonato Nacional de Ralis/Iniciativa, tendo como base o NISSAN MICRA 1.3 SR. O limite máximo por que ficará este veículo (pronto a correr) deverá rondar os 2.500 contos.

MANUEL ALVES DA PIEDADECLÍNICA GERAL
CONSULTAS DIÁRIASTelef. 52418
3260 FIGUEIRÓ DOS VINHOS**DOMINGOS DUARTE**

Assistente Hospitalar de Ginecologia

Consultas às 3^{as} Feiras
(início às 15,30 horas)R. Dr. Manuel Simões Barreiros, 6
Telef. 52604
Figueiró dos VinhosInformações
Telef. (039) 716314**FERNANDO BRANCO**

MÉDICO — Clínica Geral

CONSULTAS: Segundas - Terças - Quintas - Sextas

(Das 12 às 14 e das 18 às 20H)

Quartas — Das 9 às 14 e das 18 às 20H

Sábados — Das 9 às 14H

Telef. 52216 — 3260 FIGUEIRÓ DOS VINHOS

LUÍS FRIAS FERNANDES

MÉDICO

DOENÇAS ALÉRGICAS - TESTES - ASMA
BRÔNQUICA

Consultas por marcação

☎ 52338 — 3260 FIGUEIRÓ DOS VINHOS

LUÍS FILIPE LEITÃO DA SILVA

MÉDICO DENTISTA

CLÍNICA DENTÁRIA E LABORATÓRIO DE PRÓTESE

Caraminheira — Beco — 2240 Ferreira do Zêzere
(3 Km de Cabaços)Consultas: 3^a, 4^a, 5^a e 6^a feiras. Sábado só por marcação
Telefone 036 - 36188Lisboa — R. Barão Sabrosa, 309, r/c Esq. — Consultas: 2^a feira
Marcação: Telefone 01 - 8488409**ARMANDO ROCHA**

ASSISTENTE HOSPITALAR DO C.H.C. (COVÕES)

DOENÇAS DO SISTEMA NERVOSO E COLUNA

Residência: Rua Gomes Freire, 6-1^o Dt^o

Telef. 039-483792 — 3000 COIMBRA

Consultório: Av. Navarro - Edifício Topázio - 6^o andar - Sala 601
Telef. 039-29495 — 3000 COIMBRA**CLÍNICA DE OFTALMOLOGIA MÉDICO-CIRÚRGICA**

PAULO CASTRO SOUSA

Cirurgião Oftalmologista

Especialista em Oftalmologia pelos H.U.C. (Coimbra) e Ordem dos Médicos
Mestre em Oftalmologia pela Universidade de CoimbraDoenças dos olhos - Lasers - Lentes de contacto - Microcirurgia Ocular
Campimetria - Estimulação visual em crianças - OrtópticaConsultas, Microcirurgia, Tratamentos Oftalmológicos e Exames
Complementares de Diagnóstico, na Clínica Dr. Ernesto Marreca David
(Tel.: 036 - 44350) — CASTANHEIRA DE PÉRA**EDUARDO FERNANDES**

Advogado

Rua Luís Quaresma Vale do Rio, 19
TELEF. 52286 • 3260 FIGUEIRÓ DOS VINHOS**ABEL M. FERNANDES**

ADVOGADO

Figueiró dos Vinhos — Esc. Praça da República, 3, 1^o
Telef. 53450/036

Esc. Coimbra — 039/29279

FERNANDO MARTELO

ADVOGADO

Rua Dr. Manuel Simões Barreiros, 15 - 1^o
(Por cima da Rodoviária)

Telef.: 52329

FIGUEIRÓ DOS VINHOS

FILIPE MOREIRA

ADVOGADO

R. Teófilo Braga, Nº 5 - Telef. 52493
3260 FIGUEIRÓ DOS VINHOSESSERP — ESCRITÓRIO
DE SERVIÇOS E PROJECTOS, LDACONTABILIDADE, FISCALIDADE
CONTENCIOSO E ESTUDOS

Zulmira Fernandes

ADVOGADA

Rua da Torre, 22 - 1^o

Tel. 52313 3260 FIGUEIRÓ DOS VINHOS

RAÇÕES SOJAGADORAÇÕES
SOJAGADODISTRIBUÍDAS
NA REGIÃOPor
DAVID & DAVID, LDA
TELEFONESRes. ESTABELECIMENTO Res.
52676 53431 53107FIGUEIRÓ DOS VINHOS
TELEF. 52676**GABINETE DE ESTÉTICA**

DE Naciolinda Martinho Lima

PROFISSIONAL DE ESTÉTICA

VISAGISTA MASSAGISTA

EPILAÇÃO ELÉCTRICA • EPILAÇÃO POR CERAS
(Fria e Baixa Temperatura)

MANICURE — PEDICURE — CALISTA

Av. Heróis do Ultramar — Telef. 036/52565

3260 FIGUEIRÓ DOS VINHOS

*Eli***RÁDIO LITORAL DO CENTRO**PARA OUVIR
EM TODA
A REGIÃO CENTRO97.5
FM*A Rádio da Música Portuguesa*

Telefs.: 036 - 52536 — Estúdios 036 - 52382 - Fax 036 - 52639

Bairro Teófilo Braga, 16-1^o
3260 FIGUEIRÓ DOS VINHOS

OURIVESARIA LOURENÇO

ÓPTICA

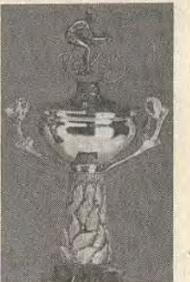
Prata, Ouro, Relógios, Jóias

ANEIS DE FORMATURA
PARA TODOS OS
CURSOSTAÇAS * TROFÉUS
MEDALHAS DESPORTIVAS

PREÇOS DE PROMOÇÃO — GRAVAÇÕES GRATUITAS

Marcam-se consultas para o médico da vista
e no mesmo dia fazem-se os óculosUMA TRADIÇÃO DE BEM SERVIR
Telef. 52105

3260 FIGUEIRÓ DOS VINHOS

**SANTAR** Clínica Médica, Lda.

CONSULTAS

- | | | |
|-----------------------------------|---------------|---------------------|
| • BOCA E DENTES | 2, 3, 4, 5 | ELECTROCARDIOGRAMAS |
| • CLÍNICA GERAL | 3, 4, 5 | AUDIÓGRAMAS |
| • CARDIOLOGIA | 3, 4, 5 | RX À BOCA |
| • DERMATOLOGIA | 3, 4, 5 | TERAPIA DA FALA |
| • OFTALMOLOGIA | 3, 4, 5 | |
| • ORL (OUVIDOS E GARGANTA) | 3, 4, 5 | |
| • PSIQUIATRIA | 4.ª e SÁBADOS | |
| • NEUROLOGIA | SÁBADOS | |
| • GINECOLOGIA - OBSTETRICIA | SÁBADOS | |

INFORMAÇÕES E MARCAÇÕES: Telef. 036 - 86300 - PRAÇA NOVA - 3250 CABAÇOS

ANSIÃO - R. Dr. Adriano Rego, 13 - r/c

CONSULTAS: às 4as e 6as - MARCAÇÕES: Telef. 036-37788

**TAXI
ARTUR**

TELEFONES

Telemóvel 0936/959633
Praça e Residência
036/52466

FIGUEIRÓ DOS VINHOS

• LEIA
• ASSINE
• DIVULGUEJORNAL DE
FIGUEIRÓ
DOS VINHOS— 90 POEMAS
— 150 PÁGINAS
— CAPA A CORESPOESIA
DE LEITURA
AGRADÁVELPREÇO 1.000\$00
(Despesas de
Correio incluídas)
VENDA A FAVOR
DAS OBRAS DE
RECUPERAÇÃO
DO CONVENTO
DO CARMO

PEDIDOS AO

JORNAL
DE FIGUEIRÓ
DOS VINHOS



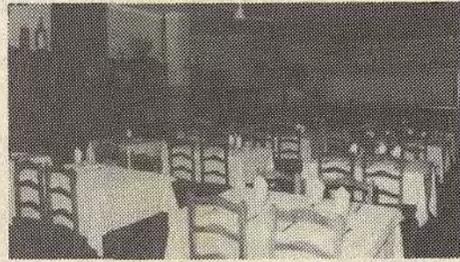
RESTAURANTE "PARIS"

DE **Amazilda da Silva Luís**

SERVE: Almoços, Petiscos, Jantares, Festas,
Excursões, Baptizados, Casamentos, Convívios, etc...

ESPECIALIDADE DA CASA:

Leitão assado à "Paris"
Churrasco na brasa



PRATOS TRADICIONAIS:

O Cozido à Portuguesa, a Chanfana, a Feijoadà Transmontana, o Bacalhau à Lagareiro, e o Bacalhau c/ Grão.

*Temos também um serviço à lista variado
para satisfazer o seu gosto*

Visite-nos e ficará a conhecer as nossas novas instalações
c/ 2 salões independentes c/ capacidade para 600 pessoas

CARAMELEIRO

Telef. 52503

3260 FIGUEIRÓ DOS VINHOS

STAND ANTÓNIO COELHO

Exposição de automóveis

Ligeiros	*	Comerciais
VW Golf 1.4	5 p. 1994	Toyota Hilux 4 p. 1994
Toyota XLI	4 p. 1994	Toyota Hilux 2 p. 1993
Opel Astra	5 p. 1995	Mazda L 2200 6 L. 1991
Opel Corsa	5 p. 1995	Mercedes 6 L. 1994
Ford Escort 1.4	5 p. 1994	
Ford Fiesta 1.1	5 p. 1995	

PEDRÓGÃO GRANDE * ZONA INDUSTRIAL
Tel. (036) 46386 Telem. 0931 351739

STAND TOYOTA — FIGUEIRÓ DOS VINHOS
Tel. (036) 52535

CONFEITARIA SANTA LUZIA
A. C. Campos
Especialidades
em Pão de Ló
e doçarias

Confeitaria e Pastelaria
FIGUEIRÓ DOS VINHOS
Telef. 52129 Doces Regionais

PASTELARIA E GELATARIA

RENAT'OS



DE ALFREDO QUINTAS

Telef. 52566
Rua Dr. Manuel Simões Barreiros, 27
3260 FIGUEIRÓ DOS VINHOS

Foto Melvi, Lda

Reportagens Fotográficas e em vídeo
para casamentos e baptizados
Passes rápidos e normais
Molduras por medida
Venda de material fotográfico

R. Dr. Manuel Simões Barreiros, 69
FIGUEIRÓ DOS VINHOS
Telefones (036) 53474 - 52785

ALUGA-SE DIARIAMENTE EM FIGUEIRÓ DOS VINHOS APARTAMENTO COM:

Sala, Dois quartos e cozinha
Trata: — Fábrica do pão de ló



(036) 52129

TERRENO VENDE-SE NO BAIRRÃO

Com 2 casas em ruínas, terra de
semeadura com oliveiras e parte
de eucaliptos.
Junto à Capela do Bairrão.
Tratar com **Edite Mendes** — Bairrão
Tel. 036 - 52423

VENDE-SE FLAT PANDA — 750 cc

Ano: 1988

Inspecção recente — válida até JUN/97

Preço: 400 contos

Facilidades de pagamento

036 - 53256

O CANTINHO DO LOURENÇO PETISCOS

Almoços, Jantares

R. Major Neutel de Abreu, 8 - Telef. (036) 53337
FIGUEIRÓ DOS VINHOS

CANOCALOR — Aquecimento, Ld^a ENERGIA SOLAR

Aquecimentos Centrais especializados em Ferro e Cobre

TELEFS 92581 e 99451 (Residência)
VALONGO — COLMEIAS - 2400 LEIRIA

CAFÉ RESTAURANTE MARIBEL



Almoços - Lanches - Jantares
ESPLANADA
Servimos Festas, Casamentos,
Baptizados

Praça Dr. António José Pimenta, 3
TELEF. 52889 3260 FIGUEIRÓ DOS VINHOS

Tintas e Esmaltes

M. TEIXEIRA



ANTIGA PRISTA

Ferragens Ferramentas,
UTILIDADES DOMÉSTICAS



Redes e Cordocria
DROGARIA

Telefones
Estabelecimento - 52481
Residência 52229 (Ponte de S. Simão) Pulverizadores

3260 FIGUEIRÓ DOS VINHOS

FLORISTA VILA FLOR

de LÚCIA C. FIDALGO

COROAS, PALMAS,
RAMOS PARA NOIVA
FLORES NATURAIS, ARTIFICIAIS
ARRANJOS DE IGREJAS E
RECEPÇÕES



AGORA TAMBÉM EM CASTANHEIRA DE PÊRA

Telef. 42316

SEDE — R. Luís Quaresma Val do Rio, 14
3260 FIGUEIRÓ DOS VINHOS
Telef: Estab.5 3278 • Resid. 52306



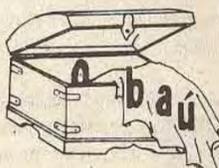
SIPICAL

—DE—
Jorge M. A. Silva

Portas, Janelas, Marquises, Montras, Tectos, Vitrines, Etc. Etc.
em Alumínio, Cor Natural, Bronze e lacado

Alta Perfeição — Entregas Rápidas

Bairro Teófilo Braga, N^o 63 — Telef. 52687
3260 FIGUEIRÓ DOS VINHOS



DE TOMÁS F. S. GRANADA
ATOALHADOS • CAMISARIA
LINGERIE

QUALIDADE * BONS PREÇOS
VISITE-NOS

Rua Dr. Manuel Simões Barreiros, 40
(Frente ao Terrabela)
3260 FIGUEIRÓ DOS VINHOS

VENDE-SE

Vivenda situada no Caramaleiro

Construção nova

Área coberta: 170 m²

Terreno: 1.400 m²

Telef. 036/53348 ou 52687

Fernandes & Caetano, Lda.

AGENTES PETROGAL

GALP gás SINGER

HOOVER TABAQUEIRA

Telef. 52219 Rua Dr. Manuel Simões Barreiros, 5

Pronto a Vestir TOP MODAS

Telef. 523 78 Praça da República, 8
3260 FIGUEIRÓ DOS VINHOS

NOTARIADO PORTUGUÊS CARTÓRIO NOTARIAL DE CONDEIXA-A-NOVA

Certifico narrativamente para fins de publicação que, no dia 28 de Dezembro de 1995, exarada a folhas 86 e seguintes, do livro de notas para escrituras diversas nº 93-D, deste Cartório, a cargo da Notária Lic. Margarida Dulce Gonçalves da Silva Marques, foi feita uma escritura de JUSTIFICAÇÃO, na qual a Sr. D. MARIA MANUELA DOS SANTOS ALVES CAVACA, contribuinte fiscal número 171 493 125, natural da freguesia da Sé Nova, do concelho de Coimbra, casada com CARLOS FRANCISCO LOURENÇO CAVACA, sob o regime da comunhão de adquiridos e residentes na cidade de Coimbra, na Rua Fernão Lopes, lote 5, 3º C, Prestou as seguintes declarações:

Que é dona e legítima possuidora, com exclusão de outrém dos seguintes bens imóveis: SITUADOS NA FREGUESIA DE AREGA, CONCELHO DE FIGUEIRÓ DOS VINHOS: Nº 1 — Um prédio urbano, composto de casa de habitação de rés-do-chão e primeiro andar com dependências, sita nos Casais, com a área coberta de cento e quarenta e dois metros quadrados e dependências com noventa e seis metros quadrados, a confrontar do norte com José Rodrigues Baião, do poente com estrada camarária, do sul e nascente com Manuel Alves, inscrito na respectiva matriz predial sob o artigo mil trezentos e setenta e dois, com o valor patrimonial de seiscentos e nove mil setecentos e noventa escudos e o atribuído de 800.000\$00; Nº 2 — Um prédio urbano, composto de casa de rés-do-chão destinada a arrecadação, com a superfície coberta de quarenta e dois metros quadrados, sita nos Casais, a confrontar do norte, sul, nascente e poente com Manuel Alves, inscrito na respectiva matriz predial sob o artigo mil quatrocentos e setenta e cinco, com o valor patrimonial de quarenta e dois mil setecentos e sessenta e oito escudos e o atribuído de 100.000\$00; Nº 3 — Um prédio rústico, composto de terra de cultura, com oliveiras, vinha, pastagem, sobreiros, um castanheiro, fruteiras e videiras em cordão, sito no Quintal, com a área de quatro mil e trezentos metros quadrados, a confrontar do norte com José Rodrigues Baião, do nascente com José da Silva Júnior e outro, do sul com caminho e do poente com estrada, inscrito na respectiva matriz predial sob o artigo cinco mil setecentos e quatro, com o valor patrimonial de dezasseis mil quinhentos e sessenta e três escudos e o atribuído de 27.500\$00; Nº 4 — Um prédio rústico, composto de pinhal e mato, com um sobreiro e cultura com videiras em cordão, com a área de mil e duzentos metros quadrados, sito na Corga da Figueira, a confrontar do norte com José da Conceição Dias e outro, do nascente com Agostinho Rodrigues Ribeiro, do sul com Manuel Antunes e do poente com caminho, inscrito na respectiva matriz predial sob o artigo cinco mil setecentos e trinta e seis, com o valor patrimonial de três mil cento e nove escudos e o declarado de 10.000\$00; Nº 5 — Um prédio rústico composto de terra de cultura com oliveira e videiras em cordão, com a área de trezentos e cinquenta metros quadrados, no sítio do Telheiro, a confrontar do norte com Carlos de Jesus Simões, do nascente com herdeiros de João Simões Baião, do sul com Joaquim dos Santos e do poente com ribeiro, inscrito na respectiva matriz predial sob o artigo cinco mil oitocentos e um, com o valor patrimonial de novecentos e noventa e dois escudos e o atribuído de 5.000\$00; Nº 6 — Um eucaliptal, pinhal e mato, sito na Volta do Rego, com a área de duzentos e quarenta metros quadrados, a confrontar do norte com Joaquim Luis Marta, do nascente com José Pires, bem como do sul e do poente com Mário Rosa Martins, inscrito na respectiva matriz predial rústica sob o artigo cinco mil oitocentos e cinquenta e sete, com o valor patrimonial de quinhentos e noventa escudos e o declarado de 5.000\$00; Nº 7 — Um eucaliptal, sito na Covada Redonda, com a área de quatrocentos metros quadrados, a confrontar do norte, nascente e poente com António Nunes, do sul com António Vaz, inscrito na respectiva matriz predial rústica sob o artigo cinco mil novecentos e dois, com o valor patrimonial de novecentos e doze escudos e o atribuído de 5.000\$00; Nº 8 — Um eucaliptal, sito na Covada Redonda, com a área de quatrocentos e cinquenta metros quadrados, a confrontar do norte e nascente com José Almeida, do sul com João Martins e do poente com João Luis, inscrito na respectiva matriz predial rústica sob o artigo cinco mil novecentos e trinta e nove, com o valor patrimonial de mil e dezanove escudos e o atribuído de sete mil e quinhentos escudos.

NOTARIADO PORTUGUÊS CARTÓRIO NOTARIAL DO CONCELHO DE FIGUEIRÓ DOS VINHOS A CARGO DA NOTÁRIA LIC. MARTA MARIA FERREIRA AGRIA FORTE

CERTIFICO para efeitos de publicação que por escritura outorgada hoje neste Cartório e exarada a folhas 9 e seguintes do respectivo livro de notas 5-D, GEORGINA BAETA MARQUES, solteira, maior, natural desta freguesia e concelho e residente no lugar de Aldeia Cimeira, freguesia de Bairradas, deste concelho, AFIRMOU:

Que é, com exclusão de outrém, dona e legítima possuidora do prédio seguinte, sito na freguesia de Bairradas, concelho de Figueiró dos Vinhos.

Terreno com duas oliveiras com a área de trinta metros quadrados, sito em LENTEIRO, que confronta do norte e poente com Manuel Rodrigues David Paiva nascente com Alvaro Martins Almeida e sul com o caminho, inscrita na matriz em nome da justificante sob o artigo 7468 com o valor patrimonial de 134\$00 e omissa na Conservatória do Registo Predial deste concelho a que atribui o valor de cinco mil escudos.

O referido prédio foi adquirido pela justificante por lhe haver sido adjudicada em partilha verbal que com os restantes herdeiros, Maria Luzia Baeta Marques e marido Agostinho Francisco da Silva residentes no referido lugar de Aldeia Cimeira fez em mil novecentos e sessenta e seis dos bens deixados por seus pais João Marques e Ana Baeta.

Que desde essa data, ela, justificante, começou a possuir o prédio em nome próprio e durante mais de vinte anos, sem a menor oposição de quem quer que seja, desde o seu início, posse que sempre exerceu ostensivamente, com o conhecimento de toda a gente e a prática reiterada dos actos habituais de um proprietário pleno, cultivando a terra, colhendo a azeitona, extraindo do prédio todas as suas utilidades pelo que sendo uma posse pacífica, pública, contínua e de boa fé, durante aquele período de tempo, adquiriu o prédio por usucapião.

Nestas circunstâncias, impossibilitada está ela, justificante, de comprovar pelos meios extrajudiciais normais, a aquisição do referido prédio, para o efeito de o registar a seu favor, na competente Conservatória do Registo Predial.

CONFERIDO, está conforme o original.

Cartório Notarial de Figueiró dos Vinhos, 27 de Fevereiro de 1996.

O Ajudante — Constantino Ágria Batista

(Jornal de Figueiró dos Vinhos, Nº 169, Março de 1996)

PRÉDIOS SITUADOS NA FREGUESIA DE MAÇAS D. MARIA, CONCELHO DE ALVAÍZERE:

Nº 9 — Prédio rústico, composto de mato com oliveiras, sito no Malhó, com a área de duzentos e cinquenta metros quadrados, a confrontar do norte com António Vaz, do nascente e sul com José da Silva Júnior e do poente com José Dias, inscrito na respectiva matriz predial sob o artigo seis mil trezentos e quarenta e seis, com o valor patrimonial de quatrocentos e quatro escudos e o atribuído de 5.000\$00; Nº 10 — Prédio rústico composto de eucaliptal e mato, sito na Barroca, com a área de mil quatrocentos e cinquenta metros quadrados, a confrontar do norte com Francisco Faneira, do sul com António Nunes, do nascente com José Moraes e do poente com regato, inscrito na respectiva matriz predial sob o artigo seis mil quinhentos e trinta e seis, com o valor patrimonial de mil cento oitenta e cinco escudos e o atribuído de 10.000\$00; Nº 11 — Eucaliptal sito em Souto Pires, com a área de novecentos e cinquenta metros quadrados, a confrontar do norte com herdeiros de João Simões Baião, do sul com caminho, nascente com José Fernandes Baião e do poente com Emídio Martins Mano, inscrito na respectiva matriz predial respectiva sob o artigo seis mil quinhentos e sessenta e dois, com o valor patrimonial de mil quatrocentos e doze escudos e o atribuído de 10.000\$00; Nº 12 — Eucaliptal sito em Souto Pires, com a área de dois mil seiscentos e sessenta metros quadrados, a confrontar do norte com José Pires Rodrigues, do sul com Manuel Rodrigues, do nascente com José da Cruz Miranda e do poente com Lino da Silva, inscrito na respectiva matriz predial rústica sob o artigo seis mil quinhentos e sessenta e oito, com o valor patrimonial de três mil oitocentos e oitenta e um escudos e o atribuído de 10.000\$00; Nº 13 — Pinhal e mato, sito na volta da Estrada, com a área de setecentos e cinquenta metros quadrados, a confrontar do norte com José Moraes Júnior, do nascente com Maria Amélia G. Baião, do sul com António M. Mano e do poente com caminho, inscrito na respectiva matriz predial rústica sob o artigo seis mil setecentos e sessenta e oito, com o valor patrimonial de mil cento e sessenta escudos e o atribuído de 10.000\$00; Nº 14 — Pinhal e mato, sito na Volta da Estrada, com a área de duzentos e trinta metros quadrados, a confrontar do norte com António Vaz, do nascente com José Henriques Baião, do sul com Fernando R. Simões e do poente com Manuel da C. Rodrigues, inscrito na respectiva matriz predial rústica sob o artigo seis mil setecentos e setenta e dois, com o valor patrimonial de trezentos e setenta e oito escudos e o atribuído de 5.000\$00.

Que estes identificados prédios encontram-se inscritos nas respectivas matrizes prediais em nome de Manuel Alves e não estão ainda descritos nas competentes Conservatórias do Registo Predial. Que os referidos prédios lhe ficaram a pertencer por doação de seus pais Manuel Alves e mulher Maria Alice Fernandes dos Santos, casados sob o regime da comunhão geral, ao tempo residentes no lugar de Casais, freguesia dita de Arega, no ano de mil novecentos e setenta e quatro, sem nunca terem efectuado a respectiva escritura de doação, encontrando-se os mesmos na posse dela justificante, há mais de vinte anos, sem qualquer interrupção nem oposição de quem quer que seja, à vista e com o conhecimento de toda a gente, de uma forma pública, pacífica, contínua e de boa fé, que sempre têm cultivado os rústicos e habitados os urbanos, pagando as suas correspondentes contribuições, pelo que, nestes termos adquiriu já, por usucapião, o correspondente direito de propriedade plena sobre os mesmos, mas que não possui, contudo, dado o modo de aquisição, documento algum com que possa comprovar o seu alegado direito, nem possibilidades de o obter pelos meios extrajudiciais normais.

ESTÁ CONFORME.

Cartório Notarial de Condeixa-a-Nova, aos 29 de Dezembro de 1995.

A NOTÁRIA
(Lic. Margarida Dulce Gonçalves da Silva Marques)

(Jornal de Figueiró dos Vinhos, Nº 169, Março de 1996)

NOTARIADO PORTUGUÊS CARTÓRIO NOTARIAL DO CONCELHO DE FIGUEIRÓ DOS VINHOS A CARGO DA NOTÁRIA LIC. MARTA MARIA FERREIRA AGRIA FORTE

CERTIFICO para efeitos de publicação que por escritura outorgada hoje neste Cartório e exarada a folhas 149 verso e seguintes do respectivo livro de notas 4-D, AMADEU GODINHO DOS SANTOS e mulher FELISBELA DE JESUS, casados sob o regime de comunhão geral de bens, naturais ele da freguesia de Aguda, deste concelho e ela da freguesia de Campelo, também deste concelho, onde residem no lugar de Fontão Fundeiro, AFIRMOU:

Que são com exclusão de outrém donos e legítimos possuidores do prédio seguinte sito na freguesia de Campelo, concelho de Figueiró dos Vinhos:

Pinhal e mato com a área de quatro mil quinhentos e sessenta metros quadrados, sita em Cavada Velha que confronta do norte com limites da Ribeira Velha, nascente com Aldina Henriques Rodrigues, sul com Maria de Jesus e poente com a Junta de Freguesia, inscrito na matriz em nome do justificante marido sob o artigo 6.048 com o valor patrimonial de 4.262\$00 a que atribuem o valor de cento e cinquenta mil escudos e omissa na Conservatória do Registo Predial deste concelho.

O referido prédio foi adquirido pelos Justificantes por compra verbal que do mesmo fizeram em mil novecentos e cinquenta e nove a Albino Coelho e mulher Maria Emília Lopes, ambos já falecidos.

Que desde essa data eles justificantes começaram a possuir o referido prédio em nome próprio e durante mais de vinte anos, sem a menor oposição de quem quer que seja desde o início, posse que sempre exerceu ostensivamente com o conhecimento de toda a gente do lugar e a prática reiterada dos actos habituais de um proprietário pleno cortando árvores, explorando a resina do pinhal, roçando mato, pelo que sendo uma posse pacífica, pública, contínua e de boa fé, durante aquele período de tempo adquiriram o prédio por usucapião.

Nestas circunstâncias impossibilitados estão eles Justificantes de comprovar pelos meios extrajudiciais normais a aquisição do referido prédio para o efeito de o registarem a seu favor na competente Conservatória do Registo Predial.

CONFERIDO, está conforme o original.

Cartório Notarial de Figueiró dos Vinhos, 16 de Fevereiro de 1996.

O Ajudante — A Notária: Marta Maria Ferreira Ágria Forte

(Jornal de Figueiró dos Vinhos, Nº 169, Março de 1996)

NOTARIADO PORTUGUÊS CARTÓRIO NOTARIAL DO CONCELHO DE FIGUEIRÓ DOS VINHOS A CARGO DA NOTÁRIA LIC. MARTA MARIA FERREIRA AGRIA FORTE

CERTIFICO para efeitos de publicação que por escritura outorgada hoje neste Cartório e exarada a folhas 22 e seguintes do respectivo livro de notas 5-D, MARIA AMÉLIA PIRES DA SILVA e marido JOAQUIM COELHO GODINHO, casados sob o regime de comunhão geral de bens, naturais ela da freguesia do Castelo, concelho de Sertã e ele desta freguesia e concelho, onde residem no lugar de Chávelho, AFIRMOU:

Que são, com exclusão de outrém, donos e legítimos possuidores do prédio seguinte, sito na freguesia e concelho de Figueiró dos Vinhos:

Eucaliptal e pinhal com a área de oitocentos e cinquenta metros quadrados sito em SOITO, que confronta de norte com a estrada, nascente com Luis Pedro Godinho, poente com António Augusto e sul com Manuel Dias inscrito na matriz em nome do justificante marido sob o artigo 21.050 com o valor patrimonial de 858\$00 e omissa na Conservatória do Registo Predial deste concelho, a que atribuem o valor de cinquenta mil escudos.

O referido prédio foi adquirido por eles justificantes, por haver sido adjudicado ao justificante marido em inventário obrigatório por óbito de seus avós Marcolino Coelho e mulher Delfina de Jesus que correu seus termos no Tribunal Judicial desta comarca no ano de mil novecentos e trinta e quatro, o qual foi destruído pelo incêndio que em mil novecentos e trinta e cinco lavrou no Tribunal Judicial desta comarca.

Que desde essa data, eles justificantes, começaram a possuir o referido prédio em nome próprio e durante mais de vinte anos, sem a menor oposição de quem quer que seja, desde o início, posse que sempre exerceu ostensivamente, com conhecimento de toda a gente do lugar e a prática reiterada dos actos habituais de um proprietário pleno cortando e plantando árvores, explorando a resina do pinhal, extraindo do prédio todas as suas utilidades, pelo que sendo uma posse pacífica, pública, contínua e de boa fé, durante aquele período de tempo, adquiriram o prédio por usucapião.

Nestas circunstâncias, impossibilitados estão eles, justificantes, de comprovar, pelos meios extrajudiciais normais, a aquisição do referido prédio, para o efeito de o registarem a seu favor na competente Conservatória do Registo Predial.

CONFERIDO, está conforme o original.

Cartório Notarial de Figueiró dos Vinhos, 6 de Março de 1996.

O Ajudante
Constantino Ágria Batista

(Jornal de Figueiró dos Vinhos, Nº 169, Março de 1996)

NOTARIADO PORTUGUÊS CARTÓRIO NOTARIAL DE CONDEIXA-A-NOVA

Certifico narrativamente para fins de publicação que, no dia 28 de Dezembro de 1995, exarada a folhas 90 e seguintes, do livro de notas para escrituras diversas nº 93-D, deste Cartório, a cargo da Notária Lic. Margarida Dulce Gonçalves da Silva Marques, foi feita uma escritura de JUSTIFICAÇÃO, na qual os Srs. Dr. JOSÉ MANUEL DOS SANTOS ALVES e mulher Dr.ª. PAULA CRISTINA SILVA DIAS SANCHES PINTO ALVES, contribuintes fiscais respectivamente números 179 740 440 e 107 986 671, naturais, ele de Moçambique e ela da freguesia de Santa Maria dos Olivais, do concelho de Tomar, casados sob o regime da comunhão geral e residentes na cidade de Coimbra, na Rua Machado de Castro, nº 48, 1º esquerdo, prestaram as seguintes declarações:

Que são donos e legítimos possuidores, com exclusão de outrém dos seguintes bens imóveis: Nº 1 - UM - Um prédio rústico, composto de pinhal e mato, sito no vale Espinheiro, com a área de quatro mil cento e vinte metros quadrados, a confrontar do norte com Fernando Rosa Simões, do nascente com limite do concelho de Figueiró dos Vinhos do sul com Domingos Teixeira e do poente com Fernando Rosa Simões, inscrito na matriz predial rústica da freguesia de Maças D. Maria, concelho de Alvaizere sob o artigo seis mil oitocentos e vinte, com o valor patrimonial de mil oitocentos e noventa escudos e o atribuído de 10.000\$00; Nº 2 — Um prédio rústico, composto de eucaliptal, pinhal e mato, com a área de vinte e um mil cento e oitenta metros quadrados, sito nas Amieiras, a confrontar do norte com José Alves, do nascente com João Rodrigues e outros, do sul com António Batista Baião e outros e do poente com Manuel Nunes Lopes dos Santos e outro, inscrito na respectiva matriz predial da freguesia de Arega, concelho de Figueiró dos Vinhos sob o artigo sete mil cento e setenta e seis, com o valor patrimonial de trinta e três mil trezentos e sessenta e seis escudos e o atribuído de 50.000\$00. Que estes identificados prédios encontram-se inscritos nas respectivas matrizes prediais em nome de Manuel Alves e não estão ainda descritos nas competentes Conservatórias do Registo Predial. Que os referidos prédios lhe ficaram a pertencer por doação que receberam de Manuel Alves e mulher Maria Alice Fernandes dos Santos, casados sob o regime da comunhão geral e ao tempo residentes no lugar de Casais, freguesia dita de Arega, no ano de mil novecentos e setenta e quatro, pais e sogros deles primeiros outorgantes, sem nunca terem efectuado a respectiva escritura de doação. Que os mesmos prédios estão na posse deles justificantes, há mais de vinte anos, sem qualquer interrupção nem oposição de quem quer que seja, que sempre os têm cultivado e deles recolhem todos os seus frutos, pagando as correspondentes contribuições, à vista e com o conhecimento de toda a gente, de uma forma pública, pacífica, contínua e de boa fé, pelo que, nestes termos adquiriram já, por usucapião, o correspondente direito de propriedade plena sobre os mesmos, mas que não possuem, contudo, dado o modo de aquisição, documento algum com que possam comprovar o seu alegado direito, nem possibilidades de o obter pelas vias extrajudiciais normais.

ESTÁ CONFORME.

Cartório Notarial de Condeixa-a-Nova, aos 29 de Dezembro de 1995

A NOTÁRIA — Lic. Margarida Dulce Gonçalves da Silva Marques

(Jornal de Figueiró dos Vinhos, Nº 169, Março de 1996)

"ALVES & FERNANDES, LIMITADA"

Sede: Quinta do Miraval, Figueiró dos Vinhos

CONSERVATÓRIA DO REGISTO COMERCIAL DE FIGUEIRÓ DOS VINHOS
Nº de Matrícula 00397/950918 Nº de Identif. de P. Colectiva 502551461
Nº de Inscrição Nº 5 Nº e data de Apresentação Ap. 04/280296

Lic. ANTÓNIO AGOSTINHO FERNANDES DE SÁ, Conservador Interino da Conservatória do Registo Comercial de Figueiró dos Vinhos, CERTIFICA QUE: Foi alterado o contrato social da sociedade em epígrafe, tendo alterado os artigos, 1º, 2º, 3º e 6º do respectivo contrato, ficando com a seguinte redacção:

ARTIGO 1º

A sociedade adopta a firma "Alves & Fernandes, Limitada", e tem a sua sede na Quinta do Miraval, freguesia e concelho de Figueiró dos Vinhos.

PARÁGRAFO ÚNICO: por simples deliberação da gerência pode a sede social ser deslocada dentro do mesmo concelho ou para concelhos limítrofes, bem como abrir ou encerrar filiais, sucursais, agências, delegações e outras formas de representação no território Nacional ou Estrangeiro.

ARTIGO 2º

O objecto da sociedade consiste na Exploração Florestal.

PARÁGRAFO ÚNICO: A sociedade poderá adquirir participações sociais em sociedades, com objecto diferente do seu, em sociedades reguladas por leis especiais e em agrupamentos complementares de empresas.

ARTIGO 3º

O capital social é de CINCO MILHÕES DE ESCUDOS, está integralmente subscrito e corresponde à soma de três quotas, uma no valor nominal de DOIS MILHÕES E QUINHENTOS MIL ESCUDOS pertencente a Domingos Henriques Alves, outra no valor nominal de QUINHENTOS MIL ESCUDOS, pertencente a Maria Idília Fernandes Simões Alves, e outra no valor nominal de DOIS MILHÕES DE ESCUDOS pertencente a Domingos Manuel Fernandes Henriques.

ARTIGO 6º

A gerência social, dispensada de caução e remunerada ou não, conforme vier a ser deliberado em Assembleia Geral, será exercida por todos os sócios, os quais ficam desde já nomeados gerentes bastando a assinatura de qualquer deles para obrigar a sociedade em todos os seus actos e contrato e representá-la em juízo e fora dele, activa e passivamente.

PARÁGRAFO ÚNICO: É vedado aos gerentes usar a firma social em actos e documentos estranhos à sociedade, tais como letras de favor, fianças, abonações e outros semelhantes.

Está conforme o original. Contém 1 folha.

Figueiró dos Vinhos e Conservatória do Registo Comercial de Figueiró dos Vinhos, 04 de Março 1996.

O Conservador Interino

Lic. (António Agostinho F. de Sá)

(Jornal de Figueiró dos Vinhos, Nº 169, Março de 1996)

**FIGUEIRÓ DOS VINHOS
TRESPOSTOS — SACAVÉM
PARTICIPAÇÃO E AGRADECIMENTO****MARIA DE LURDES DOS SANTOS ARINTO**
Falecida em 17-02-1996

Seu marido Joaquim da Conceição Arinto, sua filha, genro, netos e restante família, vêm por este meio e na impossibilidade de o fazerem pessoalmente, agradecer reconhecidamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar pelo infausto acontecimento, bem assim a todos quantos tiveram a bondade de acompanhar à última morada esta sua ente querida.

A todos a nossa eterna gratidão.

**FIGUEIRÓ DOS VINHOS
LAURINDA DA PIEDADE HENRIQUES**

Seus Filhos, Genro e Netos, na impossibilidade de agradecer pessoalmente, vêm por este meio manifestar o seu profundo reconhecimento a todos quantos se associaram ao seu pesar, bem como a todas as pessoas que a acompanharam à sua última morada.

"ANTUNES, ELIAS & MARTINS, LDª."Rua Luis Quaresma, 18 - 1º
3260 FIGUEIRÓ DOS VINHOSCONSERVATÓRIA DO REGISTO COMERCIAL DE FIGUEIRÓ DOS VINHOS
Nº de Matrícula 00391/090395 Nº de Identif. de P. Colectiva 503.361.017
Nº de Inscrição 3 Nº e data de Apresentação 02/960318

Lic. António Agostinho Fernandes de Sá, Conservador-Interino da Conservatória do Registo Comercial de Figueiró dos Vinhos, CERTIFICA que: Foi alterado o contrato social da sociedade em epígrafe, tendo os artigos alterados, 3º e 5º, ficando com a seguinte redacção:

ARTIGO TERCEIRO

O capital social é de seis milhões de escudos, integralmente realizado em dinheiro e corresponde à soma de seis quotas no valor nominal, respectivamente, de um milhão e duzentos mil escudos pertencente ao sócio José Fernando Paiva Antunes, novecentos mil escudos pertencente ao sócio José Elias dos Santos Martins, um milhão e duzentos mil escudos pertencente ao sócio Manuel Martins da Silva, um milhão e quinhentos mil escudos pertencente ao sócio Valdemar Gomes António, seiscentos mil escudos pertencente ao sócio Jorge Armando Heitor Rosa Tavares Santiago e uma de seiscentos mil escudos pertencente à sócia Teresa Maria dos Santos Puna.

ARTIGO QUINTO

A gerência da sociedade, dispensada de caução fica a cargo dos sócios José Fernando Paiva Antunes, José Elias dos Santos Martins, Manuel Martins da Silva e Valdemar Gomes António, já nomeados gerentes, sendo necessária a assinatura de dois gerentes para obrigar validamente a sociedade.

O texto do contrato na sua redacção actualizada, ficou depositada na pasta respectiva.

Está conforme o original e contém uma folha.

Figueiró dos Vinhos e Conservatória do Registo Comercial de Figueiró dos Vinhos, em 18 de Março de 1996.

O Conservador Interino — Assinatura Ilegível

(Jornal de Figueiró dos Vinhos, Nº 169, Março de 1996)

**ALDEIA DE ANA DE AVIS
FIGUEIRÓ DOS VINHOS**

Faleceu Ramiro Soares da Silva, de 36 anos, casado com Maria Teresa Quaresma Soares da Silva, pai de Paulo César e de Patrícia, com 12 e 9 anos de idade. Era filho de Manuel da Conceição Silva e de Floripes Soares Pimenta.

Pais, esposa, irmãos, sogros e cunhados agradecem a quantos o acompanharam à sua última morada.

ARRENDAM-SEDois bons armazéns, garagens ou outros fins, com estacionamento privativo, na Pedreira
Informa: António Lopes Santos

Telefone — (036) 52131/633

VENDE-SEEm Casal de S. Pedro
AGUDACasa de habitação antiga.
2.345 m2 de terreno de sementeira
com oliveiras, videiras e laranjeiras.Informa: Augusto Rodrigues
ALMOFALA DE CIMA — AGUDA
Tel. (036) 621558**"SANEVE"****COMÉRCIO PRODUTOS ALIMENTARES, LDA"**CONSERVATÓRIA DO REGISTO COMERCIAL DE CASTANHEIRA DE PERA
Nº de Matrícula 00016/930503 NIPC 502 580 704
Nº de Inscrição 03 Nº e data de Apresentação 02/960319

EDUARDO BEBIANO ANTUNES, Ajudante em substituição legal da Conservadora do Registo Comercial de Castanheira de Pera:

CERTIFICA que por escritura de "CESSÃO DE QUOTA", lavrada a fls. 17vº e seguintes do livro de notas nº 17-B do Cartório Notarial de Castanheira de Pera, em 17 de Dezembro de 1993, foram alterados os artigos 3º e 6º do pacto social da sociedade comercial por quotas, com a firma em epígrafe, os quais passaram a ter a seguinte redacção:

ARTIGO 3º

O capital social, integralmente realizado e subscrito em dinheiro, é de SEISCENTOS MIL ESCUDOS e está dividido em três quotas, sendo uma no valor nominal de quatrocentos e oitenta mil escudos pertencente ao sócio JOAQUIM MANUEL SANTOS DAS NEVES, e duas quotas no valor nominal de sessenta mil escudos cada uma, pertencentes à sócia VALENTINA MARIA RAMOS DOS SANTOS.

ARTIGO 6º

A gerência social, dispensada de caução e remunerada ou não, conforme vier a ser deliberado em Assembleia Geral, será exercida apenas pela Sócia Valentina Maria Ramos dos Santos, já sócia gerente, bastando a sua assinatura para vincular a sociedade em todos os seus actos e contratos e representá-la em Juízo e fora dele, activa e passivamente.

O texto do contrato, na sua redacção actualizada, ficou depositado na pasta respectiva.

Conservatória do Registo Comercial de Castanheira de Pera, 19 de Março de 1996.

O Ajudante — EDUARDO BEBIANO ANTUNES

(Jornal de Figueiró dos Vinhos, Nº 169, Março de 1996)

**ACÁCIO NUNES MARTINS
FATO**

13-3-94 * 13-3-96

Dois anos de eterna saudade.
Que Deus tenha a tua alma em descanso.
Recordações de teus pais, irmãos e restante família.**CASA DE HABITAÇÃO**

Vende-se casa de rés-do-chão, bem situada, no lugar do Sobreiro, Pedrógão Grande, local sossegado, ótimo para lazer, com água ao domicílio, electricidade e telefone, um poço, área de cultivo, oliveiras e eucaliptos com 3.000M2.

Trata: Caixa de Crédito Agrícola Mútuo de Figueiró dos Vinhos Tel. 036-52564

VENDE-SEVivenda situada no Carameleiro
CONSTRUÇÃO NOVA

ÁREA COBERTA: 170 M2 — TERRENO: 1.400 M2

☎ 036/53348 ou 52687

Apontamentos sobre a História da Comunicação Social

(Continuação)

O jornalismo e o correio

Se antes da posta, se arriscava a entrega de cartas pelas mãos de mensageiros próprios e de almocreves, nem por sombras se cogitava em periódicos manuscritos ou impressos, apesar de a tipografia existir desde 1445.

Tem interesse anotar-se que, do primeiro livro à primeira gazeta impressa, transcorreram 160 anos, de onde se conclui que a relação entre a tipografia e o jornal é semelhante à do tear mecânico e o pano: relação de aperfeiçoamento. E o mais extraordinário é que, nascendo na constância das letras móveis, quando elas funcionavam já por toda a parte, o jornal nasceu manuscrito, e por dilatado tempo manuscrito ficasse, suplantando, com o seu espírito jornalístico, as deslavadas folhas impressas, oficiais e oficiosas, que, aos poucos, foram brotando.

Esclarecendo com datas: o primeiro incunábulo, o "Weltgericht", é de 1445; o primeiro jornal impresso, o "Nieuwe Tijdinghen", de 1605; e do segundo quartel do quinhentismo, o primeiro jornal manuscrito (a data é incerta, mas anterior a 1551, ano em que Henrique II proibiu as "notícias que afectavam os assuntos do reino").

Aparente absurdo, explicável pela clandestinidade a que a perseguição dos governos condenou os primórdios do jornalismo e pelo elevado preço dos trabalhos tipográficos.

Da comparação das datas, verifica-se terem sido os correios, e não a tipografia, a determinante do periodismo. Compreende-se: o que a informação precisava para atingir o seu fim não era ser escrita desta ou daquela maneira, mas ser regularmente transmitida do redactor ao leitor.

Meios primitivos de comunicação

O legendário soldado de Maratona simboliza o correio na sua simplicidade.

Talvez valha a pena, no entanto, determo-nos nessa batalha, travada em 490 a.C., e que Heródoto nos descreve:

"Posto o exército grego em linha de combate, a sua frente tinha a largura da frente persa. O centro, formado

por um pequeno número de fileiras, era o ponto fraco do exército. Mas as alas apresentavam massas formidáveis. Ocupadas as posições, os auspícios mostraram-se favoráveis e os atenienses, logo que foi dado o sinal, correram sobre os bárbaros. Não havia mais de oito estádios entre os dois exércitos. Os persas, vendo os seus adversários carregar correndo, esperaram o choque e, dado o seu pequeno número e a sua maneira de atacar em marcha acelerada, julgaram-nos sofrendo de uma loucura, que, em breve, os iria perder, tanto mais que não dispunham nem de cavalaria, nem de arceiros: eis o que pensavam os bárbaros. Os atenienses travaram a peleja e combateram com uma bravura digna de memória. A batalha de Maratona durou muito tempo. No centro, os bárbaros repeliram os atenienses: o seu era composto de persas e sardos. Neste ponto, foram os vencedores. Romperam os atenienses e perseguiram-nos, avançando através do campo. Mas, nas duas alas, atenienses e plateus mostraram-se-lhes superiores. Derrotaram as tropas que defrontavam e depois, tendo-se reunido, voltaram sobre os que haviam rompido o cerco. A vitória dos atenienses foi completa. Apertaram, de perto, os fugitivos, cortaram-nos em pedaços e, depois de os terem repellido até o mar, incendiaram os seus navios. Os bárbaros perderam, na batalha, 6.400 homens, os atenienses, 192..."

Poderá considerar-se Heródoto um homem da Informação, na acepção moderna da palavra? É certo que ele fez a reportagem da batalha, não hesitando, como bom ateniense, em indicar perdas cujos números será legítimo pôr em dúvida. Mas, apesar de ter feito um sugestivo relato dos factos, com pormenores impressionantes, não era um jornalista "lato sensu". O seu escrito não foi marcado pela intenção de fazer uma comunicação imediata, antes e tão somente, quis deixar um registo que não permitisse o esquecimento do triunfo do seu povo. Faltaram-lhe a rapidez e o sentido da actualidade, além da intenção de divulgar o acontecimento. Foi, portanto, um historiador.

Repórter talvez pudesse ter sido o tal soldado que, mal apagado o estridor das armas, correu a anunciar a boa nova, com tanto esforço e tal pressa, que morreu, após ter gritado na praça pública: "Vencemos!"

Não tivesse morrido e divulgasse, imediatamente, a descrição da batalha, seria, de facto, um jornalista. Como não o fez, limitou-se a ser um correio.

E assim encerramos o parêntesis que a batalha de

Maratona nos suscitou, para regressarmos aos primitivos meios de comunicação.

O encadeamento de vários mensageiros, a pé ou a cavalo, cobriu, remotamente, as mais longas e acidentadas distâncias. Durante anos sem conta, esse foi o meio normal de comunicar a informação.

Desejosos de receber logo, em Évora, a certeza do casamento de seu filho em Sevilha, D. João II "ordenou escudeiros de sua casa postos a cavalo em paradas pelos caminhos, que, de um em outro, lhe trouxessem, como lhe trouxeram, dita certidão logo à segunda-feira seguinte ainda de dia" (Rui de Pina, "Crónica d'El-Rei D. João II"). O casamento realizara-se na véspera, domingo de pascoela, à noite).

Vinte séculos antes, Xerxes usara o mesmo processo para levar à Pérsia a notícia da sua desgraça em Salamina.

A tantas jornadas de um lugar a outro — explica Heródoto — correspondiam tantos postos em que homens a cavalo, prontos a disparar, venciavam celeremente os trajectos, afrontando a neve, a chuva, o calor e a noite. O primeiro correio transmitia as ordens ao segundo, o segundo ao terceiro, e assim passavam de mão em mão, como, entre os gregos o archote, nas festas de Vulcano. A essa carreira a cavalo chamavam os persas "angareion", literalmente "estafeta".

Xenofonte atribui a Ciro a criação do correio-montado. Mas, desde o Velho Testamento, o mensageiro era o termo de comparação de velocidade: "Os meus dias foram mais rápidos do que um correio: fugiram sem ver a felicidade" — murmurava Jó.

Avisos convencionais também se transmitiam (e ainda hoje se transmitem) através de sinais sonoros e luminosos. Ésquilo alude aos fogos acesos nos altos promontórios, das costas da Ásia à da Grécia, anunciando, ao cabo dez anos de combates, a tomada de Troia.

Abramos outro parêntesis para nos determos sobre a guerra e a conquista de Troia (1.200 anos a.C.), apontando-lhes dois ou três eventos, não porque tenham a ver com o Jornalismo, mas pelas curiosidades que envolvem.

A guerra teve, efectivamente, como objectivo, o domínio do Egeu. Contudo, o povo preferiu, às razões económicas e políticas, as origens sentimentais. Para ele, a guerra deveu-se ao rapto da bela Helena.

Em poucas palavras — e de acordo com a versão popular —, um dia, Éris, a deusa da Discórdia, não pôde assistir a uma festa, franqueada a todos os restantes deuses e deusas.

Como lhe competia (era a deusa da Discórdia), vingou-se, procurando lançar a cizânia entre três deusas: Hera, esposa de Zeus; Palas Ateneia, a deusa protectora das artes e da ciência; e Afrodite, a deusa do amor.

Conseguiu, amplamente, o seu fito, ao atirar para o meio dos convivas uma apetitosa maçã de ouro, com uma inscrição: "para a mais bela!"

Claro que a festa terminou logo ali. As deusas eram também mulheres e, consequentemente, cada uma delas reivindicou para si a maçã — e o título.

Zeus, nem por ser o pai dos deuses, logrou uma solução fácil para o impasse. Mas, em suma, propôs (e as deusas aceitaram) que o árbitro fosse Páris, príncipe — e também célebre pela sua beleza —, filho de Príamo, rei de Troia.

E enquanto Hera lhe prometia fazer dele o homem mais poderoso da Terra, Afrodite recompensá-lo-ia com a oferta, para esposa, da mulher mais bonita do mundo.

Páris, para seu mal e de muitas mais pessoas, não

hesitou e entregou a maçã a Afrodite. Era a segunda maçã a transformar-se em origem de terríveis males para os homens... porque, na ocasião, a mulher mais bela do mundo, Helena, já estava casada, com Menelau, rei de Esparta.

Páris meteu-se a caminho e, não entrando em pormenores, raptou Helena e levou-a para Troia.

Naturalmente, Menelau não gostou. E, solidariamente, todos os príncipes gregos. Uma frota de 1.200 navios rumou para Troia e o cerco começou, para durar dez anos de combates sangrentos.

Desesperados com a guerra que se eternizava, os sítiantes imaginaram um ardil: um enorme cavalo de madeira, supostamente para concitar as graças de Palas Ateneia, dentro do qual esconderam Ulisses e outros combatentes de elite, enquanto a esquadra grega fingia levantar o cerco.

Os troianos caíram na armadilha e a cidade foi tomada e arrasada.

Páris morreu, atingido por uma flecha envenenada. A mesma sorte teve o maior dos heróis gregos, Aquiles, porque a seta se lhe cravou no calcanhar, o único ponto do seu corpo que era vulnerável. Com efeito, a mãe, quando ele era criança, mergulhara-o no rio Styx, o rio dos Infernos, o que o tornava invulnerável a todas as armas. Mas, revelando uma falta de inteligência notável, esqueceu que, ao mergulhar o filho no rio, o segurava por um dos calcanhares, que, por isso, não foi molhado pela água protectora. Uma fatalidade para Aquiles, como se viu, porque lhe acertaram, exactamente, no calcanhar...

Impossível é afirmar que a guerra de Troia teve um fim exemplar: Helena regressou a Esparta e, perante a sua beleza intacta, os gregos perdoaram-lhe, inclusive o marido.

Para que tudo não fosse mau, porém, recorde-se a fidelidade de Penélope, mulher de Ulisses. Este, ansioso por regressar a casa, na rochosa Ítaca, para rever Penélope e o filho Telémaco, foi impedido por ventos contrários de o fazer. Das suas espantosas aventuras nos fala Homero, na "Odisseia".

Penélope, requestada por muitos pretendentes, que a consideravam viúva, continuou à espera de Ulisses. E para que não mais a importunassem, começou a fazer uma rica tapeçaria, garantindo que só quando a acabasse voltaria a casar-se. Mal teria tempo para fazer uma tapeçaria com quilómetros de extensão, porque Ulisses voltou dez anos depois.

Prossigamos com os meios primitivos de comunicação.

Na Gália, num instante se divulgava qualquer acontecimento de vulto — informa César —, porque os habitantes o gritavam de uns a outros, através de campos e vilas. Assim, o que se passava em Genabo de madrugada, era ouvido à tarde nos Arvernos, a 160 milhas de distância.

A conjugação de sinais luminosos permitia aos gregos o conhecimento imediato de factos ocorridos a três e quatro dias de lonjura.

Entre populações primitivas, a fogueira era e é um meio habitual de indicar perigo e convocar auxílio, assim como os tantãs e os tambores ou instrumentos de sopro.

No final da República, Roma estabeleceu com as províncias, para uso do governo, um serviço de correios, depois desenvolvido por Augusto. O público ou utilizava esse serviço ou empregava escravos.

(Continua)

CAIXA DE CRÉDITO AGRÍCOLA MÚTUO DE FIGUEIRÓ DOS VINHOS, C.R.L.

AGORA COM SERVIÇO DE **BANCO COMPLETO**

nas novas instalações em Figueiró dos Vinhos

CONTAS AO DISPÔR:

DEPÓSITO À ORDEM • DEPÓSITO A PRAZO
POUPANÇA MEALHEIRO • POUPANÇA JOVEM
POUPANÇA REFORMADO • CONTA ESPECIAL EMIGRANTE
POUPANÇA À ORDEM • CONTA SERVIÇOS • RENDIMENTO MENSAL
• CONSTITUIÇÃO DE SOCIEDADES

CARTÃO MULTIBANCO • CARTÃO VERDE GARANTIA • VISA

INVESTIMENTOS NA BOLSA
(TÍTULOS E PARTICIPAÇÕES)
CÂMBIOS

CREDITOS PARA:

AGRICULTURA • FLORESTA • PECUÁRIA
• AGRO INDUSTRIAIS • AGRO-ALIMENTARES
• AGRO-TURISMO • TURISMO RURAL • JOVENS AGRICULTORES

ELABORAÇÃO DE PROJECTOS COM TÉCNICO ADEQUADO A:

AGRICULTURA • PECUÁRIA • SILVICULTURA E ARTESANATO
• DESENVOLVIMENTO DO COMÉRCIO (PROCOM)
• APOIO ÀS PEQUENAS E MÉDIAS INDUSTRIAIS (PEDIP II)

UM APOIO DIFERENTE AOS SEUS INVESTIMENTOS

OFERECEMOS-LHE AS MELHORES TAXAS DE JURO

CONSULTE-NOS:

Sede: Rua Major Neutel de Abreu - 3260 FIGUEIRÓ DOS VINHOS
Telefs. (036) 52564/52857 - FAX 53263
Agências: CABAÇOS (Alvaiázere) — Telef. (036) 36412 — FAX 36315
PEDRÓGÃO GRANDE — Telef. (036) 46328 — FAX 46210

• LEIA,
• ASSINE
• DIVULGUE

**Jornal
de Figueiró
dos Vinhos**

**VENDEM-SE
DUAS CASAS**

Germinadas
rés do chão e 1º andar
Contactar: Tel. (036) 52678.

RESIDENCIAL MALHOA

3260 FIGUEIRÓ DOS VINHOS

TELEF. 52360

Rua Major Neutel de Abreu
Edifício Nelson (ao Barreiro)

• QUARTOS COM CASA DE BANHO PRIVATIVA
• AQUECIMENTO CENTRAL
• EM AMBIENTE DE SOSSEGO

A CONDIÇÃO FEMININA

por Luís de Matos

(Continuação)

Os primeiros alvares da libertação feminina devem-se, em grande parte, ao desenvolvimento industrial de finais do século XIX. As máquinas levaram as mulheres e até as crianças às fábricas, o que possibilitou, no caso das primeiras, que comessem, gradualmente, a tomar parte na vida social, até aí, exclusivamente reservada aos homens.

No seguimento das grandes mobilizações militares masculinas para o conflito de 1914/18, as mulheres foram chamadas a substituí-los em inúmeras profissões, mesmo nas mais duras. É desta época o desenvolvimento pioneiro do "feminismo" português, na esteira do exemplo estrangeiro.

Fundada em 1909, a Liga Republicana das Mulheres Portuguesas, reivindicava a emancipação da mulher e o seu direito ao voto.

Neste movimento salientou-se, entre outras, Beatriz Ângelo, ao conseguir ser a primeira eleitora portuguesa e, com esse gesto, ajudar a alterar a legislação eleitoral de 1912, para o direito de voto às mulheres com idade mínima de 25 anos e possuidoras de pelo menos um curso secundário ou específico, facto que, para a época, não deixou de ser uma grande vitória feminista.

Em nova alteração, de 1931, e que se manteria até 1968, data da concessão plena de voto as mulheres, exigia a lei serem as mulheres maiores ou emancipadas, possuindo pelo menos o Curso dos Liceus ou do Magistério Primário. Em alternativa, serem casadas ou chefes de família, sujeitas a determinados impostos.

Seria no Estado democrático pós-25 de Abril que as mulheres, face a lei, iriam adquirir os mesmos direitos cívicos que os homens.

Como se vê, a nossa Cultura, não obstante os esforços em prole da Justiça, entre os dois sexos, tem sido manifestamente masculina, com excepção de alguns, poucos, domínios.

Mas, dirão alguns, foram os homens que criaram o Estado, a Religião, o Comércio, a Ciência, a Arte, etc. etc..

De facto, assim foi. Devido a causas histórico-psicológicas, a nossa actual Cultura ainda sustenta numerosas características de domínio masculino.

Esta realidade demonstrada, tem uma afinidade profunda com a especialização fenómeno em que os homens ainda mostram uma mais intensa actividade do que as mulheres.

De facto, ainda que muitas tarefas domésticas tenham desaparecido, o grande esforço que as mulheres desenvolvem nos seus lares, ainda se caracteriza por uma infinidade de tarefas diferentes, ou seja, por uma menor especialização, relativamente ao desempenho das tarefas das profissões ditas masculinas.

Mesmo quando determinado trabalho lhe exige o máximo das suas faculdades, o homem evita, na medida do possível, criar afinidades entre aquele e a sua vida íntima. Por outro lado, enquanto o corpo masculino é feito para a luta e para o trabalho fisicamente violento, ao corpo feminino correspondem, de forma natural, funções bastante diferentes.

Daí o particular psiquismo de que são acusadas as mulheres, onde as ideias de força e de orgulho são ocasionais.

No homem, o conjunto das emoções é estancado com maior eficácia e a sua capacidade afectiva é mais reduzida. Daí o seu normal desprezo pelas fraquezas. O homem é fundamentalmente egoísta, não transigindo com facilidade aos apelos afectuosos, numa necessidade perpétua de afirmar a sua superioridade.

Devido ao seu corpo, a mulher é muito mais afectiva e instável.

À luz destas diferenças podemos compreender melhor a luta feminina pela sua liberdade, bem como a sua dificuldade em deixar de ser, definitivamente, um objecto passivo do desejo masculino, na sua realização em todos os domínios sociais e, na concretização dos seus direitos de igualdade.

É um facto que, antigamente, as trabalhadoras eram na sua maior parte raparigas de condição modesta, mulheres solitárias ou, inclusivamente, esposas de operários muito pobres.

Só há cerca de 30 anos, com o desenvolvimento das guerras coloniais e a crescente evolução emigratória para o estrangeiro, as mulheres e as raparigas das famílias burguesas, tenderam a procurar ocupações remuneradas, facto

que provocou grandes alterações na estrutura da população activa.

Repare-se, para melhor compreensão, no quadro abaixo:

EVOLUÇÃO DA POPULAÇÃO ACTIVA POR GRUPOS DE PROFISSÕES

(Em milhares)

GRUPOS DE PROFISSÕES	1960		1970		1981		1992	
	Masc.	Fem.	Masc.	Fem.	Masc.	Fem.	Masc.	Fem.
Directores e Quadros								
Dirigentes.....	45	3	11	1	53	7	325	188
Profissionais Intelectuais,								
Científicos e Técnicos.....	46	46	65	56	136	141	384	388
Empregados Administrativos..	133	30	175	91	279	217	205	299
Empregados de Comércio e Serviços.....	278	237	280	209	354	359	324	553
Trabalhadores da Agricultura e Pescas.....	1332	106	818	176	472	259	196	188
Trabalhadores da Indústria e Transportes.....	860	181	883	260	1230	321	1083	378

É nítido que conseguiram consagrar o seu direito ao trabalho, nas mais diversas áreas, lado a lado com os homens. Lutam ainda, é verdade, pelo salário igual para trabalho igual. Por outro lado têm de manter, para além das suas actividades profissionais, as responsabilidades inerentes as de dona-de-casa e de mãe.

Ainda que tenham uma actividade extremamente desgastante, no trabalho e no lar, porque é que tantas mulheres insistem nas suas carreiras profissionais? Mesmo nos casos em que os seus salários só dão para cobrir despesas suplementares, provocadas pela sua ausência do lar? Ou porque insistem em manter as suas profissões e depois em casa, enfrentam a preparação de refeições, o tratamento de roupas, lavagens, arrumações e a assistência aos filhos?

Há, evidentemente, uma necessidade de libertação das milenárias e aborrecidas rotinas domésticas. Mas não só isso...

Sem dúvida que, se muitas mulheres não contribuíssem para os orçamentos familiares, quantos lares não estariam despidos de muitas comodidades modernas? Quantos filhos não poderiam usufruir da educação escolar e de um futuro menos comprometedor? Mas também existe um outro forte argumento, muito comum, nas mulheres que enveredam pelas vias profissionais, fora de casa: o de assegurarem a sua sobrevivência contra os golpes do destino, em que se podem incluir a separação ou a viuvez.

Ou seja, a independência económica de todos os adultos, sejam mulheres ou homens, é o mais firme alicerce de uma sociedade equilibrada, sabendo-se que ninguém pode alcançar o máximo da sua individualidade, enquanto dependente económico do parceiro.

Deste modo, as mulheres sabem que, sejam casadas ou solteiras, só se poderão completar, logo que atinjam a sua independência económica.

No quadro abaixo surge-nos, com grande transparência, a significativa profissionalização das mulheres, sobretudo das mais jovens e também de forma significativa das de meia-idade:

TAXAS DE ACTIVIDADE POR SEXOS E ESCALÕES ETÁRIOS (1992)

Idades	Homens	Mulheres	Totais (%)
14-24	49,7	43,4	87,3
25-34	93,3	79,2	84,9
35-44	96,8	74,1	76,5
45-54	90,4	57,8	63,9
+ 54	40,8	19,7	48,3

Contudo, parece provada a ligação entre o trabalho feminino fora dos lares e o aumento dos divórcios em Portugal. Ou seja, a partir do momento em que as mulheres adquiriram a sua autonomia financeira, passaram a dispensar, logo que inevitável, os maridos que tradicionalmente as sustentavam.

É evidente que, por outro lado, os homens passaram a sentir menos escrúpulos em abandonar as suas esposas, a partir do momento em que estas se passaram a situar em planos económicos autónomos.

Ou seja, a dependência económica feminina, relativamente aos homens, deixando de existir, desimpediou muitos caminhos para o divórcio.

(Continua)

CLUBE DE VÍDEO CARDOSO

• REPORTAGENS

- Reuniões
- Casamentos/Baptizados
- Festas/Apresentações
- Passagens de modelos, etc.

• SERVIÇOS COM SONORIZAÇÃO E TÍTULOS

- Conversão de filmes 16 mm para VHS, BETA e VIDEO 8
- Conversão de filme 8 e super 8 mm para VHS, BETA e VIDEO 8
- Conversão de slides para VHS, BETA e VIDEO 8

- Conversão de fotos para VHS, BETA e VIDEO 8
- Cópias de e para VHS, BETA e VIDEO 8
- Conversão de NTSC e Secam para PAL (trabalho amador)

• Centenas de filmes de todos os géneros, originais, selados e legendados em português:

- aventuras, suspense, terror, dramas, romances, desenhos animados, policiais, Westerns, artes marciais, comédias, musicais, acção, etc..

NOVIDADES LANÇADAS TODOS OS MESES

TELEF. P.P. 52310

3260 FIGUEIRÓ DOS VINHOS

FIGUEIRÓ DOS VINHOS

MOVIMENTO PAROQUIAL

CASAMENTO:

No dia 17 de Março — Vitor Manuel Mendes Batista e Maria Alice Broegas, ele de 22 anos filho de Manuel Telhada Batista e de Maria Dionilde Conceição Almeida Mendes, residentes em Aldeia Ana de Aviz e ela de 19 anos, filha de Armando Jorge Faria Broegas e de Patrícia Anne Hunt Broegas residentes em Nodeirinho concelho de Pedrogão Grande.

ÓBITOS:

No dia 25 de Fevereiro — Conceição Rosa, de 81 anos de idade, residente no Forno Telheiro.

No dia 27 de Fevereiro — Maria Isabel Dias Pires, de 35 anos de idade, casada com José Emídio Silva Correia Curado, residentes em Marvila, Bairradas.

No dia 29 de Fevereiro — José dos Santos, de 88 anos de idade, casado com Maria Rosa Joaquina, residentes em Agrias.

No dia 3 de Março — Maria da Silva, de 94 anos de idade, viuva, residente no Casal da Fonte, Bairradas.

No dia 4 de Março — José Alberto de Lacerda Ruivo e Costa, de 57 anos de idade, casado com Jácinta Conceição Magalhães Mariz Ruivo e Costa.

No dia 5 de Março — Maria da Conceição, de 94 anos de idade, viuva, residente em Coutada, Figueiró dos Vinhos.

No dia 6 de Março — Arminda Silveira Herdade Santos, de 91 anos de idade, viuva, residente na Vila.

No dia 12 de Março — Ramiro Soares da Silva, de 36 anos de idade, casado com Maria Teresa Silva Quaresma, residentes em Aldeia Ana de Aviz.

No dia 14 de Março — António Simões Pereira, de 77 anos de idade, viuvo, residente na Amadora.

No dia 18 de Março — António Antunes, de 93 anos, viuvo de Conceição Joaquina, residente em Cabeças.

CONVITE

COMPANHEIROS DA ESCOLA SECUNDÁRIA DA CÂMARA MUNICIPAL DE FIGUEIRÓ DOS VINHOS

Eu sou o Carlos Alves, que acabei o meu 5º ano do liceu em Julho de 1960. Já lá vão 35 anos.

Fui um daqueles que não comparecemos às aulas no "Liceu Velho" e fomos para junto da Escola Nova — ali no Cabeço — que apesar de pronta teimava em não abrir as suas portas.

Foi no dia 20 de Abril de 1956 que a nossa Escola começou a funcionar. Passaram 40 anos.

Como era interessante voltar a encontrar professores e alunos desse tempo, sem esquecer a nossa querida "contínua" Marília.

Bom, certamente já se aperceberam do que vos proponho: — reunir no dia 21 de Abril próximo, num almoço, todos aqueles que passaram pela nossa Escola até ao ano lectivo de 1959/60.

Para tal, inscreve-te através do cupão abaixo e envia para a minha morada:
Bairro Teófilo Braga, 49 — 3260 Figueiró dos Vinhos
Telef. (036) 53483

O local da reunião será junto da porta da nossa Escola, às 10 horas.

A inscrição deve ser acompanhada da importância de 3.000\$00 por pessoa.

Nome _____

Morada _____

Frequentei a Escola nos anos de _____ a _____

NOTÍCIAS DE AGUDA

ÓBITOS

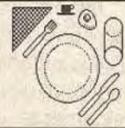
No dia 8 de Fevereiro — Armando Santos Marques Lopes, de 78 anos de idade, viuvo, residente em Casal de S. Pedro, Aguda.

No dia 20 de Fevereiro — Ricardo Jorge da Silva, de 64 anos de idade, casado com Eduarda F. Silva, residentes na Ponte de S. Simão.

No dia 3 de Março — Alberto Silva Jorge, de 74 anos de idade, casado com Maria Audozinda Faria Jorge, residentes em Coimbra.

No dia 5 de Março — Hermete Simões Tomás, de 64 anos de idade, casado com a Drª Maria Luisa Campos, residentes em Almofala de Baixo.

Culinária



COSTELETAS COM MOLHO REAL

Costeletas de porco	Sal
Pimenta	Limão
Mostarda	Manteiga
Leite	Azeite
Cenoura	Batata
Agriões	

Preparam-se as costeletas de porco para grelhar de preferência na brasa com sal.

Prepara-se o molho numa caçarola com: sumo de limão, uma colher de café de mostarda, 125 grs. de manteiga, 3 colheres de sopa de leite (água ou caldo de carne) duas colheres de sopa de bom azeite, sal e pimenta.

Leva-se a lume brando, mexendo até derreter sem deixar ferver. Deita-se por cima das costeletas grelhadas podendo acompanhar com cenoura, batata cozida e uma salada de agriões.

Para vós
Um Abraço da
Vóvó Dú

PUDIM DE NOZES COM CHILA

Açúcar — 350 grs.	Nozes — 100 grs.
Ovos — 8	Chila — 75 grs.
Claras — 5	Canela — 1 c/Chá
Limão — raspa de 1	

Põe-se ao lume o açúcar com algumas colheres de água e faz-se um ponto fraco.

Juntam-se-lhe as nozes.

Batem-se os ovos, juntam-se com o açúcar e as nozes, assim como a chila, a canela e a raspa de limão.

Vai ao forno em forma redonda caramelizada com papel no fundo.
Coze em banho maria

Abraça-vos com amizade
a (Vóvó Dú)



* Associada nº 331 da APECA
(Associação Portuguesa das
Empresas de Contabilidade Audi-
toria e Administração)

- * CONTABILIDADE
- * FISCALIDADE
- * APOIO ADMINISTRATIVO
- * SEGUROS MUNDIAL CONFIANÇA

Damos referências:
(Bancárias, Comerciais
e Institucionais)

SEDE e Escritório Principal: Carameloiro - Figueiró dos Vinhos

Tel. 036 - 52633 - Fax: 036 - 53371

ANSIÃO: Rua de S. Lourenço (Mercado) Tel./Fax: 676257

CARTA AO DIRECTOR

CHAPÉUS E BARRETES

DURA LEX...

NA CARTA DE OPINIÃO QUE DIRIGI AO DIRECTOR DO JORNAL DE FIGUEIRÓ DOS VINHOS, INTITULADA "CHAPÉUS E BARRETES" TIVE O CUIDADO, QUE PARA MIM É UM DEVER, DE DEIXAR CLARO QUEM SOU E A QUE TÍTULO RESOLVI EMITIR A MINHA OPINIÃO ATRAVÉS DAS PÁGINAS DE UM JORNAL QUE ME MERECE TODO O RESPEITO. EXTRANHAMENTE ALGUÉM NÃO IDENTIFICADO RESOLVEU RESPONDER TENTANDO DAR-ME AULAS DE JORNALISMO.

SEM QUERER ALIMENTAR POLÉMICAS RECORDO, A QUEM ME QUIS DAR LIÇÕES, QUE UM ARTIGO DE OPINIÃO ASSINADO É ISSO MESMO, UM ARTIGO DE OPINIÃO.

DAS CONSIDERAÇÕES FEITAS NA RESPOSTA A UM ARTIGO QUE NÃO TEM RESPOSTA ACABAM POR SER COMETIDAS VÁRIAS PATÉTICAS QUE EM NADA DIGNIFICAM UMA PESSOA QUE CONTINUA A SER PERFEITAMENTE DESCONHECIDA DOS LEITORES, PORQUE NÃO ASSINA AS SUAS OPINIÕES E AS SUAS PSEUDO LIÇÕES DE ÉTICA JORNALÍSTICA.

É SABIDO POR TODOS QUE SOU SOCIALISTA, SOCIALISTA POR CONVICÇÃO, NÃO TENDO SENTIDO DEIXAR DE DEFENDER AQUILO EM QUEM ACREDITO.

NUM ARTIGO DE OPINIÃO ÓBVIAMENTE AS IDEIAS BASEIAM-SE EM CONVICÇÕES.

PARA TERMINAR DEIXE-ME DIZER AO LEITOR QUE RESPONDEU ANÓNIMAMENTE Á MINHA CARTA QUE QUANDO QUERO E DEVO SER ISENTO SEGUINDO UMAS DAS MINHAS PAIXÕES, O JORNALISMO, ESCREVO EM VÁRIOS ORGÃOS DE COMUNICAÇÃO SOCIAL, CUMPRINDO A DEONTOLOGIA E A INDEPENDÊNCIA QUE REGE TÃO NOBRE ARTE.

VICTOR CAMOEZAS

Pela segunda vez, escreve-nos o Senhor Victor Jorge Camoezas sobre "Chapéus e Barretes" e mantendo o "Dura Lex..." (ainda não percebi o porquê desta "Dura Lex").

A falar verdade, falta-me a paciência para me alongar em considerações quanto as razões e aos argumentos, do Senhor Victor Jorge Camoezas. Por isso, na medida do possível, sintetizarei.

1 — *É verdade que o comentário ao primeiro texto que nos enviou não foi publicado com assinatura - que estava no original -, por um erro inqualificável da tipografia. No entanto, escrito na primeira pessoa, com um currículo muito resumido do que tem sido o meu passado no Jornalismo, não seria difícil ao Senhor Victor Jorge Camoezas "adivinhar" a identidade do autor.*

2 — *Na segunda carta, o Senhor Victor Jorge Camoezas, que começa por classificar o seu texto com "carta de opinião", logo a seguir diz ter escrito um "artigo de opinião". Em que ficamos? É carta ou é artigo? A diferença é abissal.*

3 — *Mantendo-me na análise do primeiro parágrafo da segunda carta (com um erro de ortografia: "estranhamente" escreve-se com "s" e não com "x"), não sei onde o Senhor Victor Jorge Camoezas oi buscar a ideia de que eu tinha resolvido tentar dar-lhe aulas de Jornalismo. Como? De que maneira? Embora a minha experiência como professor pareça ter dado os seus frutos, inclusive porque uma antiga aluna minha é hoje candidata aos novos Corpos Sociais do Sindicato dos Jornalistas — precisamente ao Conselho Deontológico - nunca me passou pela cabeça dar lições a quem não é capaz de aprender, nem tem a humildade de o reconhecer.*

4 — *Se cometi várias patéticas (não vejo quais) na minha resposta, o Senhor Victor Jorge Camoezas delas abusa. Basta ler, no segundo parágrafo, que um artigo de opinião assinado é mesmo um artigo de opinião. Eis uma verdade que Mr. de La Palisse não hesitaria em assinar.*

5 — *Para mim é indiferente que o Senhor Victor Jorge Camoezas seja PS, PSD, PCP ou PP. Se todos o sabem PS (no seu vastíssimo mundo de leitores ou amigos), que lhe faça bom proveito. Só que, num jornal que lhe merece todo o respeito, não cabem confissões de fé políticas. Venham donde vierem. É a linha deste Jornal, que o grupo coeso de que faço parte unanimemente respeita.*

6 — *No seu último parágrafo, um tanto confuso na redacção, o Senhor Victor Jorge Camoezas declara-se isento quando quer e deve, o que não foi o caso. Onde, também, se pode concluir que nem sempre é isento, quando escreve para os órgãos de Comunicação Social, não cumprindo, portanto, a Deontologia que rege tão nobre Arte. Chamar Arte ao Jornalismo nunca tinha ouvido ou lido. Feitas as contas, foi o Senhor Victor Jorge Camoezas quem acabou por me dar uma lição: sou artista, porque sou jornalista.*

7 — *Não é hábito escrever um texto todo em versais: torna-se difícil e até condenável alterar o que quer que seja numa peça assinada, pois, em rigor, não se sabe o que o autor pretende, mesmo em "pormenores" como o uso de maiúsculas ou minúsculas. Sobrinho que não estou a dar uma lição, sim a lembrar, ao apaixonado pela arte (ou Arte) do Jornalismo, o que os "Livros Brancos" ou "Livros de Estilo" consagram e que variam nas diferentes publicações.*

8 — *Por aqui me fico, precaverdo-me de que a tipografia não volte a omitir a minha assinatura.*

Martinho Simões



QUEBRA-TOLAS



PASSATEMPOS — CHARADAS — PALAVRAS CRUZADAS

MARÇO 1996 — Nº 5

Orientação de: F. Carvalho Araújo

Dicionários adoptados: DICIONÁRIO DE LÍNGUA PORTUGUESA (7ª Ed.) & SINÓNIMOS (ambos da Porto Editora)

Caros Amigos

Grças ao esforço do Jornal de Figueiró dos Vinhos, que fez chegar a mais de 100 charaditas luso-brasileiros o último exemplar do **QUEBRA-TOLAS**, posso dizer que foi com grande alegria que vi a resposta pronta de muitos charadistas, com o envio célere de muitas produções para a **ESFINGE DE FIGUEIRÓ**. A todos muito obrigado.

Como prometido no último **QUEBRA-TOLAS** vamo hoje dar início a um mini-torneio de palavras cruzadas, constituído de 3 problemas, que tem o aliciante de dar três fins de semana, para 2 pessoas, em locais a indicar oportunamente. Espero que concorram. Boas decifrações.

DONANFER II

ESFINGE DE FIGUEIRÓ — 2

(Dicionários adoptados: PORTO EDITORA
6ª edição & Sinónimos)

ADICIONADAS

- 1 — Quando o calor aperta o ponto da planta mais exposto fica **murcho**. 3.2
Antofer-Oeiras
- 2 — A paz, alegre-se, faz parte da **tranquilidade**. 2.2
Magno-Amadora
- 3 — Metade do tempo **passado** rola sem **limite**. 2.2
Olho de Lince-Lisboa

AFERÉTICAS

- 4 — O discurso do director foi uma **lástima**. 4.3
Antofer-Oeiras
- 5 — **Rasga-se** a roupa fraca quando mal se lhe "pega". 3.2
Arjacasa-Valpaços
- 6 — O povo **português** tem um ar muito **infeliz**. 3.2
Alexandre d'Outras-Lisboa
- 7 — **Comilona** não faz frete, de começar o dia com **banquete**. 3.2
Filisteu - Almada
- 8 — Há **aborrecimentos** tão grandes que nos podem causar a **morte**. 3.2
Lu & Za-Lisboa

APOCOPADAS

- 9 — **Barulho**, muito **barulho**. 4.3
Agagê-São Paulo
- 10 — O freguês foi **prejudicado** pelo **engano**. 3.2
Belloto-Moscavide
- 11 — Quem muito **erra** nossa paciência **esgota**. 4.3
Donanfer I - Lisboa
- 12 — Quem anda **figado** em grande manjar, por vezes pouco **come**. 3.2
Donanfer II - Lisboa

ENIGMOGRAMAS

- 13 — **Interesses** todos os têm... o que falta a muitos é a vontade de **produzir**. 5(6)6
Adogmor-Leiria
- 14 — A **pobreza** é uma **desdita!** 10(11)11
Anilosi-Almada
- 15 — Já vou à Espanha sem passar pela **alfândega**... 4 (1, 6, 7)7
Arjacasa-Valpaços
- 16 — O **feito** foi conseguido em **parte**. 4 (1.2)6
Belloto-Moscavide
- 17 — Homem **manco** sofre o seu **pedaço**. 7 (1.2.5)4
Donanfer II-Lisboa
- 18 — Com **dinheiro** por cima, até o jerico é **perito**. 5(4)4
El-Nunes-Coimbra
- 19 — A **brancura** dos nossos cabelos é o penhor da velhice. 5(6)6
Jóquei-Carcavelo

EPENTÉTICAS

- 20 — Tecidos de **rede** são bons para bordar a ponto de **cruz**. 2.3
Belloto-Moscavide
- 21 — A **experiência** da vida por vezes é dura e faz vergar muito homem **rude**. 2.3
Donanfer II-Lisboa
- 22 — **Vejo** com espanto os estranhos hábitos actuais da **raparigada**. 2.3
Filisteu-Almada

METAMORFOSEADAS

- 23 — Hoje a **lua** está em quarto **crecente**. 3(3)
Donanfer II-Lisboa

24 — **Baba** de rouxinol é um belo **engôdo**. 5(5)
Olho de Lince-Lisboa

PARAGÓGICAS

- 25 — Não **cobiço** o que é dos outros, pois seri desejo **odioso**. 3.4
Antofer-Oeiras
- 26 — Fraco **mestre** aquele que com os alunos se **enfurece**... 2.3
Arjacasa-Valpaços
- 27 — **Miserável** o homem que, em busca de paz na alma, se afoga no inferno do **vinho**. 1.2
Bon Tzé Tung-Lisboa
- 28 — **Juíz** competente, julgamento **rápido**. 2.3
Lu & Za-Lisboa

PROTÉTICAS

- 29 — Ficou **embevecida** com a **abundância** de flores. 2.3
Agagê-São Paulo
- 30 — Põe teus **olhos** nos meus e diz-me o que te vai na **alma**. 2.3
Alexandre d'Outras-Lisboa
- 31 — O **fantasma** de uma cornada, por mais experiente que seja o forçado, é algo que tem que ser sempre **considerado**. 2.3
Donanfer II-Lisboa
- 32 — Dai a **Deus** o que é de Deus e a César o que é de **César**. 1.2
Jóquei-Carcavelos
- 33 — As ruas, se bem pensarem, **não** precisam de passeio p'ra os carros estacionarem e as "bestas" irem p'lo **meio**. 1.2
Olho de Lince-Lisboa

SINCOPADAS

- 34 — **Gravata** sim... ponha e **ajuste**. 3.2
Adogmor-Leiria
- 35 — O **conforto** no lar é dos requisitos que mais **aprecio** na vida. 3.2
Bon Tzé Tung-Lisboa
- 36 — Andei **ocupado** a comprar umas terras; gastei dinheiro mas parece que comprei um bom **pedaço**. 3.2
Donanfer II - Lisboa
- 37 — **Coração** enriquecido com amizade a valer à vida dá mais sentido ao homem outro **poder**. 3.2
El-Nunes-Coimbra
- 38 — A **generosidade** provém muitas vezes da pessoa mais **simples**. 3.2
Jóquei-Carcavelos
- 39 — O **Palácio** dos Seteais é um monumento único no **Mundo**. 3.2
Lu & Za-Lisboa

SINTÉTICAS

- 40 — Foi uma grande **confusão** quando **roubei** a fruta naquela noite de **luar**. 2.2
Donanfer II-Lisboa

CARTÕES

Estes cartões foram mal impressos na tipografia. Tente encontrar e decifrar as respectivas mensagens.

1 — JORNALISTA DA TV
MANAM ARTE GARRIDA

2 — ESCRITOR
PISO CARROS DE JOSÉ

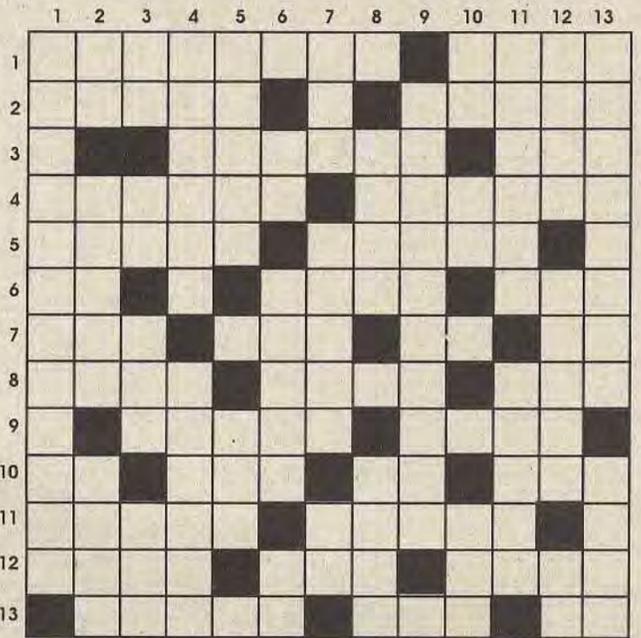
3 — PIANISTA
AREI MAS PÃO RIJO

4 — TREINADOR DE FUTEBOL
O CARIZ QUER SOL

Entre os decifradores (totalistas ou não) serão sorteados 2 livros.
VINICIUS-Peniche

Prazo de envio das soluções do presente número
do QUEBRA-TOLAS :
30 de Abril de 1996

PALAVRAS CRUZADAS — 5



HORIZONTAIS: 1 - Alcobaca tem um. Matagal. 2 - Temo muitos. Saltam. 3 - Neste País têm rebentado muitas bombas. Berne. 4 - Desejs. Reinar. 5 - estes animais gostam de salmão. Parte do bolo. 6 - Estás. Costurei. Meia manga, que é uma ilha inglesa. 7 - Reboque. Perniciosas. Podemos senti-lo na garganta. O antigo dó. 8 - Calcula. Minhoca. Ainda. 9 - Ninharia. Tem 6 lados e 21 pintas. 10 - Abreviatura de uma rádio portuguesa. Raiva. Sózinho. Exército Republicano Irlandês (brev.). 11 - Ponto cardeal. É adorada pelos italianos. 12 - A Tailândia era assim conhecida. Opõe-se ao bem. É um grande continente. 13 - Pessoa muito parecida com outra. Antiga porcelana do Oriente. Sem ele não vivemos.

VERTICAIS: 1 - Estes três ficaram famosos. 2 - Aqueles. Infiéis. Portugal teve muitos. 3 - Foi a polícia de Hitler. Estás. Adora. Saudável. 4 - Em Espanha existem os de morte. Os árbitros usam-nos. 5 - Teus. Medida agrária. 6 - Reis (abrev.). Tombara. Nefasta. 7 - Vem no início de muitas moradas. Geralmente cheira mal. Daninha. 8 - Bebedeiras. Cada casa deve ter pelo menos uma. 9 - Encontram-se nos motores. 10 - Macho. Níquel abreviado. Geralmente anda junto com a pimenta. 11 - Arrendam. Transfere para outro dia. 12 - Cada maluco tem a sua. Toda a obra tem o seu. Andava. 13 - Cidade portuguesa. Lavrar.

MALA POSTA

Antofer — Grato pelas suas produções. Votos de boas e rápidas melhoras.

Belloto — Agradeço as charadas enviadas. Faço votos para que o CHARADISTA continue a sua senda em prol do nosso passatempo, mas necessita de algumas mudanças. Depois falamos.

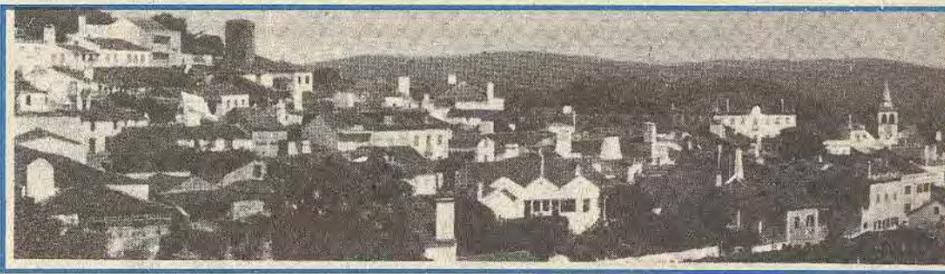
Vinicius — A sua performance no concurso da TV até foi boa, mas o raio do botão... Boa sorte para a próxima. Mandê-me mais trabalhos.

Enviem as vossas soluções para:

QUEBRA-TOLAS

F. Carvalho Araújo
Av. Heróis do Ultramar S/N - 1º andar
Zereiro

3260 FIGUEIRÓ DOS VINHOS



ÚLTIMA PÁGINA ÚLTIMA PÁGINA ÚLTIMA PÁGINA ÚLTIMA PÁGINA ÚLTIMA PÁGINA ÚLTIMA PÁGINA
 ÚLTIMA PÁGINA ÚLTIMA PÁGINA ÚLTIMA PÁGINA ÚLTIMA PÁGINA ÚLTIMA PÁGINA ÚLTIMA PÁGINA
 ÚLTIMA PÁGINA ÚLTIMA PÁGINA ÚLTIMA PÁGINA ÚLTIMA PÁGINA ÚLTIMA PÁGINA ÚLTIMA PÁGINA
 ÚLTIMA PÁGINA ÚLTIMA PÁGINA ÚLTIMA PÁGINA ÚLTIMA PÁGINA ÚLTIMA PÁGINA ÚLTIMA PÁGINA
 ÚLTIMA PÁGINA ÚLTIMA PÁGINA ÚLTIMA PÁGINA ÚLTIMA PÁGINA ÚLTIMA PÁGINA ÚLTIMA PÁGINA
 ÚLTIMA PÁGINA ÚLTIMA PÁGINA ÚLTIMA PÁGINA ÚLTIMA PÁGINA ÚLTIMA PÁGINA ÚLTIMA PÁGINA
 ÚLTIMA PÁGINA ÚLTIMA PÁGINA ÚLTIMA PÁGINA ÚLTIMA PÁGINA ÚLTIMA PÁGINA ÚLTIMA PÁGINA
 ÚLTIMA PÁGINA ÚLTIMA PÁGINA ÚLTIMA PÁGINA ÚLTIMA PÁGINA ÚLTIMA PÁGINA ÚLTIMA PÁGINA
 ÚLTIMA PÁGINA ÚLTIMA PÁGINA ÚLTIMA PÁGINA ÚLTIMA PÁGINA ÚLTIMA PÁGINA ÚLTIMA PÁGINA
 ÚLTIMA PÁGINA ÚLTIMA PÁGINA ÚLTIMA PÁGINA ÚLTIMA PÁGINA ÚLTIMA PÁGINA ÚLTIMA PÁGINA

JORNAL FIGUEIRÓ DOS VINHOS

VIAGENS À MEMÓRIA

O Cubal merca das instalações oficiais do C.F.B. (Caminho de Ferro de Benguela) e dos bairros residenciais dos seus muitos empregados crescera a ponto de passar, em escassos anos, de simples Posto Administrativo, a Vila com Administração de Concelho e, logo a seguir, a Cidade. Desmembrada do Concelho da Ganda, a que pertenceu durante dezenas de anos, deixara-a viúva sem marido morto e ultrapassava-a não fora o alerta. Já rememorei a história.

A verdade é que, há males que veem por bem, todos os habitantes da Ganda espreitaram em face da injustiça que lhe fora produzida e congregaram-se em torno da Câmara, pretendendo demonstrar capacidade, engenho e brio. Os Vereadores tiveram a sorte e o bom senso de saber escolher os poucos funcionários de que podia dispor — face a orçamentos de 4 mil contos — para um Concelho do tamanho de um País e obtiveram deles um estremecido interesse que revolvia montanhas. O Sá Moura, pau para toda a obra; o Marques que mexia na motoniveladora como se fora uma bicicleta; o Barros electricista que sucedeu ao Pai e lá nascera; o Joaquim que tratava de ruas e jardim... Todos adivinhavam ordens...

Em pouco tempo e com

pontual recurso a estranhos a que não se podia pagar pois o dinheiro ou era bem aplicado ou fundia-se em nada, construiu-se um campo de futebol com bancada e balneários, o campo de tiro electricificado e sofisticados meios de concursos, o campo de aviação com uma pista de 2.300 metros considerado o melhor de Angola em terra batida, e, considerada a joia da coroa, um bairro para indígenas pelo sistema de auto construção em que a Câmara dava terreno, planta, todos os materiais e cedía o pessoal necessário quando os auto construtores não tinham artista da especialidade como era o caso do electricista. A electricidade custava ao utente 5\$00/lampada/mês. Incentivados foram aparecendo os interessados e não devo esconder que o homem negro vivia e preferia viver em palhotas de capim com esqueleto de pau e o melhor que fazia era casa de pau a pique (barreada) de divisão única. Não posso dizer que não fosse inteligente esta residência pois não deixava entrar água e naquela zona quando chovia era a sério e era fresca no tempo do calor. A porta era do mesmo material: — capim com dobradiças de londobe (casca de árvore). Raramente se viam construções de adobe (blocos de barro amassado com capim). E porque não

havia outras possibilidades de receita todo o homem era obrigado a pagar ao Estado o imposto de palhota assim mesmo chamado que acompanhava e outro único imposto que era exigido: o imposto de fogo que permitia — que remédio — que todo o indígena queimasse o capim das anharas para alimentar o seu gado com os rebentos do capim novo. Um e outro somados alimentavam com a ridicularia de 40\$ (15+25) o erário público.

Neste aspecto foi a Ganda um exemplo que chegou a entusiasmar Governantes que, com algum exagero na nossa apreciação de então, achavam a construção do bairro um exemplo a apontar.

Chegaram mesmo a fazer visitas para ver e ouvir explicações dos directamente interessados e a Câmara, aproveitava o almoço volante que sempre ofereci aos ilustres visitantes, confeccionados pelas senhoras que se esperavam, para ir pedindo mais uma ajuda que nenhum tinha coragem para negar. O almoço vencia vontades...

Aqueles Amigos e Senhoras que, amavelmente, consentiram o nosso convívio, meu e de minha mulher, quero afirmar que a nossa memória não os esquece.

Lopes dos Santos

POSITIVOS e NEGATIVOS

Reproduzimos de um semanário que se publica na cidade de Leiria o seguinte trecho: — A região de Leiria é, em termos turísticos, um ponto de passagem com um potencial de negócios não aproveitado. Esta é uma das conclusões de um estudo feito para definir um plano estratégico de desenvolvimento turístico na área dos oito municípios que integram a Região de Turismo da Rota do Sol.

Que saibamos aqui pelo Norte do Distrito também passa o Sol e, em termos de turismo merece também alta atenção a região entre a serra e o rio, Serra da Lousã e Rio Zezere. Então vamos a isto senhores que se faz tarde...

É indesmentível que o comércio, na generalidade, atravessa crise profunda que a não debelar-se, encalinhará muitas firmas ao encerramento. Não falamos, somente, das que se dedicam ao alimentar porque outras actividades bem distintas, sentem a quebra do negócio. Falamos de todo o comércio da zona.

As grandes superfícies

vieram, sem dúvida, a afectar o pequeno comércio agora conhecido por tradicional vendendo a preços mas baixos do que os que os armenistas e até as fábricas praticam. Porque, adquirindo escalões enormes e tendo outras condições de pagamento aqui em Portugal ou no estrangeiro — agora que as portas estão escancaradas — conseguem preços que provocam admiração. Com um senão de preferirem produtos estrangeiros não tão gostosos como os nossos...

Tem aumentado, substancialmente, o volume de tráfego na estrada camarária da Castanheira de Figueiró. De ligeiros e pesados.

A estrada é estreita, muito estreita mesmo e para além deste "desgosto" aparecem cada vez mais os queixumes de quem possibilidades de construir e não pode porque o PDM estorva. A verdade é que tal Lei regularizadora é capaz de provocar fuga dos interessados prejudi-

cando o interesse da Vila e o seu desenvolvimento e onde os preços dos terrenos atingem preços inacessíveis.

Lemos que o INVESTIMENTO FLORESTAL está a ser aconselhado a investidores que possuam terrenos pois está provado que provoca uma rentabilidade de 9 a 10 % ao ano a longo prazo. Admite-se, no geral, que o longo prazo atinja os sete anos ou mais.

E, de nossa lavra, avançamos que não seria difícil a Ministério da Agricultura, que tem 17 mil funcionários, criar um parque de máquinas em locais escolhidos, bem escolhidos, segundo o interesse geral e fazer com os proprietários dos terrenos devolutos, contratos de reflorestação em parceria. No acto de corte e venda, o Estado ressarciria dos gastos.

Desde logo a terra revolvida por grade ou ripper ficava imunizada ao fogo durante anos. Evitava-se o escavamento e a erosão.

Também podemos ter opinião...

Norte do distrito TELECOMUNICAÇÕES VÃO MELHORAR

As telecomunicações móveis vão melhorar no norte do distrito de Leiria. Mercê de um acordo tripartido, a TMN e a Telecel vão "instalar-se" em Figueiró dos Vinhos.

Estas duas empresas vão utilizar a torre e as instalações propriedade da RÁDIO LITORAL DO CENTRO, no Cabeço do Peão. Para o efeito, foi necessário substituir a torre existente, por outra mais alta e mais resistente, e ampliar as instalações do emissor da Rádio.

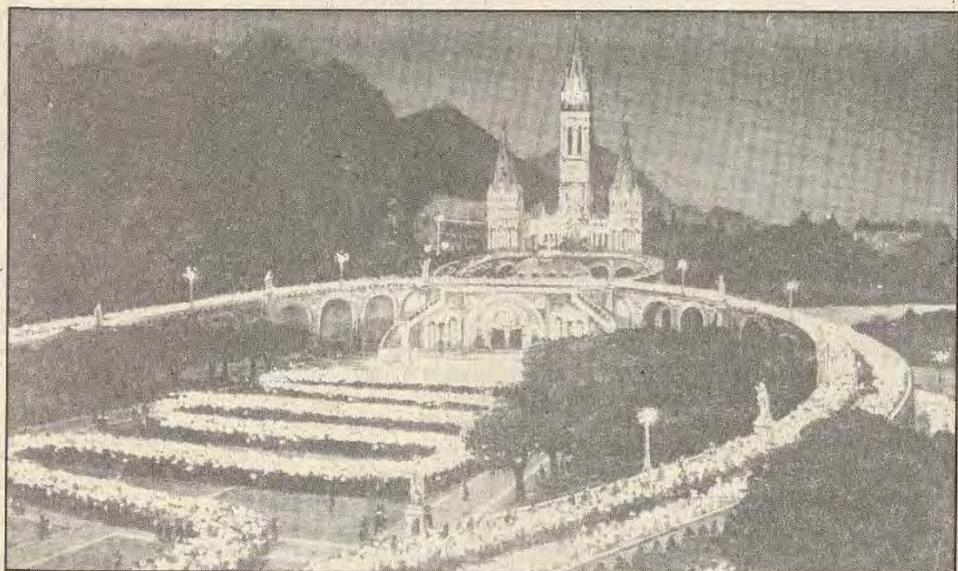
Este acordo, que envolveu, igualmente, a Autarquia, vai permitir melhorar as comunicações via telemóvel, nomeadamente dos de 2 Watts, em todo o ICS.

Jantar Convívio

Um grupo de personalidades dos cinco Concelhos do Norte do Distrito de Leiria vai levar a efeito um Jantar Convívio com o Dr. Álvaro Henriques Gonçalves, ex-Director do Centro de Emprego de Figueiró dos Vinhos.

A iniciativa é aberta a todos quantos o desejarem e terá lugar no dia 10 de Abril, pelas 20 horas, no Restaurante Panorama em Figueiró dos Vinhos onde poderão ser efectuadas as inscrições.

PEREGRINAÇÃO A LOURDES



5 a 10 de Setembro

Venha connosco visitar Salamanca, Ávila, (terra de Santa Teresã), Valle de los Caídos, Madrid, (com visita ao Palácio Real), Saragoça (Santuário de Nossa Senhora do Pilar, Torreciudad, (Santuário Mariano),

LOURDES,

Pau, Bayonne, Biarritz, San Sebastien, Bilbao e Burgos (das mais belas catedrais de Espanha).

Inscrições: Paróquia de Figueiró dos Vinhos
Tel. 036-52461